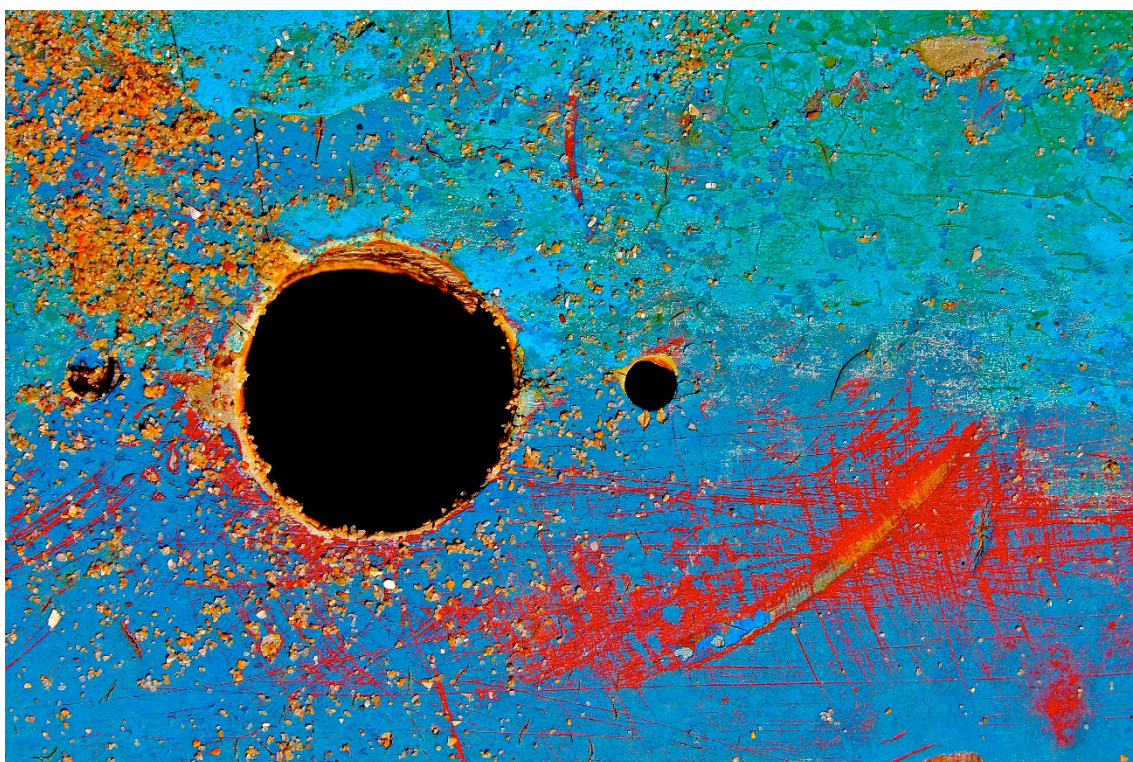


# **NO REGRESSO À ESCOLA – Reimaginar e praticar uma gramática generativa e transformacional**



**José Matias Alves & Ilídia Cabral [Org.]**

**SAME – SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA - UCP**

**PORTO | 2021**

## Ficha técnica

**Organização:** José Matias Alves & Ilídia Cabral

**Autores:** Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Amândio Azevedo, Ana Gabriela Moreira, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, António Oliveira, Carlos Alberto Dias de Sousa, Carlos Café, Conceição Pimenta, Daniela Flores da Silva, Diogo Lopes, Fátima Almeida, Fátima Tavares Braga da Silva, Fernando Elias, Filipa Alexandre, Filipa Araújo, Filipa Magalhães, Generosa Pinheiro, Ilídia Cabral; Isabel Lage, José Matias Alves, Lara Manhente, Luís Gonçalves, Manuel Monteiro, Manuela Machado, Margarida Araújo, Margarida Pena Oliveira, Paulo Antunes, Rosário Queirós, Rui Morais Silva, Sónia Soares Lopes, Teresa Pombo

**Foto de capa:** Regina Matos de Almeida

**Composição:** Francisco Martins

**Local de edição:** Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 | Porto | Portugal

**Edição:** Faculdade de Educação e Psicologia

**Ano e mês:** 2021, março

**ISBN:** 978-989-53098-1-8

## Índice

No regresso à escola – Reimaginar e praticar uma gramática generativa e transformacional ....	4
<b>A voz dos diretores de Escolas   Agrupamentos.....</b>	<b>21</b>
Diário Covid-19 .....	22
Até quando a Pandemia?.....	27
Aprendemos a não desistir de sonhar e de criar .....	33
O que aprendemos entre fevereiro e março de 2021, tendo em vista um renovado ensino presencial? .....	38
Pandemia: um manancial de oportunidades?.....	44
Reinvenção .....	48
Tempos de (des)confinamentos.....	51
“Um ano de Pandemia” .....	56
<b>A voz de professores e investigadores .....</b>	<b>61</b>
Eramos felizes e não sabíamos.....	62
Faz-te ouvir! A voz dos alunos importa.....	66
O (in)sustentável peso da distância – ecos de sete semanas de E@D .....	73
Os bumerangues motivacionais de um professor .....	77
Aprendizagem de aquário.....	78
Conclusão - Na voz do/as alunos/as .....	80
“E@D”, desafio e oportunidade!.....	83
Em busca do tempo perdido - Diálogo sobre as tentações do pós-pandemia.....	86
Do regresso à escola – sobre o peso e a leveza dos tempos e modos .....	93
O que aprendemos durante o segundo confinamento [e queremos].....	99
Reinventar afetos e pedagogias... vidas.....	102
O que aprendemos, nós professores, [poderemos ter aprendido...] durante o tempo do 2º confinamento entre fevereiro e março de 2021? .....	107
E@D – experiências inovadoras a replicar .....	111
Agora.....	119
No E@D temos mais dúvidas, acreditamos menos .....	124
O que aprendemos [poderíamos ter aprendido] durante o 2º confinamento. ....	127
O que aprendemos entre fevereiro e março de 2021, tendo em vista um renovado ensino presencial? .....	131
A Escola ausente .....	133

## No regresso à escola – Reimaginar e praticar uma gramática generativa e transformacional



**José Matias Alves & Ilídia Cabral**

É recorrente o discurso da necessidade de reinvenção da escola, dado o seu esgotado modelo fabril. Diversos autores (Nóvoa, 2005; Barroso, 2004) têm insistido neste imperativo de reimaginar o modelo de organização das aprendizagens, designadamente, a conceção do currículo, a sua gestão e desenvolvimento local, o modo de agrupar os alunos, de organizar os espaços e os tempos, os modos de trabalho docente. A OCDE enuncia cenários de evolução dos modelos de escolarização (OCDE, 2020), admitindo até a desescolarização massiva se a escola se não reconfigurar radicalmente. Académicos e investigadores como Elmore (1992) já não acreditam na capacidade da escola se reimaginar, advogando um retorno às velhas teses de Ivan Illich (1985).

O próprio sistema educativo, na sua configuração normativa, advoga uma gestão flexível do currículo e apela para outras formas e ambientes de promoção das aprendizagens [Decreto-Lei nº 55/2018]. E chegamos, enfim, à pandemia, ao ensino remoto de emergência, à reclusão doméstica, às aprendizagens geradas através de plataformas *online* e a um vaivém entre a escola e a casa.

Diversas vozes, incluindo as dos autores deste texto, (Alves, 2020; Cabral, 2020) têm insistido que este terramoto deveria ser uma oportunidade para mudar registos de organização de ensino, conciliar ensino a distância com ensino presencial, e modos de fazer aprender, passando de uma pedagogia da exposição e do tédio para uma pedagogia da pesquisa, do desafio, da produção e da implicação.

Este livro nasce neste contexto de interpelação e de desejável metamorfose. Por isso, solicitamos a um conjunto alargado de professores que escrevessem sobre as vivências e as aprendizagens geradas no tempo de confinamento e de ensino remoto e sobre os efeitos que estas poderiam ter quando acontecesse o regresso a uma



escolarização presencial. Independentemente da pluralidade de vozes que os nossos leitores vão ter oportunidade de ler, tentamos, neste ensaio breve, tecer as regras para uma outra gramática de escolarização.

### **1. Do currículo centralmente concebido**

O currículo centralmente concebido continua a sofrer do problema da compartimentação e atomização disciplinar, da ideia de que a quantidade de conteúdos é preferível à sua qualidade sendo partidário da velha ideia de “uma cabeça cheia” de noções e conceitos, de um excesso de “matéria”, particularmente incompreensível num cenário de 12 anos de escolaridade obrigatória. A esta grave série de problemas pode acrescentar-se uma acentuada desarticulação interdisciplinar, sobreposição de conteúdos, ausência de uma matriz que lhe confira intencionalidade global e legibilidade [sendo depois muito difícil de articular na base, nas escolas, o que vem estruturalmente desarticulado]. O currículo é concebido centralmente pelas corporações disciplinares, sendo notória a ausência estrutural de unidade de referência e de sentido. Este quadro sombrio é completado com a desarticulação entre o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória ([Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho](#)), o decreto da Gestão Flexível do currículo (Decreto-Lei 55/2018 de 6 de julho), os programas prescritos, as aprendizagens (ditas) essenciais, que deveriam ser garantidas ao universo dos alunos, e os sacrossantos exames que continuam só para servir de seleção e seriação no acesso ao ensino superior, perdendo toda a lógica de conclusão do ensino secundário. Ora, este grave tempo de crise global deveria ter servido para olhar para este magno problema e atenuar os seus nefastos efeitos nas escolas. Simplificar, harmonizar orientações, obrigar os programas a cumprir as disposições do perfil dos alunos e obrigar os exames a uma construção que tivesse em conta este referencial maior. Em vez de multiplicar orientações para gerir o que já é manifestamente ingerível. De acrescentar tempos de verão ou outros em que praticamente ninguém aprenderia. Ou mesmo de fazer exames para determinar o nível (no ingénuo pressuposto de que depois disso haveria a recuperação estimada). Esta seria a primeira rutura. Simbólica, certamente. Mas poderosa para desmontar os álibis e os bodes expiatórios muitas vezes gerados nas bases. E para dar o exemplo, vindo de cima.

## **2. Do currículo recebido, gerido, praticado e aprendido**

As escolas e os professores recebem este currículo gravemente enfermo, como tem vindo a ser anotado. Mas todo o currículo (e os programas que o constituem) é interpretado pelos profissionais que o recebem, sendo objetiva e subjetivamente reescrito e reelaborado em função das culturas de escola, das culturas profissionais, do que se supõe que vai “sair nos exames” [nos casos das disciplinas a eles sujeitos], e certamente também em função dos contextos e dos alunos [como aliás deve ser].

Para tornar mais complexa esta operação, o currículo recebido é depois diferenciadamente gerido, praticado e avaliado. E chegamos ao currículo aprendido, que, em última instância é o que interessa e conta. Daí fazer todo o sentido que cada escola e cada professor realize uma monitorização cuidada do que os alunos (cada aluno) vai aprendendo e se definam as estratégias de remediação | superação | desenvolvimento que os profissionais entendam mais adequadas. Esta operação é de elevada centralidade, mas só possível através de lideranças distribuídas, atentas e focadas nas aprendizagens e que disponham de instrumentos de diagnóstico e planeamento fiáveis. Mas não basta. É preciso que os modos de trabalho (e de avaliação) docente estejam alinhados com este propósito. Este é outro campo de intervenção urgente e essencial a nível de cada escola e agrupamento. Muito mais importante do que a parafernália de medidas de *compensação* que ditos especialistas têm vindo a propor.

## **3. Do currículo como projeto (aberto) de fazer aprender**

Os pontos anteriores remetem-nos para a ideia de que o currículo que realmente interessa é aquele que é contextualizado e aprendido. Para que isto seja possível recorreremos a uma ideia gasta, mas operatorialmente pertinente: temos de construir, praticar e fazer aprender um currículo que seja um projeto inserido no território, que interpele os alunos, e que faça germinar a vontade de procurar, trabalhar e aprender. E como a profissão docente sempre requer um mínimo de colaboração dos alunos, como sustentava António Nóvoa [sendo aliás uma evidência empírica para todos nós, pois não conseguimos ensinar quem não quer aprender], é imperativo convocá-los para aprendizagens significativas, contextualizadas, que lhes façam sentido [a descoberta do sentido das coisas é das atitudes mais relevantes da vida escolar]. A reinvenção da escola

passa, em larga medida, por um planeamento e por uma ação educativa muito mais atenta aos alunos, muito mais flexível nas suas configurações epistemológicas, espaciais e temporais. É em cada território que as aprendizagens se salvam. Não é nos gabinetes de estudo de Lisboa.

#### **4. Da organização seriada de alunos. Os anos e as turmas. Os grupos flexíveis de aprendizagem.**

Uma nova gramática de escolarização obriga a pensar como organizamos os alunos no grande espaço e tempo escolar. Tradicionalmente, organizamos os alunos em anos, em função da idade. Dentro de cada ano, organizamos as turmas segundo o princípio desejável da heterogeneidade limitada [explica-se este conceito em Alves, 2010], recusando-se (teoricamente) a ideia das turmas de nível homogêneas, praticadas num número indefinido de escolas. Esta recusa tem um fundamento óbvio: com turmas homogêneas consegue-se elevar o nível médio dos resultados académicos, mas à custa do incremento das desigualdades, das injustiças e do empobrecimento das aprendizagens sociais e pessoais. Como já se explicou, a turma é uma má medida organizacional (Formosinho, Verdasca & Alves, 2016) porque limita as possibilidades de diferenciar as propostas de aprendizagem. Uma nova escola teria de conciliar as turmas com o agrupamento flexível de alunos durante x tempos por semana e por um período entre 30 a 45 dias. Estes agrupamentos seriam identificados pelos professores das equipas educativas (voltaremos a este ponto) em função das aprendizagens realizadas e a realizar. Deste modo, o menu educativo seria diferente durante algumas horas por semana em função das necessidades reais dos alunos e dentro do tempo curricular previsto, sem necessidade de mais horas de apoio extracurricular ou explicações.

#### **5. Dos tempos e dos espaços dos alunos: do aulário a uma ordem aberta e plural.**

Como se sabe, a escola pode ser vista como um aulário, um conjunto separado de salas, de aulas, de tempos onde reina a desconectividade e a separação. São espaços e tempos fechados, delimitados, separados, em que os alunos entram numa espécie de cadeia de montagem bem caricaturada pelos Pink Floyd

(<https://www.youtube.com/watch?v=HrxX9TBj2zY>). Precisamos que a aprendizagem seja intencionalmente prevista para espaços mais amplos e abertos. Precisamos de derrubar paredes (físicas e mentais), colocar em espaços amplos 50 ou 90 alunos a trabalhar em pequenos grupos com dois ou três professores a gerir situações de aprendizagem fecundas, como se pode observar em algumas salas de alguns colégios na Catalunha (cf. imagem 1). Esta “simples” alteração estrutural impede a lição expositiva e faz dos professores, organizadores de aprendizagens. A ideia que começa a ser disseminada das chamadas “salas de aula do futuro”, com espaços para pesquisar, trabalhar em grupo, apresentar resultados e realizar pequenos debates, é um exemplo promissor da metamorfose da pedagogia que é imperativo adotar [sendo incompreensível que os muitos milhões de euros gastos ao nível da Parque Escolar tivessem replicado um modelo escolar totalmente ultrapassado].



Imagem 1 - Sala de aula Colégio João XXI (Barcelona | 2018)



Imagem 2 – Espaços de aprendizagem diversificados

(Fonte:

<https://fcl.eun.org/documents/10180/13526/FCL+learning+zones+Dec+2016/a091a761-7a63-443e-afe0-d1870e430686>)



Imagem 3 – Ambientes educativos inovadores

(Fonte: <https://erte.dge.mec.pt/ambientes-educativos-inovadores>)



## **6. Do trabalho do professor: de funcionário a profissional (intelectual reflexivo).**

No espaço aberto e plural, o professor não pode *dar a matéria* nem seguir o manual. Tem de, em função dos alunos reais e dos recursos que pode mobilizar [neste cenário PC ligados à net são essenciais e a banda larga é imprescindível], conceber atividades que levem os alunos a procurar, interagir, construir respostas para problemas reais ou imaginários. O desenvolvimento da capacidade de identificar problemas, pesquisar e debater soluções possíveis, colaborar, gerar dinâmicas de entreajuda, animar, monitorizar são funções nucleares que os professores têm de assumir, pois são profissionais que existem para servir, o melhor possível, os seus alunos, nos planos do aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a crescer juntos, como se referenciava no célebre (e antigo) relatório da UNESCO, coordenado por Jacques Delors (Unesco, 1996). E a diferença básica entre um funcionário e um profissional é relativamente simples: o funcionário executa ordens superiores e não está muito preocupado com os resultados da sua ação. O seu dever maior é o da obediência ao programa e aos chefes. Mas o profissional está focado nas aprendizagens dos seus alunos e usa todos os seus conhecimentos, técnicas e instrumentos para o conseguir na medida máxima possível. E por isso, sabe que o insucesso não é uma fatalidade genética ou social e que tem uma quota parte de responsabilidade na promoção do sucesso possível e plural (e os seus pares e as lideranças). A reinvenção da escola passa, necessariamente, por aqui: por professores profissionais que o queiram ser numa outra ordem, que se disponham a estudar, a colaborar, a trabalhar em equipa, e que sintam (na teoria e na prática) que são livres de imaginar, de criar e de errar e de aprender.

## **7. Da organização departamental dos docentes. As disciplinas e o imperativo de práticas de articulação e integração.**

Seguindo a ordem geral da escola, os docentes também estão separados em grupos disciplinares e em departamentos para supostamente analisarem as melhores respostas técnicas e científicas para os problemas de aprendizagem num dado campo disciplinar. É suposto que se analisem as causas intrínsecas do insucesso, se procurem estratégias alternativas, se monitorizem, avaliem e se elevem as oportunidades de fazer aprender. É bom que assim seja. Não é líquido que esta prática seja sistemática, embora

esteja prescrita no diário da República. Mas as disciplinas são instrumentos ao serviço de um bem maior que é a compreensão do mundo e da vida. E por isso, no tempo de escola terá de haver espaços interdisciplinares regulares (25% - ou mais- do tempo semanal?), construídos em torno de problemas, desafios e projetos. É imperativo que a fragmentação do conhecimento e do tempo dê lugar a aprendizagens mais articuladas e holísticas. E que os tempos e os espaços sejam múltiplos, mistos, aproveitando o potencial do b-learning e gerando assim grupos mais flexíveis, autónomos, produtivos.

#### **8. Do tempo de trabalho docente na escola e das lideranças.**

Para que o trabalho enunciado no ponto anterior possa ser possível, os professores têm de se organizar em equipas educativas centradas nas aprendizagens dos alunos. Há literatura diversa que explica o conceito e as práticas possíveis (Formosinho & Machado, 2011; Cabral & Alves, 2016). E estas equipas têm de se reunir e trabalhar (desejavelmente na escola) para avaliarem o desempenho dos seus alunos, fazerem o diagnóstico das necessidades individuais, inventariarem os recursos disponíveis ou a construir, debaterem estratégias (Roldão, 2009) planearem a ação, para depois a monitorizarem e melhorarem. O trabalho colaborativo denso, significativo, tem de passar por aqui, e não por uma partilha de testes e materiais.

Mas para isso, é essencial que as lideranças tenham a capacidade de ver, mobilizar, criar condições para outros modos de trabalho. Que sejam lideranças pedagógicas, alinhadas com a vontade e o saber generativo e transformacional. Que prescindam da cegueira de um poder tóxico que só desautoriza e destrói. Que percebam que só são líderes se os liderados os reconhecerem como tal.

#### **9. Da avaliação das aprendizagens para uma avaliação para as aprendizagens.**

Desde a invenção da escola moderna (há cerca de 150 anos) que a avaliação sempre assumiu a função de avaliar (leia-se, classificar) hierarquizando, selecionando e excluindo.

Num contexto de uma escola para todos, avaliar passou a assumir uma exigência ética de promoção das aprendizagens de todos os alunos. Daí a centralidade das práticas de feedback, monitorização e suporte às aprendizagens, sobretudo numa circunstância de agravamento das desigualdades de acesso a estas.

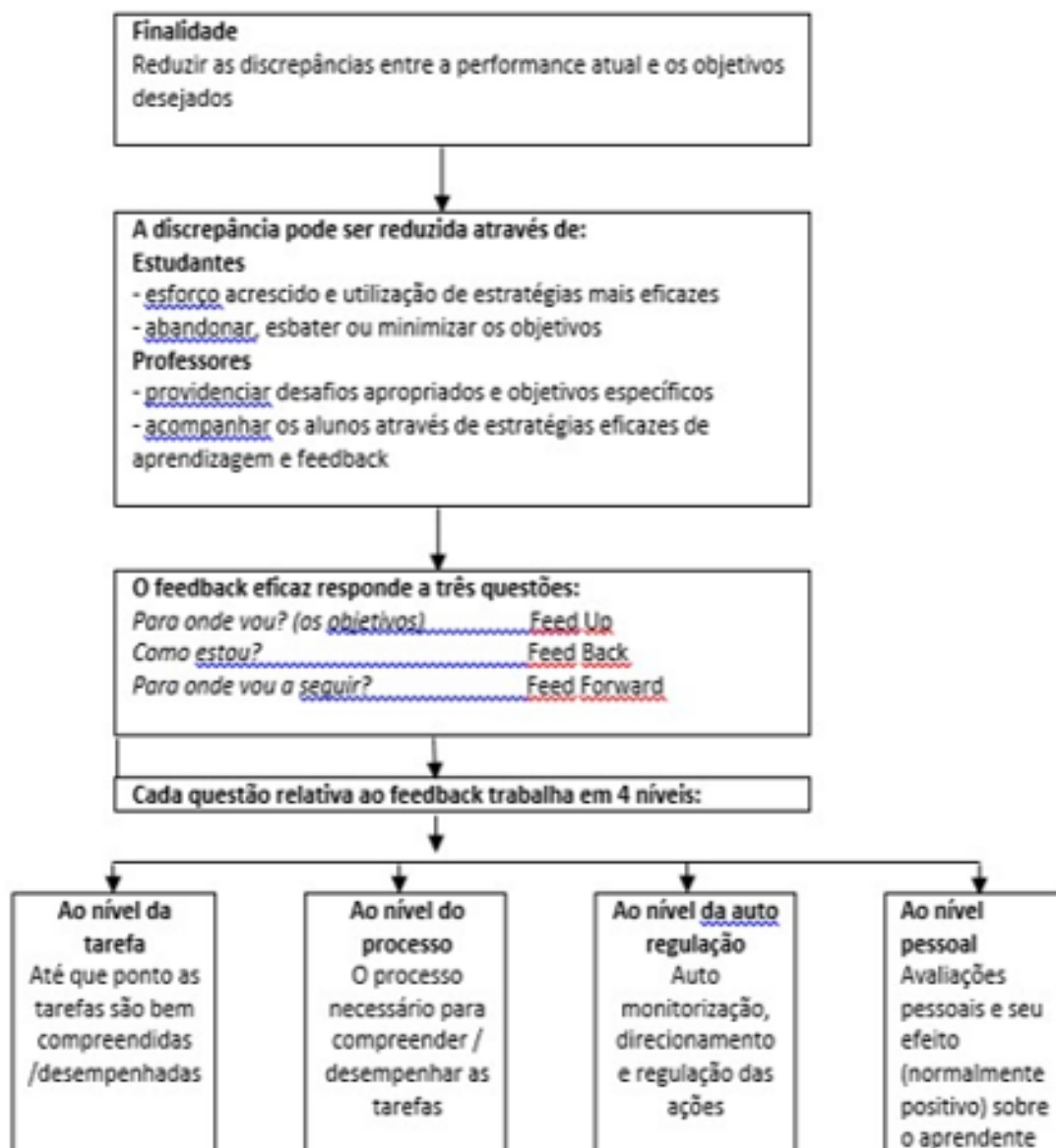


Imagem 4 - Modelo de *feedback* para as aprendizagens (traduzido pelos autores a partir do original)

Fonte: Hattie & Timperley (2007)

Nesta matéria, há certamente uma questão técnica, representada nas imagens 4 e 5:

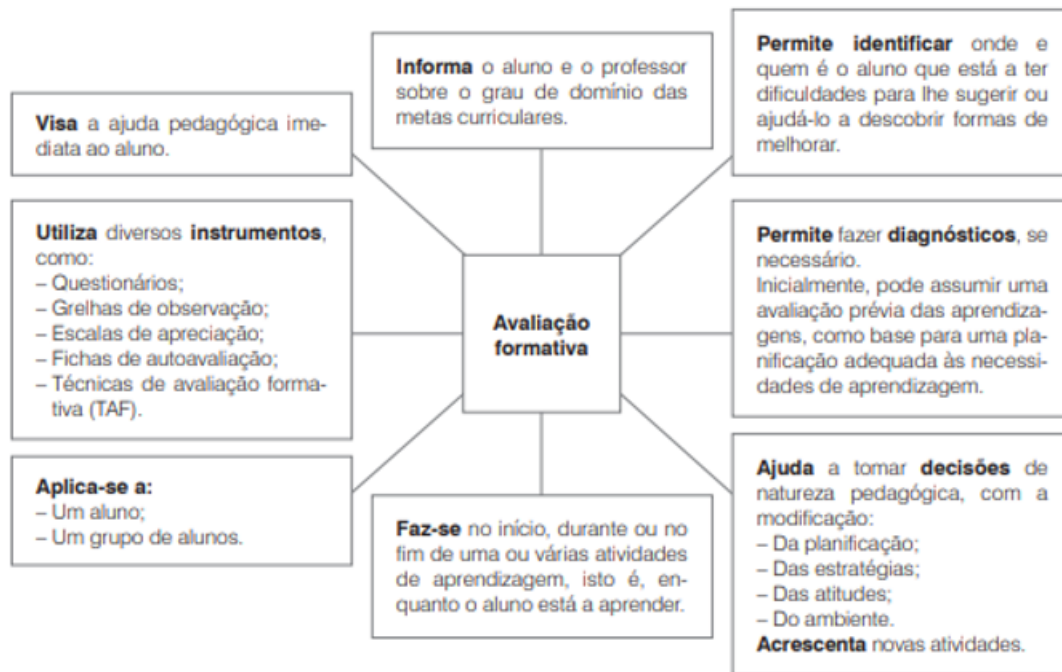


Imagem 5 - Avaliação formativa

Fonte: Lopes & Silva, 2020

Mas a questão central tem a ver com a nossa *visão* sobre a finalidade central da avaliação. Se acreditarmos que a avaliação deve estar ao serviço das aprendizagens, se pensarmos que a missão central do professor é fazer aprender o máximo possível a todos os alunos, então a avaliação tem de assumir uma função eminentemente formadora e formativa. E as classificações, a seriação, a hierarquização dos alunos deixa de estar no centro das atenções. E esta é uma mudança essencial neste regresso à escola. Para isso, os dois testes escritos por período têm de emigrar, a comunidade escolar tem de pensar, negociar e adotar uma política e uma prática de avaliação que adote obrigatoriamente instrumentos e técnicas de avaliação que estejam alinhadas com este propósito. No livro organizado por Jesus & Alves (2020) diversos autores testemunharam as mudanças no campo da avaliação promovidas por diversas escolas na Catalunha. E em Portugal também se iniciou um caminho que importa prosseguir e alargar. A imagem 6 fornece-nos uma ideia das possibilidades.



Imagem 6 – Tipos, técnicas e instrumentos de avaliação

Fonte: <https://gesvinromero.com/2018/09/24/evaluacion-en-el-aula-tipos-tecnicas-e-instrumentos-infografia/>



## 10. Da relação Ministério da Educação - Escolas e Municípios.

Não obstante a retórica da descentralização e da autonomia das escolas, temos vivido sob o signo dos enganos e das ficções. A Lei nº 50/2018 procede a uma descentralização meramente instrumental no campo da educação, instituindo um claro recuo em relação ao Programa Aproximar (Alves & Cabral, 2015), que poderia cumprir o desígnio de *escolas fortes*, libertas da tutela asfixiante dos poderes centrais e *municípios fortes*, pois só deste modo poderia escapar ao domínio centralista que limita a liberdade de ousar, criar, errar e aprender. As pessoas e os territórios precisam de escolas diferentes e devem poder ter a liberdade e a responsabilidade de o fazer.

O Programa PIIPSE – Programa Integrado e Inovador de Promoção do Sucesso Escolar ficou, de um modo geral, num limbo de marginalidade e irrelevância, não tendo sido capaz de introduzir lógicas de articulação e integração efetiva entre a ação dos municípios e das escolas (Alves, 2021).

Deveríamos ousar mexer nas políticas de territorialização que construíssem localmente soluções articuladas e integradas (só aí efetivamente possíveis). Precisamos de reativar os conselhos municipais de educação e devolver-lhes a competência central de elaborar e aprovar um projeto educativo local capaz de gerar e ativar sinergias e construir uma confiança, em muitos casos abalada ou mesmo quebrada, entre municípios e escolas.

### Síntese e conclusão

Mudar a *gramática escolar*, isto é, as regras básicas de organização e desenvolvimento curricular, agrupamento de alunos, gestão do tempo e do espaço, modalidades de aprendizagem, modos de docência e discência, é uma condição essencial para cumprir as promessas da escola. Como dizíamos numa outra publicação, *Uma Outra Escola é Possível* (Alves & Cabral, 2017). E é possível se a quisermos e soubermos construir, como já acontece em muitos lugares. A imagem 7 ilustra as variáveis-chave que têm que ser trabalhadas, articuladamente, para que outra gramática possa emergir.

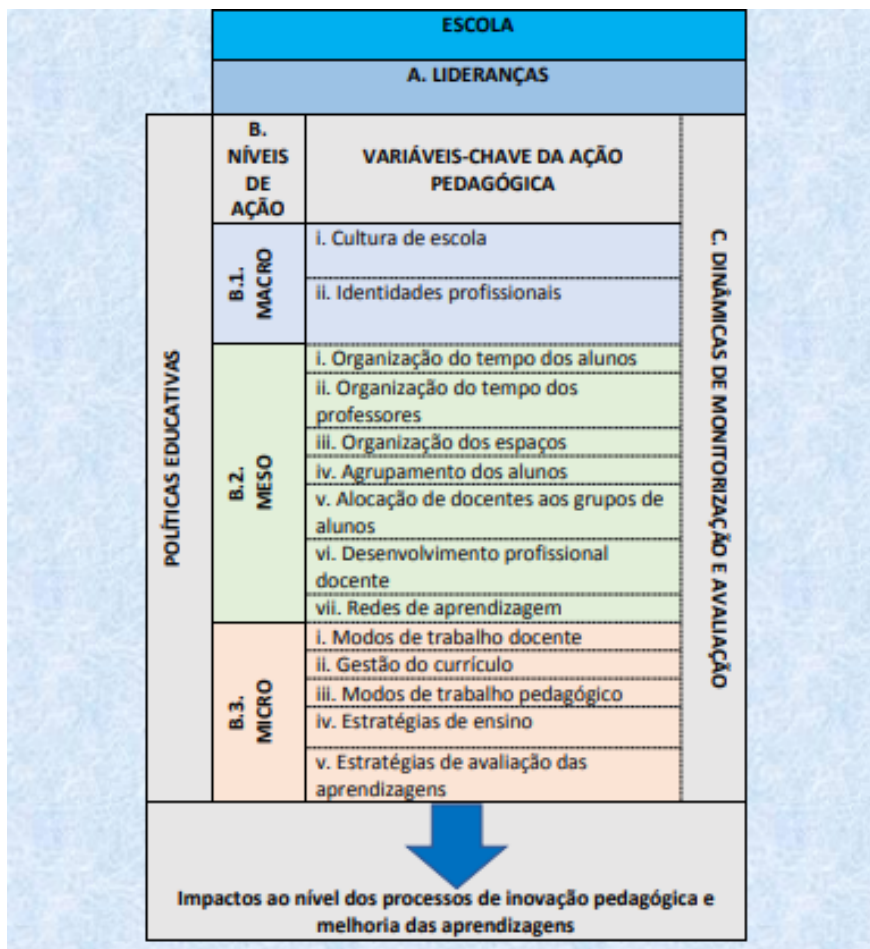


Imagem 7 - Modelo integrado das condições para a inovação pedagógica

Fonte: Cabral & Alves (2018)

Estão, assim, identificadas 10 regras para *Reimaginar e praticar uma gramática generativa e transformacional*, bem como sistematizadas as dimensões e variáveis-chave que podem tornar possível a inovação pedagógica. No entanto, esta *nova gramática* só pode ser alicerçada numa lógica de verdadeira flexibilidade, autonomia e responsabilidade. E esta flexibilidade passa, em primeira instância, por nos libertarmos da prisão mental em que nos encerramos, de olharmos para a escola como um conjunto de crianças e jovens divididos em turmas por faixas etárias a aprender com o professor, da mesma forma, no mesmo espaço e ao mesmo tempo. E parece não haver maneira de quebrar com esta resistência mental a uma reorganização escolar ao nível meso, que retire os alunos e os professores das *caixinhas* em que se encontram e passe a organizar-se em geometrias variáveis. Mesmo quando *inovam*, as escolas continuam a *innovar* dentro de um referencial organizacional perfeitamente caduco e desajustado das atuais

necessidades. Talvez porque as políticas educativas continuam a apostar mais no discurso do que nas práticas; em sensibilizar do que em empoderar; em manter a ilusão do comando e do controlo central do que em passar o poder para as pessoas e para os territórios, numa lógica de prestação de contas inteligente. Talvez porque muitos diretores e professores se veem, efetivamente, como funcionários e não como profissionais, tendo *medo* de não *cumprir* rigorosamente com todos os preceitos legais, mesmo quando estes versam... a suposta autonomia das escolas para flexibilizar. Talvez porque *pensar fora da caixa* exija sair da nossa zona de conforto e dê muito mais trabalho do que fazer *como sempre fizemos*. E assim, muda-se a máscara e mantém-se o rosto, envelhecido e gasto, da gramática escolar. Contudo, por mais máscaras que usemos, por mais *padlets*, plataformas, *tweets*, portefólios digitais, mentis, kahoots e outros que tais, o facto é que a tão proclamada *escola do futuro* (que devia já ser a do presente...) não pode passar unicamente pelo reconhecimento das imensas potencialidades das tecnologias da informação e comunicação e pela espetacularidade de espaços luminosos, amplos, coloridos, reformulados e bem apetrechados onde os alunos... fazem fichas, ouvem o professor ou, na melhor das hipóteses, respondem com os colegas da turma em pequenos grupos aos exercícios do manual.

Antes de qualquer outra mudança, é a tecnologia educativa que tem que mudar. A tecnologia educativa entendida enquanto conjunto de metodologias, processos, estratégias, ferramentas e instrumentos que podem ser mobilizados para promover o máximo de aprendizagens em todos os alunos e que tem sido, há mais de 150 anos, orientada para aprendizagens absolutamente padronizadas. Mudar a tecnologia educativa significa refocalizar estas metodologias, processos, estratégias, ferramentas e instrumentos para uma aprendizagem colaborativa, na qual os alunos são colocados em ação e aprendem na ação, uns com os outros, em grupos de geometria variável e em locais e espaços diferenciados (uns em grupos maiores, outros em grupos menores; uns presencialmente, outros *online*; uns com um único professor, outros com vários professores ao mesmo tempo; uns em sede de trabalho disciplinar, outros em sede de projetos integradores...). As tecnologias da informação e comunicação podem ajudar e muito nesta tão necessária refundação da educação, mas por si só, não serão mais do que uma máscara que mantém inalteradas as práticas educativas obsoletas que nem uma pandemia parece conseguir desinstalar.

Consigamos nós ver para além da montanha, para além da pandemia, para além das situações de emergência, pois não há emergência maior do que conseguirmos chegar cada vez mais e melhor a todos os alunos, seja com que tecnologia for.

## Referências

Alves, J. (2021). O PIICIE como possibilidade de criação e conjugação de visões, vontades e recursos *Boletim de Informação dos Planos Integrados e Inovadores de Combate ao Insucesso Escolar*, Nº 16, janeiro 2021, p. 8-9, <https://norte2020.pt/educacaoparatodos>

Alves, J. (2020). Carta aberta aos educadores e professores. Público, 6 de maio, <https://www.publico.pt/2020/05/06/impar/noticia/carta-aberta-educadores-professores-1915217>

Alves, J. & Cabral, I. (2017). Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia. On line

[https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Uma Outra Escola E Possivel %20Mudar regras da gramatica escolar e%20os modos de trabalho pedagogico.pdf](https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Uma_Outra_Escola_E_Possivel_%20Mudar_regras_da_gramatica_escolar_e%20os_modos_de_trabalho_pedagogico.pdf)

Alves, J. (2012). O Projeto Fénix e a progressiva transformação da gramática escolar.

<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/14052>

Alves, J. M., & Cabral, I. (2015). Educação, território e governação – o programa Aproximar e a terceira margem. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (15), 35-52. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2015.3409>

Alves, J. (2010). O projeto Fénix e as condições de sucesso. In *Projeto Fénix, Mais Sucesso para Todos – Memórias e dinâmicas de construção do sucesso Escolar*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia, pp.37-66

Barroso, J. (2004). Autonomia: uma ficção necessária. *Revista Portuguesa de Educação*. Ano 2/vol 17, nº 2, Braga: Universidade do Minho, pp. 49-83, on line

<http://sossirb.jigsy.com/files/documents/jo%C3%A3o%20barroso,%20autonomia%20das%20escolas.pdf>

Cabral, I. (2020). As escolas têm de preparar os alunos para a imprevisibilidade do mundo. *Jornal de Negócios*. 2 de outubro, on line

<https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/ilidia-cabral-as-escolas-tem-de-preparar-os-alunos-para-a-imprevisibilidade-do-mundo>

Cabral, I. & Alves, J. (2018). *Inovação pedagógica e mudança educativa - Da teoria à(s) prática(s)*, Porto: Faculdade de Educação e Psicologia. On line [https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/INOVACAO PEDAGOGICA E MUDANCA EDUCATIVA EBook VF.pdf](https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/INOVACAO_PEDAGOGICA_E_MUDANCA_EDUCATIVA_EBook_VF.pdf)

Cabral, I., & Alves, J. M. (2016). Um Modelo Integrado de Promoção do Sucesso Escolar (MIPSE) – a voz dos alunos. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (16), 81-113. On line <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2016.3422>

Elmore, R. (1992). Why restructuring alone won't improve teaching. ASCD [http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed\\_lead/el\\_199204\\_elmore.pdf](http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el_199204_elmore.pdf)

Formosinho, J. & Machado, J. (2011). Autonomia da escola, organização pedagógica e equipas educativas. In *TurmaMais e Sucesso Escolar, contributos teóricos e práticos*, in Fialho, I. & Salgueiro, H. (Orgs.) (2011). *Turma Mais e sucesso escolar. Contributos teóricos e práticos*. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia. On line [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13041/1/25%20AutonomiaOPEE\\_Evora.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13041/1/25%20AutonomiaOPEE_Evora.pdf)

Formosinho, J. M. Alves & J. Verdasca (Org.) (2016), *Uma nova organização pedagógica da escola*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Hattie, J. & Timperley, H. (2007). The Power of Feedback. *Review of Educational Research*, 77(1), 81-112 DOI: 10.3102/003465430298487).

Illich, I. (1975). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes, on line

[https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2013/11/ivan\\_illich\\_-\\_sociedade sem escolas.pdf](https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2013/11/ivan_illich_-_sociedade_sem_escolas.pdf)

Jesus, P. & Alves, J. (2020). As metamorfoses da avaliação – a avaliação de e para a mudança. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia. On line [https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/Ebook\\_set20\\_vf\(1\).pdf](https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/Ebook_set20_vf(1).pdf)

Lopes & Silva (2020). 50 técnicas de avaliação formativa. Lisboa: Factor



Nóvoa, A. (2009). Educação 2021 - para uma história do futuro.  
[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232\\_1681-5653\\_181-199.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199.pdf)

Nóvoa, A. (2005) Evidentemente. Porto: Edições ASA

Nóvoa, A (2004) Novas disposições dos professores. A Escola como Lugar da Formação. <https://core.ac.uk/download/pdf/12421028.pdf>

OCDE (2020). *Back to the Future of Education - Four OECD Scenarios for Schooling/ De volta ao Futuro da Educação - Quatro Cenários da OCDE para a escolaridade*. Paris: OCDE

Roldão. M. (2009). *Estratégias de ensino – o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

Unesco, (1996). *Educação, um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA,  
[http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf)

## **A voz dos diretores de Escolas | Agrupamentos**

## Diário Covid-19



Amândio Azevedo<sup>1</sup>

E já lá vai mais de um ano de Covid-19 em Portugal...

Na primeira semana de março de 2020, não houve um único dia em que não se falasse do tema Coronavírus. Primeiros casos na Europa, casos no país vizinho, a eminência de casos no nosso país... E eis que o primeiro caso chega a Portugal!

É no dia 5 de março que recebo um telefonema com a informação de um caso suspeito no Agrupamento. Nessa mesma noite, e após apuramento de todos os factos, verifica-se que há uma confusão de nomes e de estabelecimentos de ensino. Não passou de um equívoco. Na sexta-feira dia 6, um dos nossos alunos já não comparece na escola, por suspeita de infeção pelo novo Coronavírus. No dia seguinte, antes do meio dia, chega a confirmação que não queríamos receber: um aluno, bem como os outros três membros do agregado familiar, estava infetado! Um familiar regressara de uma viagem de trabalho a Milão, acabando por iniciar uma cadeia de contágio na pacata e, até então, discreta, Vila de Barrosas.

Foi uma tarde literalmente passada ao telemóvel, com o Diretor Regional da DGEstE, com o Diretor do ACES Tâmega Norte, com as Vereadoras da Câmara Municipal de Felgueiras, com a Diretora de Turma do aluno, com vários docentes e com a DGEEC. Tudo acontecia ao mesmo tempo: Encarregados de Educação, pessoal docente e não docente em pânico, medos, dúvidas que queria ver esclarecidas, perguntas às quais não conseguia dar resposta, tarefas que tinha que executar em tempo absolutamente recorde.

Por volta das 21h, a Sr<sup>a</sup>. Ministra da Saúde, comunica ao país a atualização de dados sobre a Covid19: confirma os casos de Barrosas e anuncia o encerramento do Agrupamento de Escolas de Idães. A comunicação ainda decorria, quando fui contactado

---

<sup>1</sup> Diretor do Agrupamento de Escolas de Idães até 31/08/2020

pelo Diretor do ACES, de forma a orientar os passos seguintes, a fornecer algumas recomendações e a solicitar o envio de listagens de todas as pessoas com as quais o aluno infetado havia contactado. Entretanto, e logo nesse sábado, foram estabelecidos contactos com os diferentes membros da comunidade escolar, no sentido de darmos os primeiros passos para, sem demora, arrancar com atividades à distância. Acreditávamos que, pelo menos nos catorze dias subseqüentes, estaríamos encerrados. Estávamos perto do final do segundo período, em plena época de momentos de avaliação formal. Era importante agilizar processos e colocar toda uma máquina online a funcionar. Foi uma verdadeira incursão no desconhecido, mas com plena consciência de um objetivo imediato: o de não perder os alunos.

Com o “empréstimo” de uma sala de aula virtual por parte da DGEEC, na quarta-feira dia 11 de março de manhã, decorre a primeira “aula” à distância com a turma do aluno infetado, entretanto hospitalizado. Fui convidado a assistir a essa aula e devo dizer que foi um momento verdadeiramente comovente. Apesar de visivelmente fragilizado, e com algumas limitações físicas, o nosso aluno assistia à sua primeira aula online a partir da cama do hospital. E não, não foi uma aula. Foi um momento de partilha de medos, de dúvidas, mas também de esperança e de algumas gargalhadas. Foi uma forma de dizermos ao aluno e à sua família (internada na mesma enfermaria) que éramos muito mais do que um estabelecimento escolar; éramos uma escola, o prolongamento da família. Como tal, estaríamos lá para o que desse e viesse, no hospital ou em casa. Só assim a escola faz sentido, com ou sem Covid.

Durante a tarde desse mesmo dia, uma outra turma do ensino secundário testa a sua primeira aula. No dia seguinte de manhã, já trabalhávamos online com a turma do Ensino Profissional, a do aluno infetado, e mais duas turmas do 12º ano. Dada a impossibilidade de a plataforma suportar um grande número de utilizadores em simultâneo, fomos confrontados com a necessidade de criar uma alternativa. Foi criada uma equipa de apoio ao ensino à distância, com o objetivo de agilizar todo o processo e solucionar eventuais constrangimentos. De imediato, e durante o fim de semana, exploramos opções e experimentamos diferentes soluções, acabando por definir a plataforma Zoom como a plataforma a utilizar por todo o Agrupamento.

Entretanto, as turmas de 11º e 12º anos continuavam com as suas aulas online na sala de aula virtual. Ajustamos horários, de forma a ocorrer um desfasamento,

permitindo que a plataforma funcionasse plenamente. Foi dada prioridade aos anos sujeitos à realização de exames nacionais. As coisas iam “normalizando”.

Na quarta-feira seguinte, dia 18, em reuniões de Departamento Curricular, foi feita a apresentação da plataforma Zoom a todos os docentes, para que pudesse ser utilizada de imediato, quer para aulas, quer para reuniões de avaliação.

Com o início do terceiro período, iniciou-se o ensino à distância, alargado agora a todo o Agrupamento. Esta modalidade de ensino prolongar-se-ia até ao final do ano letivo, para todos os níveis de ensino, à exceção dos 11º e 12º anos, que regressariam ao modelo presencial a 18 de maio.

Este regresso do secundário foi mais um enorme desafio. Foi quase tão grande como organizar o ensino à distância, mas desta vez com o receio do regresso, a responsabilidade de pensar e desenhar circuitos segundo as recomendações da DGS e do ME e de assegurar a segurança de todos. Levamos a cabo, com a parceria do Exército Português, várias formações a todo o pessoal não docente, sinalizamos toda a escola, criando percursos diferenciados e adotamos procedimentos exaustivos de higienização de espaços e materiais. Foi toda uma nova aprendizagem de hábitos e rotinas, uma adaptação a uma nova realidade. A um novo normal.

E regressaram os nossos alunos... Com angústias e receios. Muitos receios. Os deles, dos Encarregados de Educação e do pessoal docente e não docente. O empenho de todos em levar a bom porto tamanha empreitada foi tal, que no final do dia saímos da escola com um sentimento de dever cumprido, com uma sensação de tranquilidade e de segurança que pensávamos conseguir não atingir, dado o contexto atual. Afinal, era possível fazer da escola um local seguro.

A realização da avaliação externa, foi mais uma etapa, já não tão dura. Havia já um esquema devidamente montado. A organização dos espaços estava, agora, facilitada pela implementação da lógica do regresso ao ensino presencial. Também esta foi ultrapassada com sucesso.

E eis que termina o ano letivo... Mas com ele não terminam as preocupações, as angústias e os medos desta nova realidade, e das suas implicações na vida escolar. Tentamos antecipar cenários, prevenir situações e, acima de tudo, proporcionar um início de ano letivo sereno e em segurança. Entre as várias reuniões com os diversos



parceiros ao longo dos meses de julho e agosto, foi enorme o esforço de todas as partes para que tudo decorresse conforme o esperado.

A 1 de setembro deixo o cargo de diretor do Agrupamento de Escolas de Idães para desempenhar um outro cargo, mas agora numa outra área do ensino. Ainda assim, acompanhado de muito perto, e diariamente, a vida daquele Agrupamento, conhecendo, por isso, o trabalho e o empenho incansáveis da atual direção, no cumprimento escrupuloso das todas as normas de segurança.

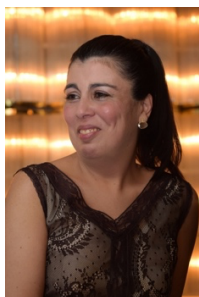
Mas todo este processo não se fez apenas de aspetos organizacionais. Há toda uma vertente humana que nunca será demais elogiar. Há todo um trabalho de retaguarda, inicialmente individual, e na esmagadora maioria das vezes espontâneo, por parte de professores e funcionários. Há todo um investimento a nível humano que fez com que tudo isto fosse possível, um enorme espírito de missão e de solidariedade. Sempre que me pedem que fale sobre este assunto, faço questão de realçar o excelente trabalho desenvolvido por todas as educadoras, por todos os professores titulares, por todos os diretores de turma e por todos os docentes em geral. Todos tinham um objetivo bem claro e definido: não deixar ninguém para trás! Em todo o Agrupamento, cerca de 40 alunos não dispunham de meios tecnológicos que lhes permitisse acompanhar o ensino à distância. Em menos de uma semana, e com a ajuda de associações, familiares, vizinhos e da comunidade em geral, conseguimos reunir equipamentos que supriram essas necessidades quase por completo.

As famílias dos alunos que continuavam sem acesso aos meios tecnológicos foram contactadas telefonicamente ou pessoalmente, através de agentes locais, da Câmara Municipal ou das Juntas de Freguesia. E estava criada mais uma rede de trabalho: os docentes enviavam as tarefas para a EB1 da sua área de residência, os Encarregados de Educação levavam-nas e devolviam-nas em data previamente estipulada. Em alternativa, um elemento da Junta levava o material de trabalho à residência dos alunos em causa, fazendo, posteriormente a recolha dos mesmos, para devolução na EB1. Aí, todos os trabalhos eram digitalizados e enviados para os professores das respetivas disciplinas. Um verdadeiro trabalho de equipa, de entreajuda. Simples e eficaz, sempre em prol do aluno e sempre com um esforço enorme por parte de pessoal docente e não docente. Jamais em vão.

Nunca os alunos e os Encarregados de Educação estiveram tão perto da Escola. Sempre que surgia informação importante para os Encarregados de Educação (subsídios, licenças, informação relativa à escola) era transmitida na hora. Os professores já não tinham fins de semana, ou dias sem componente letiva; já não esperavam pelo dia seguinte para comunicar a partir da escola, ou através da caderneta. Abdicando da sua privacidade, utilizavam os seus telemóveis, criavam os seus grupos de WhatsApp com alunos e pais e/ ou Encarregados de Educação. E estes contactos aconteciam em crescendo. A determinada altura, já não serviam apenas para troca de informação institucional. Passaram a ser contactos entre pessoas que se preocupavam com o outro, que tinham como intuito cuidar e apoiar. Afinal, estávamos todos no mesmo barco e o medo, esse perseguia-nos a todos. Nunca a distância aproximou tanto a escola da casa.

Este foi, sem dúvida, o maior desafio que enfrentei na minha vida e é com muito orgulho que digo que fiz parte desta missão. Estou eternamente grato a todos os que colaboraram comigo e com o Agrupamento de Escolas de Idães. Sem o empenho e a dedicação de todos os nossos parceiros, dos alunos, pais e Encarregados de Educação e de todo o pessoal docente e não docente, tudo isto não teria sido possível. A dedicação e o envolvimento de todos fizeram mesmo a diferença e levou-nos aonde não imaginávamos conseguir chegar. E esta foi sem dúvida a maior das aprendizagens: onde há vontade, há um caminho.

## Até quando a Pandemia?



**Ana Gabriela Moreira<sup>2</sup>**

A 27 e 28 de fevereiro de 2020, todo o Agrupamento esteve envolvido num momento único, que o caracteriza, e se designa “Trilhar o Futuro”. Foram dois dias abertos à comunidade escolar, em que os alunos e docentes assumiram a responsabilidade de adquirir e desenvolver competências e valores tão próprios de uma cultura tão nossa, a do AEML.

A 13 de março, chegou à escola a comunicação da suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais, eram 12h e 40min, alguns alunos estavam a terminar as suas aulas e já não iam regressar. Outros já estavam ausentes, pois a comunicação social tinha instalado, não o respeito pelo vírus, mas o pânico.

A partir desse momento, era necessário divulgar a informação aos professores, aos alunos, aos encarregados de educação e ao pessoal não docente, de forma clara e objetiva, embora ainda não se imaginasse no que a escola se ia transformar.

A escola teria nesta fase, de 16 a 27 de março, a responsabilidade de continuar a ensinar, acompanhar os alunos emocionalmente, estar atenta a problemas sociais, que era certo iriam surgir.

A disponibilização de informação por canais digitais, os *emails* institucionais, o uso de plataformas escolhidas por cada docente foram o caminho seguido, até ao final do 2º período.

Manter os alunos ligados à escola, entender que a condição socioeconómica de cada um iria obrigar a respostas diferenciadoras por parte da escola foi uma preocupação que, com a ajuda das associações de pais, da junta de freguesia e o esforço de todos conseguimos diluir.

---

<sup>2</sup> Diretora do AE Dr. Manuel Laranjeira

No entanto, o estado emocional de alguns docentes e a capacidade de resposta imediata com apelo a competências que não estavam, em muitos casos, suficientemente treinadas, também foi uma preocupação.

Os dias deixaram de ter 24 horas, passaram a ter 30 ou 40 e as tarefas assumidas por cada um multiplicavam-se. Todos queríamos “ficar bem” e não deixar ninguém para trás. As lideranças intermédias tiveram mais uma vez um papel preponderante na cadeia de articulação com os outros professores, os alunos e os pais.

Acabou o 2º período, a avaliação dos alunos era uma obrigação e a palavra “bom-senso” foi por mim, mais do que nunca, verbalizada.

Os 78 conselhos de turma foram divididos pelos elementos da equipa diretiva, que ficaram responsáveis por acompanhá-los e monitorizá-los. Apesar da tarefa hercúlea, foi um alívio utilizarmos já a plataforma dos alunos, que nos permite colocar as grelhas de avaliação e facilita a monitorização.

A partir desse momento, a monitorização e supervisão passou a ser uma prática realizada pela equipa diretiva.

Começámos a preparar o 3º período, criando o plano de E@D que tinha de estar articulado com o Projeto Educativo do Agrupamento, com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que deveria contemplar as orientações gerais e os princípios orientadores no quadro do ensino à distância. Para isso, os circuitos de comunicação precisavam de estar bem definidos. Determinámos então os modelos de ensino síncronos e assíncronos, as boas práticas a ter em conta, a estratégia para integrar todos na inovação, bem como os meios e as ferramentas a utilizar e, por fim, a estratégia para acompanhar e monitorizar este processo de ensino. O conselho pedagógico reuniu inúmeras vezes, discutiu com as bases e elaborou o plano E@D.

Ao mesmo tempo, foi necessário ir refazendo os horários de professores e alunos, compatibilizando as aulas síncronas com as sessões do estudo em casa.

A seguir, veio a necessidade de programar a plataforma para alunos e professores, foram horas e horas de trabalho da equipa diretiva, no sentido de a programar para 2500 alunos e aproximadamente 230 professores, 73 turmas de 2º e 3º ciclos e secundário e 22 turmas do 1º ciclo. Foram dias únicos de risos nervosos, telefonemas e videochamadas longas, cada um em sua casa, mas todos juntos para articular, pois uma vírgula fora do sítio era o caos. A equipa diretiva foi incansável e imparável.

Veio a formação dos professores para trabalharem com a plataforma, sessões de esclarecimento com pais e alunos para ajudar a trabalhar com uma plataforma que era nova para todos nós.

Deu-se início ao 3º Período e começamos uma nova etapa: a preparação do regresso dos alunos do ensino secundário e de alguns professores ao regime presencial. Foi preciso refazer horários. Depois, vieram os atestados por doença de risco e a contratação de professores.

O serviço de psicologia esteve sempre presente, realizando a orientação vocacional à distância, entrevistas com os alunos e com os Encarregados de Educação, prestando apoio a alunos que, em silêncio, gritavam por ajuda.

Os alunos e os professores regressaram à escola e, nos primeiros dias, fiz questão de os receber à entrada, com um sorriso no olhar e com uma palavra de alegria e conforto. Não foi o regresso desejado, mas o possível.

Preparou-se a abertura do pré-escolar. Além dos circuitos de circulação, da procura dos espaços para mudar de calçado e fazer a desinfecção das mãos, foi preciso repensar os espaços das salas e os materiais a utilizar. Entre a alegria do regresso e o reaprender a viver nos espaços, as crianças verbalizaram os seus sentimentos de uma forma memorável.

O ano estava quase no fim e os alunos do 4º ano não tiveram o tão desejado passeio nem a festa de finalistas, assim como os alunos do 12º ano não tiveram o glamoroso baile de finalistas.

Depois vieram os exames, com uma dinâmica organizacional diferente e com a incerteza do que iria acontecer. Os resultados foram bons, mas iriam permitir o acesso aos cursos desejados? Os meses de agosto e setembro foram vividos em suspense, por parte dos alunos e famílias, mas também por nós, pois os sucessos deles são sentidos como nossos.

O ano ainda não tinha acabado e já estávamos num processo de matrículas, sem fim à vista, com a plataforma a dar erros...

Estávamos a preparar um novo ano em que regressar em segurança era o lema, mas recuperar as aprendizagens era um dever de todos.

Toda a comunidade educativa tinha vontade que o ano letivo 2020/2021 fosse diferente do anterior. Reinventámos a receção aos alunos e professores, melhorámos a

circulação e os procedimentos nas diferentes escolas. Elaborámos horários, tendo em conta os alunos que estariam nas escolas e os alunos que poderiam almoçar, foi preciso preparar planos de contingência para cada escola, mais uma tarefa complexa e vencida pela dedicação de uma equipa de horários que merece todo o meu apreço e o meu agradecimento.

O ano 2019/2020 não tinha terminado e o novo ano estava a iniciar... É verdade que todos os anos sinto isto, mas neste foi ainda mais sentido e mais real.

Com o tempo, fomos melhorando e aperfeiçoando alguns procedimentos.

Chegou o início do ano e a receção aos professores tornou-se num novo desafio: conhecer pessoas novas com máscara, cumprimentar sem o contacto físico foi mais do que um desafio, foi a estranheza total.

Depois vieram os alunos, os do pré-escolar e 1º ciclo, os do 5º ano e os pais a ficarem no exterior das escolas. A cara assustada de algumas crianças que entravam pela primeira vez numa escola nova, alguns sem qualquer contacto, obrigou a estarmos ainda mais atentos. Noutros, sentíamos a alegria do regresso à escola e do reencontro com os amigos.

Mas logo em setembro surgiram os primeiros casos positivos numa escola básica e o medo aumentou de tom. Esta nova realidade tinha de ser encarada com serenidade. Os mecanismos instituídos eram seguros e os casos positivos não tinham relação entre si.

Além dos casos Covid, o 1º período ficou marcado pelo apelo de crianças e jovens, pedindo ajuda junto dos diretores de turma e dos professores. As histórias de cada um obrigavam a sinalizações para as entidades competentes e a intervenções com carácter de urgência. A Escola era o espaço de segurança para estas crianças e jovens, e os relatos de dor e sofrimento eram dramáticos.

Os casos de alunos e professores em isolamento profilático e positivos começaram a ser uma realidade diária, atingindo um elevado número nos finais de dezembro e início de janeiro.

A comunicação entre os diretores de turma e a diretora tinha que ser célere e precisa, para ser comunicada às entidades de saúde, preencher a plataforma da Dgeste e da proteção civil...

As perdas nas famílias dos alunos e da restante comunidade educativa associadas ao Covid começaram também a surgir.

O primeiro período ficou ainda marcado pela perda repentina de uma docente, que saiu, numa sexta-feira da escola, a cantar e não mais regressou. Que dor!!!!

Chegou o final do 1º período e as atividades que sempre são marca do agrupamento não se realizaram. Não houve festas de Natal para os alunos, professores e associações de pais, nem o jantar de Natal para o pessoal docente e não docente...

Depois veio o 2º Período e, em janeiro, o número de casos aumentou consideravelmente. A comunicação do encerramento das escolas no próprio dia deixou todos atónitos.

O plano de ensino à distância já estava aprovado, desde setembro, mas com a experiência acumulada sentimos a necessidade de o melhorar. Marcámos reuniões com os diretores de turma e os pais e explicámos o plano antes do reinício das aulas. Foi uma medida que, estou certa, deixou a comunidade educativa mais tranquila.

As escolas abertas para os alunos que usufruem de medidas adicionais e para os alunos em risco social levou à necessidade de inovar na gestão dos recursos humanos, o que estabeleceu uma diferença positiva neste período de confinamento, relativamente ao anterior.

O regresso dos alunos do pré-escolar e do 1º ciclo foi um novo fôlego para esta comunidade educativa.

Os professores têm sido os heróis neste tempo de pandemia, a forma como se entregam aos seus alunos será uma marca que ficará sempre presente em todos nós.

Mas a escola, além do serviço educativo que presta, tem também uma parte de gestão que se viu reinventada.

No ano transato, para o regresso dos alunos no 3º período, os assistentes operacionais tiveram formação realizada pelas Forças Armadas sobre os procedimentos de desinfeção e para conhecerem os cuidados a ter, tendo sido uma responsabilização importante. Os assistentes operacionais continuam a ser elementos importantes nesta cadeia, cumprindo e fazendo cumprir as regras de higienização e o código de conduta estabelecido para toda a comunidade educativa e, sobretudo, recebendo com um sorriso os alunos que estão a frequentar diariamente a escola e estando muito atentos às suas necessidades.



A prossecução do interesse público foi um princípio importante em momentos cruciais como as matrículas, a inscrição para exames, a validação do concurso de professores, a organização do ano letivo, a distribuição de *kits* informáticos e a distribuição de almoços a alunos carenciados. Os assistentes técnicos têm, de forma exemplar, trabalhado para o bom nome do agrupamento.

Não posso deixar de ter também uma palavra de reconhecimento aos alunos e aos Pais e EE. A forma como cada um se adaptou a esta forma de ensinar e aprender, colaborando com os professores e a escola deixa-me a certeza de que caminhamos lado a lado, tendo todos o mesmo desejo, neste tempo de pandemia: promover melhores aprendizagens, num ambiente seguro.

Não posso deixar de sentir a falta das atividades, do Carnaval, do dia dos Namorados, do Trilhar o Futuro, do dia do Pi, da semana da Francofonia, dos Almoços Pedagógicos, do barulho dos alunos, das esperas dos professores à porta do meu gabinete...

A escola encontra agora vida através de ecrãs. Mas a Escola é uma organização de aprendizagens feita de e para pessoas, pelo que o silêncio dos espaços nos deixa um grande vazio.

A Escola aguarda o regresso de todos.

## Aprendemos a não desistir de sonhar e de criar



Carlos Alberto Dias de Sousa<sup>3</sup>

Dia 13 de março de 2020, o dia em que o nosso mundo mudou. De mochilas e bagagens de regresso às casas de cada um dos nossos alunos e professores para construir um espaço educativo no seu domicílio.

De um dia para o outro, houve necessidade de continuar os enlaces da aprendizagem, mantendo e se possível reforçar os elos com os nossos e alunos, porque o importante era através da emoção criar momentos de relação e de criação. E como? Com a ajuda do poema de Sebastião da Gama, o primeiro passo foi...

*“Pelo sonho é que vamos,  
comovidos e mudos.”*

... aproveitando o areinho de Oliveira do Douro e sentir as águas do rio Douro, refletindo: de onde viemos, onde estamos e, acima de tudo, para onde vamos.

E, é, então que elaboramos um caderno de encargos, ou melhor um diário de bordo, dedicando parte do meu tempo, com os colegas, com os elementos da comunidade escolar, com os nossos parceiros, para refletir e decidir o que fazer, porque, agora é o tempo de fazer as coisas de forma diferente.

*“Chegamos? Não chegamos?  
Haja ou não haja frutos,  
pelo sonho é que vamos.”*

E foi o tempo de agir, com diferentes agentes, entre o apagar “incêndios” e o fazer acontecer educação. Era o tempo de chamar toda a aldeia para a aventura da Educação. Assim:

---

<sup>3</sup> Diretor do Agrupamento de Escolas Escultor António Fernandes de Sá

- Inquérito sobre as condições de ensino-aprendizagem (equipamentos, rede de internet, espaço de trabalho) dos nossos alunos;
- Reuniões com os elementos da comunidade educativa;
- Articulação com as Educadoras de Infância, Professores Titulares de Turma e Diretores de Turma para identificar as situações de debilidade social;
- Articulação com os diferentes parceiros, promovendo um trabalho em rede social;
- Criação de uma rede com a participação dos Agrupamentos e Escolas não Associadas dos concelhos de Vila Nova de Gaia e Espinho, as autarquias locais e o INESC TEC - Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência. A 27 de março, o Projeto Lig@r, arrancou com uma reunião entre o INESC TEC e algumas escolas/agrupamentos de Gaia e Espinho. O Projeto foi coordenado pelo Dr. Rui Lopes Campos, que de uma forma colaborativa, altruísta e impulsionadora para novas formas de pensar e agir num “Admirável Mundo Novo”, tinha como objetivo “Maximizar o número de alunos que acompanham as aulas não-presenciais durante o 3.º período” e para tal foram elencados um conjunto de ações:

AP1.1 Levantamento de dados;

AP1.2 Listar ferramentas digitais que poderão ser usadas;

AP1.3 Criar lista de mail com endereços dos participantes;

AP1.4 Sensibilizar operadores para acesso à Internet;

AP1.5 Levantamento de máquinas que possamos ter disponíveis;

AP1.6 Definir plano de acompanhamento de aulas via telefone + papel;

AP1.7 Plano de formação de professores;

AP1.8 Exigir das entidades e autoridades máquinas para trabalhar;

AP1.9 Seleção das plataformas que devem ser usadas por agrupamento/escola;

AP1.10 Criação de micro-redes de contacto, de vizinhança;

AP1.11 Encontro com as autarquias locais para agilizar a distribuição de atividades de ensino-aprendizagem em suporte de papel.

Este trabalho permitiu criar um conjunto de sinergias para sensibilizar toda a comunidade, os nossos parceiros e os operadores de telecomunicações e as suas fundações; reunir informação disponível online para formação rápida de professores e

alunos; selecionar a plataforma; criar mecanismos de segurança e de netiqueta; definir plano de acompanhamento de aulas via telefone + papel; formação, em tempo record, para professores e alunos.

Ao mesmo tempo, era preciso criar um modelo pedagógico que respondesse a estas alterações. Não poderíamos transferir o modelo do ensino presencial para o ensino a distância, mediado pela tecnologia. Aqui, o grande desafio era criar condições de reflexão e ação para um modelo pedagógico que promovesse aprendizagens significativas e que os momentos síncronos e assíncronos fossem articulados, assentes em planos semanais ou quinzenais, sempre tendo em conta a gestão integrada do currículo e os anos de escolaridade. Tempo das dimensões humanística, pedagógica e virtual estarem entrecruzadas, criando valor acrescentado, com intencionalidade educativa, num ambiente de presencialidade apesar da distância dos interlocutores. Outro paradigma a ser quebrado o conceito de ensino a distância. Prefiro chamar de virtual porque quebramos as distâncias e não está online, porque precisa de uma linha. Virtual porque o podemos fazer de qualquer lugar, permitindo a construção de conhecimento, desenvolvendo capacidades e atitudes em cada um de nós.

Não foram momentos fáceis, as 24 horas diárias eram poucas. As reuniões de trabalho eram imensas porque havia necessidade de comunicar e partilhar. E as plataformas ministeriais continuavam o seu ritmo de recolha de dados.

Foi, também, tempo de formação, proporcionada pelos Centros de Formação, pela Direção Geral da Educação, mas também pelas Universidades nomeadamente pela Universidade Católica do Porto, a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto, Universidade Aberta e a Universidade de Aveiro. Mas também espaços informais, em redes de comunicação. Faz um ano a criação de espaços nas redes sociais, a título de exemplo, do espaço # Somos Solução. Esta distância permitiu estar presente, em muitos fóruns europeus e internacionais.

*“Basta a fé no que temos.  
Basta a esperança naquilo  
que talvez não teremos.  
Basta que a alma demos,  
com a mesma alegria,  
ao que desconhecemos  
e ao que é do dia a dia.”*

O grande desafio era criar uma comunidade de aprendizagem que não permitisse deixar nenhum aluno para trás, quer a nível de aprendizagem, mas também a nível social, nomeadamente apoio alimentar.

E, em setembro, no regresso às aulas presenciais, as mudanças pedagógicas foram significativas? Regresso a que escola?

Aqui, o desafio foi criar momentos de partilha que pudessem induzir à transformação, num ambiente pandémico, da gestão do currículo e na metodologia de ensino focada nos alunos e seus contextos, nos seus ritmos de aprendizagem. Apesar de tudo, ainda ouvimos vozes a proclamar “Tenho que cumprir o programa!”, sendo uma oportunidade para desconstruir as práticas e os tempos de “ensinagem” para recentrar o foco nos tempos de “aprendizagem”, reconfigurando o modelo pedagógico e de interação desenvolvidos. Em lugar, de focar-se na transmissão de informações, os professores devem colocar a tónica na criação de situações de aprendizagem, que ajudem a dar sentido às informações e construir esquemas mentais que lhes permitam ser mais competentes aquando da resolução de problemas.

*“Chegamos? Não chegamos?  
– Partimos. Vamos. Somos.”*

E, hoje, decorrido um ano, iremos, em breve, voltar à escola. Com um capital de experiências significativas, de formação e de autoformação contínuas, de um melhor acesso aos equipamentos e rede digital, de um olhar atento aos alunos que não desenvolveram as suas capacidades. O trabalho dos alunos, professores e famílias foi notável, (re)ergueram uma outra maneira de estar na escola, uma escola sem muros e barreiras. Agora, é tempo de aproveitar este capital, sendo a oportunidade de usá-lo, reconfigurando o modelo pedagógico, implementando uma gestão integrada do currículo de forma flexível e incorporar modelos híbridos de aprendizagem - Reimaginando a Educação (Xavier Aragay), dando sentido a uma Educação mais humanista, como espaço de criação para alunos e professores. Citando o mesmo autor *“Eu tenho uma visão otimista. Acredito que no mundo neste momento existe uma verdadeira “primavera educacional” no sentido de que existem surtos, experiências,*

*centenas de instituições que já estão em transformação e mudança. Mas isso é desigual, às vezes até contraditório.”*

*Pelo sonho é que vamos.*

## O que aprendemos entre fevereiro e março de 2021, tendo em vista um renovado ensino presencial?



Fernando Elias<sup>4</sup>

Neste tempo incomum de confinamento, a Escola aprendeu muito e tenderá a aprender ainda mais.

Atrevo-me a dizer que a Escola, após esse tempo, **regressa ao FUTURO. À ESCOLA DO FUTURO.**

Vejamos quais são as minhas **ideias-chave** que sustentam tal analogia e que, salvo melhor opinião, poderão ser **tópicos** para reflexão pelo nosso sistema educativo e por todos nós, enquanto intervenientes e participantes no mesmo:

### 1. Escola, o que já se sabe:

1. É necessário estarmos preparados para um MUNDO em TRANSFORMAÇÃO, cada vez mais imprevisível. Por isso, faz todo o sentido tirar o melhor partido do digital e do presencial, numa conjugação sensata e eficaz.

2. A Escola tem de reconhecer a importância de sair da sua zona de conforto, de se preparar para o desconhecido.

3. Que pode mudar-se sempre algo e que o rumo é caminhar sem a preocupação de fazer tudo de um dia para o outro, pois não há receitas certas nem soluções únicas. Há desafios.

4. O maior desafio é realizar o que parece fazer sentido. É procurar oportunidades. Chegar ao possível, ao ideal para cada contexto escolar. Criar condições ágeis, simplificar. Aprender a aprender.

5. Qualquer mudança, transformação é realizada pelas pessoas. As suas satisfações, frustrações, preocupações, motivações e perceções pessoais,

---

<sup>4</sup> Diretor do Agrupamento de Escolas de Colmeias (Leiria)



necessidades e interesses desempenham um papel central no sucesso/insucesso das inovações que se querem instituir. A **PESSOA** do aluno, do docente, do pai/mãe, do assistente técnico e operacional, do técnico superior tem de estar sempre no centro das preocupações/intervenções. **ESCUTAR A SUA VOZ** é fundamental.

6. A proximidade e o afeto não serão substituídos pela dimensão *online*. Não haverá nenhum modelo de ensino que substitua o ensino presencial, na sua configuração que conhecemos.

7. Qualquer reconfiguração do sistema educativo passará sempre por manter um **espaço de proximidade entre alunos e docentes**. Não se poderá nunca afastar **espacialmente** os docentes dos alunos.

8. A “máquina”, a tecnologia será (bem) importante, mas a **(inter)relação** será **muito, muito mais importante**. As **emoções** não serão nunca dispensáveis, nem a **socialização**.

9. O digital agilizou e simplificou procedimentos de natureza administrativa na organização escolar e desmaterializou processos, com ganhos de eficiência e conveniência (reuniões de departamento, reuniões do conselho pedagógico, envio de documentação diversa, ...).

10. Inovar na educação é assumir uma mudança dinâmica que incorpore valor aos processos que existam na organização escolar (quer no domínio pedagógico, quer no organizacional) e que se traduza na melhoria dos resultados da aprendizagem dos alunos. Mas também na satisfação dos agentes educativos. Ou em ambos os casos.

11. Os docentes demonstraram uma grande capacidade e competência nos processos que implementaram nos períodos do ensino não presencial. Foram incansáveis, totalmente disponíveis, empenhadíssimos. Por aqui, nunca foi, como nunca será, um problema, antes uma solução.

## 2. Escola – para que aconteça MAIS E MELHOR

**12.** Quem de direito terá de acreditar que é possível desenhar uma outra gramática escolar, mudar de paradigma. Acreditar nos docentes e nas escolas. Confiar no seu saber e na sua experiência.

**13.** Terá de haver mais reconhecimento, confiança e compromisso entre todos os parceiros (Escola, Docentes, Alunos, Famílias, Sociedade, ...), onde todos e cada um terão um **sentimento de pertença** vinculante e efetivo.

**14.** Importará procurar de uma forma contextualizada e integrada, operacionalizar com mais eficácia: i) o aprofundamento, a consolidação e a avaliação do currículo claro e focado; ii) o desenvolvimento das áreas de competências definidas no Perfil do Aluno; iii) a promoção de dinâmicas pedagógicas, que valorizem e integrem num “todo” os projetos de desenvolvimento educativo, centrados no aluno e nas aprendizagens significativas; iv) a transversalidade e a integração de saberes e de valores, promovendo a sua aplicabilidade, numa situação de estreito contato com as necessidades reais da comunidade, propiciando o diálogo entre a comunidade e a escola; v) o exercício efetivo de uma cidadania ativa, centrada em contextos sociais relevantes.

**15.** Para isso é de todo essencial saber conciliar de forma harmoniosa a dimensão humana e a dimensão tecnológica. Não promover uma aprendizagem que se esgote na dimensão instrumental da “coisa” digital. Utilizar as tecnologias para que a Escola seja mais inclusiva. Dito de outra forma, importa que a Escola aprenda a fazer da tecnologia digital uma “ponte” de passagem. De uma escola de índole disciplinar para uma escola que olha as disciplinas de modo “menos disciplinado”, mas valorizando os saberes disciplinares através do trabalho interdisciplinar a par da aposta no trabalho de projeto e de outras metodologias que valorizam o papel dos alunos enquanto autores do currículo aprendido. Uma Escola onde se aprende a aprender, a pensar, a avaliar, a saber protestar, a questionar os nossos preconceitos, a conviver, a escutar os outros, a protelar juízos, a harmonizar os interesses individuais com o interesse coletivo, a gerir dificuldades, a negociar, a comunicar, a argumentar, a apreciar o valor da democracia, dos direitos humanos, da solidariedade, da equidade, da tolerância, do empenho na construção coletiva do bem comum e de um mundo melhor. Dito

de outra forma - **uma Escola que insere a construção da cidadania no ensino disciplinar**. Uma visão de Escola mais humanista, solidária e tolerante. Que faz da ética de responsabilidade e de solidariedade o objeto e o sentido da sua ação.

**16.** Há que romper cada vez mais com as paredes da sala de aula, transformar o seu espaço em configurações variáveis, alargá-lo. **Sair para fora da Escola, da sala de aula. Chegar ao que a rodeia. Ao Mundo.** À emergência das situações-problema do quotidiano e da sociedade.

**17.** Os docentes tenderão a refletir cada vez mais sobre as potencialidades pedagógicas da utilização da tecnologia nas suas atividades escolares.

**18.** Melhorar a qualidade das aprendizagens será um imperativo essencial. Para tal, salvo melhor opinião, há que começar por se reavaliarem os programas. Diminuir a sua extensão, a quantidade de conteúdos. Dar a relevância devida ao seu caráter prático, funcional, utilitário.

**19.** Ganhará maior escala a implementação e a valorização de uma cultura de avaliação formativa, como prática avaliativa dominante, que privilegie a qualidade da aprendizagem em detrimento da simples classificação e promova um **feedback** de qualidade (mais contínuo e sistemático).

**20.** As metodologias, estratégias e recursos didáticos face ao currículo terão de se ancorar cada vez mais numa diversificação e diferenciação de processos e modelos pedagógicos ativos.

**21.** A formação contínua dos docentes terá de ser reequacionada. Não está em causa o papel dos Centros de Formação de Escolas Associadas que têm desenvolvido um trabalho notável e insubstituível. Importa é repensar as modalidades de formação. Por outro lado, a formação *online* veio para ficar. Tem vantagens. Há que as potenciar.

**22.** Mas, há um outro tipo de formação que consideramos fundamental e na qual é essencial apostar-se, por se revelar muito eficaz (mais ainda com outra geometria de Escola) - **as práticas de intervenção pedagógica, no âmbito da observação de aulas**, enquanto processo de reflexão e de desenvolvimento profissional. A implementação de mecanismos de observação voluntária de aulas, enquanto estratégia de melhoria das práticas pedagógicas, a identificação de boas práticas observadas/realizadas em contexto de sala de aula e a partilha de boas

práticas e métodos de trabalho inovadores são situações que a intervenção pedagógica promove e que devem ser, doravante, apostas estratégicas nas escolas.

**23.** Deverá trabalhar-se em rede(s), mais em equipa(s). Importa ter redes de colaboração, de proximidade, de trabalho comum, complementar. De todos. Com todos. De todas e com todas as ciências (neurociências, psicologia, biologia, sociologia, ...). Uma rede de "redes" multidisciplinares. Em convergência. Plena de sinergias.

**24.** Na gramática da Escola deverá ser garantido mais tempo para o trabalho colaborativo dos docentes. Esta dimensão é um preditor do sucesso escolar. Mas não basta apenas configurarem-se tempos semanais comuns para articulação pedagógica. A componente letiva dos docentes tem de ser repensada para que o trabalho colaborativo entre docentes e com os alunos das suas turmas seja concretizável.

**25.** O ato de ensinar e de quem ensina arrastar-nos-á para um incontornável processo de ressignificação e de redefinição da profissão docente.

**26.** O docente reinventar-se-á, reencontrará a sua **VOCAÇÃO**, tornar-se-á “**estudante do seu próprio ensino**”, investirá na (re)construção do currículo. O docente vai fazer acontecer, tornar interessante, motivar e estimular a autonomia dos alunos. O docente será (o) **DESAFIADOR de APRENDIZAGENS**. O foco será nas competências digitais, relacionais, sociais, emocionais, **no despertar de TODOS os talentos em cada um e em todos os alunos**.

**27.** O número de alunos por turma terá de ser menor, bem como o número de turmas e níveis por professor, sob pena do trabalho colaborativo não ser eficaz e/ou viável.

**28.** Os horários devem ser muito mais flexíveis. Dos alunos e dos professores. Um modelo de ensino híbrido determinará tal flexibilidade.

**29.** O reforço da indispensável partilha entre Escola-Família-Comunidade e a importância de apoiar e envolver as Famílias no processo de ensino-aprendizagem deverão assumir um papel mais efetivo e vinculante. Terá de se reconhecer mais ainda a privilegiada e importante tarefa que se atribui à Família/Pais: a educação dos filhos e o seu desenvolvimento equilibrado. Também, nunca como hoje, os

técnicos de ação social, os docentes e demais técnicos superiores das escolas terão de estar particularmente atentos às necessidades das crianças/alunos e ao desempenho educativo dos Pais. Neste sentido, a formação parental terá aqui um papel decisivo.

**30.** A modernização das instalações e equipamentos escolares terá de ser concomitante com a aposta em curso no digital e nas infraestruturas tecnológicas.

**31.** Será indispensável atrair os jovens para a formação profissional na docência. A formação inicial dos docentes deverá ser orientada para a promoção de uma educação inclusiva e objeto de recomendações nesse sentido, de modo a serem consideradas pelas instituições que formam docentes.

**32.** A carreira docente **deve** ser valorizada, tendo por suporte uma estratégia e um investimento político.

### **3. Escola – No tempo certo que é (já) hoje**

#### **É tempo para desafiar. Mas também investir.**

Desafiar a Escola, investindo no currículo, na transformação das práticas educativas e na melhoria dos processos de ensino.

Desafiar os alunos, investindo na sua motivação, imaginação e envolvimento.

Desafiar os docentes, investindo na sua autonomia, criatividade e reconhecimento.

**Este é um caminho com um trajeto desejável e transformador. Para as gerações futuras.**

## Pandemia: um manancial de oportunidades?



**Manuel Monteiro<sup>5</sup>**

Assim, o que devemos ensinar? Muitos especialistas em pedagogia defendem que as escolas devem mudar de modelo e passar a ensinar os «quatro C»: pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. De uma perspetiva mais ampla, as escolas devem dar menos atenção às aptidões técnicas e colocar ênfase nas aptidões de vida polivalentes. Acima de tudo, estará a capacidade de lidar com a mudança, de aprender coisas novas e de preservar o equilíbrio mental em situações novas. Para conseguirmos acompanhar o ritmo do mundo em 2050, será preciso não só inventarmos novas ideias e novos produtos, mas sobretudo reinventarmo-nos a nós mesmos uma e outra vez.

Yuval Noah Harari. 21 lições para o século XXI

Quando em março de 2020, o governo decretou o período não definido de suspensão de aulas presenciais, apesar de algum pânico e desorientação inicial, surgiu uma oportunidade para constatar aquilo que Harari, Y. (2018) preconiza quando defende que em Educação a mudança é a única constante.

Nos dias que se seguiram ficou evidenciada que essa capacidade de mudar existe nas comunidades educativas. É intrínseco aos seus membros, particularmente aos professores e alunos, tal foi a rapidez da sua adaptação a esta mudança, imposta por valores que se sobrepõem à aprendizagem enquadrada pelo sistema educativo, nomeadamente a sobrevivência (termo que define com clareza a vida durante a pandemia). Nos primeiros dias, o medo que uma ameaça desconhecida provoca, tolheu a capacidade de tomar consciência que esta podia ser uma oportunidade para procurar novas formas de ensinar e potenciar novas formas de aprender. Depois de controlado o medo, evidenciou-se a importância de, mesmo em contexto de sobrevivência, continuar a ensinar e a aprender.

---

<sup>5</sup> Diretor do Agrupamento de Escolas à Beira Douro [Gondomar]

Depois de um primeiro momento, rapidamente ultrapassado, da tentativa de transportar a “sala de aula” para o novo ambiente de aprendizagem, várias foram as mudanças que se realizaram, quer em função das alterações organizacionais introduzidas, quer em função da necessidade que cada um sentiu de se adaptar à nova realidade. Esta adaptação implicou, em primeiro lugar, a consciencialização por parte dos agentes educativos, quer coletivos, quer individuais, que a sala de aula enquanto espaço de quatro paredes, não é senão um espaço como qualquer outro, em que ensinar e aprender depende dos intervenientes mais do que a tipologia de enquadramento físico. Várias situações potenciaram esta consciencialização, nomeadamente a participação, mais ou menos efetiva, de alguns encarregados de educação no processo ensino-aprendizagem dos seus educandos. Este facto constituiu-se como mais uma oportunidade: a constatação que a aprendizagem de alguns alunos depende exclusivamente deles e da sua capacidade de se organizarem e, a de outros, depende da assessoria dos encarregados de educação, quais “agentes escolares” participando ativamente no seu processo ensino-aprendizagem. Desta forma, os olhares sobre o que se passa na “sala de aula” multiplicaram-se. Dessa constatação resultou um aprofundamento do conhecimento das realidades diferenciadas em que os nossos alunos vivem.

À medida que o tempo foi passando, fomos constatando que a distância é um problema neste processo de ensinar e aprender mútuo. E não há meio digital, por maior qualidade que tenha, que resolva este problema. A consciencialização deste problema também constituiu uma oportunidade. A oportunidade de refletir e constatar sobre a importância que, neste processo de ensinar e aprender, o olhar, o toque, a linguagem corporal tem para que este processo seja efetivo. E nesta medida, a importância da aprendizagem para além do currículo, e da escola como o local privilegiado onde ela se processa.

Outra dificuldade evidente que fomos sentindo refere-se à necessidade de avaliar as aprendizagens que estavam a ser feitas e se elas eram efetivas. Mais uma vez, esta dificuldade potenciou a oportunidade de refletir sobre a avaliação que fazemos, como a recolhemos e como a traduzimos em novas oportunidades de aprendizagens, diferentes das anteriores, podendo ser complementares, mas que permitam que os alunos ultrapassem as suas dificuldades e, efetivamente, aprendam. Sequencialmente,



surgiram novos instrumentos e formas de avaliação que se constituíram como mais valias ainda que tenham surgido algumas dúvidas quanto à sua pertinência e eficácia junto de alguns docentes, principalmente do ensino secundário. Nestas alturas agudiza-se “o espectro” dos exames finais de ensino secundário.

Este primeiro período de suspensão de aulas presenciais também se caracterizou por alguns episódios de resistência à mudança, fenómenos muito característicos nas comunidades educativas. Desde logo, a tentativa de transportar a organização escolar para a educação a distância. Alguns consideraram que, neste novo ambiente de aprendizagem, era possível reproduzir o processo ensino-aprendizagem tal qual faziam no ensino presencial. Quando se constatou que isso era humanamente impossível, surgiu uma nova oportunidade. A oportunidade de ensinar e aprender numa lógica organizacional diferente. Emergiu também uma nova forma colaborativa de abordar os problemas das turmas, pois os docentes sentiram a necessidade de estarem em contacto mais vezes, potenciado pelo facto de terem aprendido a fazê-lo a distância, otimizando o tempo despendido nesses encontros.

Por esta altura surgiu também, de forma clara, a importância da dimensão social da escola, nomeadamente no que se refere à parte da comunidade educativa mais vulnerável neste contexto. A resposta que a comunidade educativa deu neste aspeto também constituiu uma oportunidade para avaliar a sua capacidade de ser solidária e resiliente. Esta constatação emergiu como sendo uma dimensão que se harmoniza na escola. Esta experiência tornou evidente a importância que a colaboração com os parceiros institucionais e/ou da comunidade têm na resposta a estas necessidades em tempos diferentes.

Após este primeiro momento de suspensão de aulas, era evidente para todos a importância da escola enquanto espaço de formação de cidadãos e potenciadora de futuros felizes. Mas todos chegamos diferentes. Porventura mais preparados porque tomamos consciência de que fomos capazes de aproveitar a realidade a que estivemos sujeitos. Questionamo-nos, e às comunidades escolares, sobre os valores e as competências que devemos desenvolver para responder a esta tipologia de situações. Ou seja, aproveitamos a(s) oportunidade(s) para aprender.

O início de ano letivo 20/21 constituiu um desafio organizacional, também ele uma oportunidade de repensar a organização em função das limitações que a evolução do

conhecimento da pandemia nos foi impondo. Envolver todos os protagonistas neste processo adaptativo revelou-se essencial para a criação de confiança. Foi uma enorme alegria constatar que quer os alunos, quer os encarregados de educação, quer docentes e não docentes confiaram nas soluções propostas e compareceram em massa. As exceções foram muito residuais e configuram problemas que estão muito para além das limitações impostas pela pandemia. Foi uma prova inequívoca que, mesmo nesta situação anormal, o apelo da Escola presencial foi mais forte e ajudou a ultrapassar os medos e as incertezas que a evolução da pandemia acarretava.

Assim, apesar das limitações de circulação impostas dentro do recinto escolar, do uso permanente de máscara (que dificulta a comunicação), da supressão de alguns serviços (nomeadamente de bar), de novas regras para aceder a outros (nomeadamente a marcação com antecedência), a Escola aconteceu. Tudo se constituiu como um mal menor perante a possibilidade de um bem maior: aprender juntos na Escola.

O aparecimento de alguns casos positivos em alunos por transmissão em seio familiar, colocava-nos diariamente perante a decisão de alterar tudo. Esse sentimento elevou os níveis de alerta da comunidade escolar e normalizou a possibilidade de mudar. Mantivemo-nos firmes, demonstrando a resiliência que a certeza da nossa demanda nos confirma – a Escola vive-se na presença e na interação dos intervenientes, potenciando a aprendizagem (também) da pandemia. E só fechamos porque nos mandaram, pois fomos capazes de nos reinventar uma e outra vez.

### **Referências bibliográficas**

Harari, Y. (2018). 21 lições para o século XXI. Edição Elsinore, pág. 302.

## Reinvenção



**Paulo Antunes<sup>6</sup>**

O ano de 2020, foi profissionalmente marcante para mim. Após diversos anos em equipas diretivas assumi pela primeira vez as funções de diretor, num agrupamento TEIP, em plena pandemia, durante o 3º período letivo. Esta nova realidade, implicou a mudança de escola e por mais experiência e formação que tenha adquirido ao longo de 25 anos, não se está preparado para uma pandemia como esta e suas implicações na comunidade educativa. A escola reinventou-se e eu também.

Às responsabilidades intrínsecas das funções assumidas, passei a lidar com novas exigências ao nível dos protocolos de saúde, transposição de regimes e burocracia inerente ao preenchimento de novas plataformas. Assim, passou-se a conviver por um lado com as preocupações ligadas à saúde física e emocional e, por outro lado, com a desestabilização da área pedagógica com as mudanças intermitentes de regime presencial e não presencial.

Ao longo do último ano fomentou-se de forma transparente e democrática, a criação de condições para o sucesso escolar dos alunos, transmitindo uma imagem da escola como espaço de aprendizagem e de segurança, onde há investimento efetivo na criação de condições para o cumprimento da escolaridade de doze anos e do PASEO. No entanto, não podemos ficar indiferentes aos novos desafios colocados aos docentes com a lecionação online e consequente mudança na gestão da sala de aula.

Os alunos que querem aprender, são curiosos, colocam questões e gostam de debater assuntos, aprendem em aulas presenciais ou em aulas síncronas. Mas aprendem melhor na escola. Os alunos que não fizeram aprendizagens anteriores em algumas disciplinas, ou que não se esforçam, ficam cada vez mais distantes dos seus colegas, em termos de conhecimentos, se as aulas forem todas em casa, através da plataforma online.

---

<sup>6</sup> Diretor do AE de Maximinos, Braga

Foram várias as turmas que nos surpreenderam com o resultado de dinâmicas de aula que conduziram a aprendizagens que ficarão para sempre: sobre matérias de disciplinas, que são úteis para a vida diária, e aprendizagens que se fazem ao nível social, através de trabalhos em que a partilha de informação e a descoberta nos mostram que aprendemos mais quando estamos juntos do que quando cada um está em sua casa, isolado dos outros.

Se numa 1ª fase, o desafio foi colmatar as carências profissionais para trabalhar em ambiente virtual, bem como a disponibilidade de recursos tecnológicos para o desenvolvimento educacional online, a prioridade nos próximos tempos, centra-se na minimização dos impactos emocionais das medidas de isolamento social na aprendizagem dos alunos, considerando a longa duração do regime não presencial no 2º período letivo.

Foi um ano muito exigente e complexo, no âmbito de:

Problemas – falta de pessoal não docente, absentismo escolar.

Desafios – credibilidade do processo de ensino e aprendizagem online, sucesso educativo, cumprimento das metas do TEIP, jovem diretor vs reconhecimento pelos pares, avaliação interna, acolhimento de refugiados.

Receios – que algum aluno fique para trás, impactos psicológicos da pandemia na comunidade escolar.

Sentimentos vivenciados – Angústia, Resiliência, Esperança.

Alegrias – o regime presencial, renovação da escola secundária, retirada do amianto na escola básica com 2º/3º ciclo, aumento do número de alunos. As redes – Diretores de Braga, Parceiros do TEIP.

Ações mais gratificantes – Projeto “Ninguém fica para trás”, Programa de Incentivo à Inteligência Socioemocional e Desenvolvimento pessoal, Plano de E@D, Acolhimento de refugiados, Ação do Perito externo.

Aprendizagens - os programas são instrumentos, não são um fim em si, as aprendizagens trabalhadas como DAC facilitam a interação dos alunos, discutir estratégias de ensino e avaliação formativa... o fim não é cumprir programas...mas sim garantir aprendizagens, avançar no sentido da gestão das Aprendizagens Essenciais, entre os vários agentes para proporcionar aprendizagens concisas, no ensino secundário o aluno terá tanto mais sucesso... quanto mais aprender (os exames não

dispensam que nos foquemos nas aprendizagens dos alunos), está nas mãos dos professores ensinar e encontrar formas que facilitem a aprendizagem dos alunos, o professor precisa da colaboração dos alunos na sua atuação para que a missão/tarefa seja mais fácil, o princípio vital da aprendizagem é colocar os alunos a agir...a interagir... para aprenderem, o professor monitoriza e inventaria formas de ativar a participação dos alunos (procura soluções), é importante o consenso quanto a linhas de ação em Equipas Educativas de Ano, no E@D o tempo atribuído não é sinónimo de aprendizagens dos alunos, no E@D temos de investir mais na qualidade do tempo: usar o tempo escasso, não para debitar “matéria” mas para promover a ação dos alunos... orientando-os.

Em suma, desafios pedagógicos e administrativos não faltaram no último ano aos diretores. A pandemia, obriga a repensar os modelos atuais de ensino, os modelos organizacionais das escolas, as práticas de gestão, o processo de ensino e aprendizagem e a forma com que as famílias se envolvem no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos. Deste período, como diretor, retive que a gestão escolar tem de ser ainda mais participativa e menos centralizadora, de maior proximidade com a comunidade escolar, pautada em princípios e valores éticos, com estreita ligação aos protocolos de saúde. Ocorrerá também a reinvenção do Projeto Educativo, dado ser de fulcral importância que, decorrente da pandemia, abarque o Plano de Transição Digital e de E@D, visando uma melhor adequação às novas propostas e metodologias de ensino.

Nesta organização, continuamos ON, com espírito de missão, coesos, o que nos fez ultrapassar os nossos limites e nos mostrou que conseguimos fazer a diferença. É nossa missão cumprir o serviço público de educação em articulação com o M.E. e a colaboração permanente da autarquia e parceiros, otimizando um modelo pedagógico centrado no sucesso educativo dos alunos. Transformar o Agrupamento de Escolas de Maximinos num espaço privilegiado de construção e defesa de valores e crenças claras, designadamente na promoção do trabalho colaborativo, conhecimentos e competências facilitadoras da realização de percursos pessoais e valorizar a escola enquanto espaço privilegiado para o exercício da cidadania, procurando atingir um elevado grau de satisfação da comunidade educativa.

## Tempos de (des)confinamentos



**Rosário Queirós<sup>7</sup>**

“O mundo não é, está sendo.”

Paulo Freire

Sou Diretora, como tal não tenho testemunho direto de ensino à distância. Pedi ajuda a uma aluna do 7ºano, 13 anos acabados de fazer. Prontificou-se de imediato e perguntou:

- É para isto funcionar melhor?

- Claro, querida, é para isto funcionar melhor. Se formos capazes.

E assim com a ajuda da Rita (nome fictício) e com o que fui colhendo dos professores, vou tentar dar a minha opinião.

A pergunta era: o que aprenderam os professores neste segundo confinamento, entre Fevereiro e Março?

Penso que devo começar pelo princípio: o que aprendemos no 1º confinamento e o que tivemos de desaprender neste segundo, para voltar a aprender coisas diferentes. E saber guardar o que correu bem.

Ouvimos mais, lemos mais, estudamos mais, partilhamos mais – percebemos que não sabíamos tudo, que não percecionámos os tempos de concentração das crianças, deixámos pouca autonomia aos professores – havia quase que uma receita que servia a todos na escola. Verificamos que era um grande disparate e colocamos a questão essencial:

´- Como é que os alunos aprendem? Os mecanismos são semelhantes na escola ou em casa?

Pus a questão à minha companheira de 13 anos:

- Aprendes melhor em casa ou na escola?

---

<sup>7</sup> Diretora do Agrupamento de Escolas Clara de Resende, Porto

- No ensino à distância falta qualquer coisa, responde a Rita depois de algum matutar.

- É o professor?

- Também – diz ela, mas não só.

E esse “não só” ficou a maturar nas nossas cabeças de adultos. Hoje sabemos o que era – era a autenticidade das relações afetivas e intelectuais. Essas relações só existem em presença. Só assim conseguimos realmente ver, ouvir, tocar, sentir, perceber, estar junto de.

- E não aprenderam nada? - insisto eu. -Foi assim tão mau?

- Aprendemos a lidar melhor com o computador e a utilizar meios que não conhecíamos, mas também aprendemos com as aulas. Alguns professores começaram a dar as aulas on-line de maneira diferente. Éramos nós que marcávamos o ritmo; as aulas não eram sempre iguais; vimos alguns filmes fantásticos; havia materiais diferentes. Numa aula de Ciências falámos do lince ibérico. Foi muito bonito. Vimos documentários que não vamos esquecer.

- E o lince era do programa? - pergunta tola do adulto/professor

- Sei lá- responde ela prontamente. Se não era, passou a ser, porque temos todos que fazer um trabalho sobre isso. E depois apresentá-lo, sem ajudas. E vai ser avaliado. Mas nem tudo era bom. Havia outros professores que ensinavam, como se nós estivéssemos na escola, à frente deles. Falavam sem parar. Lá na escola, como agora em casa, aprendemos pouca coisa com esses professores mas on-line é pior. As notas vão descer.

- E como sabes isso tudo? —insisto eu.

De novo resposta pronta - A minha mãe é professora. E quer muito que os alunos aprendam. E, às vezes, pede-me conselho. Pergunta-me do que gosto nas aulas.

- E como gostas mais das aulas? À distância ou na escola?

- Na escola, claro, com os métodos utilizados à distância.

- E aprenderam mais da 1ª vez ou agora?

- Agora, claro. Não tem nada a ver.

“Não tem nada a ver”. Quer dizer que nós professores, aprendemos alguma coisa. Os alunos mostraram-se. Necessidade de escrever mais um texto para os pais e alunos para demonstrar a importância do “ver”. É a única forma de ir sentindo, mesmo ao



longe. Tínhamos percebido que dar aulas a um ecrã preto não funcionava. Faltava a intimidade, o afeto, a emoção. As emoções. Sabíamos que tínhamos de arranjar formas de diminuir o tempo e o espaço que nos separava. E fomos aprendendo a diminuir as distâncias.

Achei estranho. Li tudo o que me chegava sobre ensino à distância. Nunca vi referido, com a importância devida, o terrível obstáculo de “não ver”.

Outra coisa que aprendemos. Nas aulas à distância não se podia falar só de Geografia, História e Matemática Tínhamos que saber estados de espírito para perceber como desenvolver a aula. Perguntávamos:

- E aí em casa, tudo bem?

A minha jovem amiga informou-me que as respostas eram muitas e muito diferentes. A irmã, que ficou desempregada, o pai que apanhou o maldito vírus e está internado. Outros estavam contentes porque as coisas lá por casa corriam bem. Estavam todos juntos à mesa ao almoço. Há muito tempo que isso só acontecia nos fins de semana.

Não é fácil gerir a alegria e a tristeza ao mesmo tempo. E ao longe.

- E tu? Como te estás a aguentar?

- Vou estando. Eu estou bem. Não estou doente. Só sinto falta dos amigos. E quando sinto essa falta, às vezes, apetece-me chorar.

A mim também.

Tenho a sensação de que não respondi ao que era esperado de mim. É difícil.

O que aprendemos nestes dois meses? Melhores estratégias? Materiais mais inovadores? Ritmos mais adequados? Mais estudos, sempre necessários? Tudo isto é verdade.

Mas sobretudo acredito que aprendemos humanidade, solidariedade, sensibilidade, compreensão, preocupação. Às vezes, pena e compaixão.

De uma coisa estou certa. Ao escrever este texto emocionei-me. De tristeza, pela condição precária em que todos vivemos e de alegria, porque aprendemos alguma coisa. E não sou eu que o digo. É uma jovem adolescente de doze, treze anos quem o diz. E no fim acrescenta:

- Professora, precisamos muito dos nossos professores. Até daqueles de quem não gostávamos muito.

Emocionei-me de novo. Agora de felicidade. O futuro vai ajudar-nos. Se assim não for nada disto faz sentido. E uma adolescente de treze anos nunca iria entender. Nem eu.

E como diretora? Como desejo o retorno à escola?

Primeiro, gostava obviamente que durasse e não nos víssemos obrigados a novo confinamento. Depois gostava que esta aprendizagem que nos acompanhou durante o confinamento tivesse consequências. Que se continuasse a pensar a avaliação das aprendizagens como em momento algum antes se pensou. Que se pensassem as relações humanas e as melhorássemos todos os dias. Que as considerássemos como indispensáveis num processo de aprendizagem. Que conseguíssemos todos ser criativos e inovadores, como fomos tantas vezes no ensino à distância. Que nos puséssemos em causa.

No fundo gostava que este confinamento tivesse também aspetos positivos, frutos para apanhar.

Desejo que o professor seja menos académico e mais coordenador/dinamizador, cúmplice, até. Alunos e professores necessitam dessa cumplicidade para que o professor possa ensinar e o aluno aprender. Gostava que deitassem muros abaixo. Que banissem o que os separa e acolhessem de braços abertos o que os une. Que gostassem do que fazem. Que sintam saudades dos alunos e os alunos sintam saudades dos professores. Que se reencontrem. Que em conjunto consigam seguir trilhos novos. Que tenham percebido a solidão do confinamento e não a desejem no seu trabalho. Que (con)vivam com o outro. Que precisem do outro.

E gostava que a administração acreditasse que isto é possível. Continua a legislar-se de mais. Devem ser os professores, nas escolas, a decidir o que é necessário debater para bem da escola pública. Se despachos e recomendações, se pedagogia ou didática. Se perdem tempo com papéis e plataformas ou se usam esse tempo para pensar as aulas, os materiais, as estratégias. Se são burocratas ou professores.

Tenho saudades do tempo em que a Direção era um órgão colegial e havia tempo para debater pedagogia. Havia tempo para ouvir as pessoas (pais, alunos, funcionários, professores) e falar com elas. Esquecemos a importância da escuta e da palavra – sem elas a nossa profissão não funciona. Diria mesmo que é a sua génese, a origem, a fonte da função docente. É na escuta e na palavra que temos de ir beber o nosso saber.

Assim não gosto... mas ainda tenho uma pequena esperança de vir a gostar.

NOTA – A Rita mudou de nome para este texto. Mas existe e tem opiniões muito assertivas. Ainda bem. Obrigada pela ajuda, “Rita”.

## “Um ano de Pandemia”



**Manuela Machado<sup>8</sup>**

Este ano de pandemia, a nível profissional, posso dividi-lo em 4 partes, todas elas vividas de uma forma intensa, não havendo tempo para sentir qualquer tipo de ansiedade, pois o objetivo era proteger toda a minha Comunidade Escolar, mais do que a mim própria, mas sempre com o otimismo e resiliência que me caracterizam.

### **I. O início**

Março de 2020, ano que, acreditava eu, seria o melhor de sempre, esquecendo que os anos pares nem sempre me têm trazido grandes notícias. Nos dias 12 e 13, na Escola sede, não haveria aulas, pois seriam, juntamente com o fim de semana, 4 dias para remover o amianto do pavilhão gimnodesportivo e colocar, finalmente, uma nova cobertura. Mal sabíamos que não voltaríamos tão cedo a este nosso espaço quotidiano e tão querido...

A decisão de passarmos todos ao Ensino à Distância, nessa sexta-feira, dia 13, foi um “choque”, que produziu em nós, não uma paralisação, mas uma força e coragem para seguir em frente e vencer este desafio que nos tinha sido colocado assim, tão repentinamente. O Governo tinha decretado a suspensão das atividades letivas presenciais, ou seja, os nossos alunos não estavam de férias. Tal situação implicava a elaboração de um horário de estudo, por forma a que o contacto se mantivesse permanente com a Escola e com os seus estudos.

Foi aqui que a designação “fim de semana” abandonou, agora totalmente, a sua definição de “descanso”.

---

<sup>8</sup> Diretora do AE Soares dos Reis, V. N. Gaia

De imediato, com a ajuda e dedicação de uma maravilhosa equipa, passamos a preparar o arranque deste novo modelo de ensino – escolher a plataforma para utilizar com alunos e professores, definir regras, promover a formação de docentes, realizar mil e uma reuniões – de Direção, Conselho Pedagógico, Departamentos Curriculares, Conselhos de Turma/Docentes, Pais/EE... Começam, assim, as primeiras reuniões do AESR, em videoconferência, para preparar a nova “sala de aula” dos nossos 1100 alunos. Faltavam, ainda, mais 2 prioridades: elaborar os “Planos de Ensino à Distância (E@D) e de Contingência” e “ligar” todos os nossos alunos.

Os documentos foram elaborados, em permanente interação com a Comunidade Escolar e também com os Diretores de Gaia, que, mais uma vez, estiveram sempre unidos e solidários. Porém, a nossa grande preocupação foi proporcionar a todos os alunos os meios telemáticos para se manterem “ligados” – através da Campanha Solidária que promovemos, conseguimos atingir este objetivo. Tivemos a preciosa ajuda da Câmara Municipal de Gaia, da Junta de Freguesia de Mafamude, de Professores, Pais e também de pessoas e empresas anónimas do Concelho. Uma grande alegria e sensação de dever cumprido!

As nossas Escolas, vazias de alunos, mas sempre a funcionar, com o apoio, dedicação e colaboração do nosso Pessoal Não Docente, sempre presentes nas Escolas, resolvendo as várias situações que foram surgindo. Juntos, unidos, dedicados e com muita paixão...

Passadas duas semanas, estava terminado o 2.º Período. Com boas práticas, um Agrupamento unido, empenhado e um forte espírito de equipa, conseguimos ultrapassar este primeiro e grande desafio, sempre com Energia Positiva e muita responsabilidade. De um dia para o outro, a sala de aula física passou a uma sala de aula digital, onde professores, alunos e pais se envolveram de uma forma inimaginável!

O 3.º Período era, ainda, uma incógnita, mas eu sabia que este maravilhoso grupo de profissionais tudo faria para que aquele inaudito ano escolar não fosse perdido e que contribuísse, em vez disso, para uma grande e boa mudança na educação dos nossos alunos.

Parte da interrupção da Páscoa foi dedicada à avaliação dos alunos e à preparação/antecipação do arranque do 3.º Período, também em E@D.

O trabalho dos Diretores e das suas equipas triplicou... Sempre em teletrabalho, a telecomandar um Agrupamento à distância, com “telepatia”, “teleabraços”, “telessorrisos”, à mistura.

Terminado o 3.º período de 2019/2020, encerrava-se, também, um ano inaudito, exigente, mas que conseguimos superar, desta vez, de uma forma diferente, nova, à distância, todavia, com um envolvimento, empenho, dinâmica e profissionalismo de excelência. Foi assim que conseguimos ultrapassar este enorme desafio, uma luta contra esta adversidade coletiva, onde o serviço público da educação esteve, novamente, presente e com voz ativa. Todos de Parabéns!

## **II. Preparação do ano letivo seguinte**

O ano letivo terminou, mas, de imediato, e ainda dentro deste ano escolar, era necessário “arregaçar as mangas”, pois tínhamos a preparação do ano, tão especial de 2020/2021: as reuniões multiplicavam-se, procedia-se à reformulação do “Plano de Contingência”, elaboravam-se os três “Planos (Presencial, Misto e à Distância)” e do “Plano de Atuação/Recuperação das Aprendizagens”, os “Códigos de Conduta”, estabeleciam-se novas regras nas Escolas, elaboravam-se novos horários, sinaléticas, pinturas nas Escolas, faziam-se as compras de material de combate à pandemia, para além de tudo o que, habitualmente, era efetuado no final e arranque de um novo ano letivo/escolar.

As entrevistas/reportagens no nosso Agrupamento foram muitas e a vários meios de comunicação. Constituíram uma forma excelente de fazer chegar à Comunidade Educativa toda a informação necessária, assim como as nossas boas práticas, sempre com um discurso positivo e tranquilizador.

Com as férias a chegar e a precisarmos muito delas, ainda faltava muito para fazer...

Setembro iniciava-se com a reunião da equipa da Direção – a primeira de muitas reuniões neste novo e especial ano escolar de 2020/2021. Aqui nasceu o nosso *slogan*: “Juntos e com tranquilidade, vamos vencer este desafio! Vamos todos substituir a palavra ansiedade por tranquilidade e a palavra dificuldade por desafio”. Assim foi...

## **III. 1.º Período de 2020/2021**

Respirar fundo! Abraçar o tempo. Recomeçar, tranquilamente!

Todas as refeições foram efetuadas à distância, por videoconferência, para segurança de todos nós.

A Diretora esteve, em sala de aula, com todas as turmas da Escola sede, alunos sobre os quais eram exigidas muitas mais responsabilidades. Nesta pequena conversa, foi assumido o compromisso do respeito pelas regras, a colaboração e a tranquilidade, para que, juntos, pudéssemos vencer este desafio.

“Aqui, vou ser feliz!”. Foi com esta frase que os alunos de 5.º ano iniciaram este ano letivo, num novo ciclo, numa nova Escola. Não foi assim que nenhum deles imaginou a sua entrada no quinto ano: entradas separadas e percursos orientados... regras e restrições... distanciamento social... máscaras obrigatórias... gel desinfetante... mas tudo envolvido em muito carinho.

Este 1.º período foi muito exigente, intenso, para todos nós, Direção, Professores, Pessoal Não Docente, Alunos, Pais... As Plataformas proliferaram, os atestados médicos, as substituições, o SNS, a Saúde Pública, os casos Covid, o isolamento profilático, o controlo, a monitorização, a sensibilização... Muita exigência, é certo, porque queremos sempre mais. Contudo, sempre serenos, tranquilos, confiantes, optimistas.

Com tranquilidade, resiliência, muito trabalho e profissionalismo, mantivemos e assegurámos o bem-estar e a saúde de toda a Comunidade Escolar, durante todo o 1.º período. Um grande aplauso e agradecimento a todos os professores, alunos e funcionários.

Final do 1.º Período... Exaustos, mas felizes!

#### **IV. 2.º Período de 2020/2021**

O 2.º período iniciou-se de uma forma responsável e tranquila, com boas práticas, unidos e, passo a passo, continuámos com o foco de conseguir ultrapassar este grande desafio, sempre com energia positiva e com a esperança de que dias melhores haviam de chegar.

Infelizmente, com o agravamento da pandemia, fomos obrigados a voltar ao Ensino à Distância, mas, desta vez, com mais experiência, novas ideias, mais confiantes, mais criativos e resilientes.



Novamente, conseguimos manter “ligados” todos os alunos, antes de chegar o “Plano de Transição Digital”.

Daqui em diante, só podemos desejar um futuro promissor, que nos abrace sem receios, pois a aprendizagem do passado tornou-nos mais fortes e sábios.

## **A voz de professores e investigadores**

## Eramos felizes e não sabíamos



**Adília Cruz**

Esta é uma frase que tenho ouvido e lido muito ultimamente. Embora pareça um clichê traduz, verdadeiramente, aquilo que sinto. Neste confinamento aprendi que era feliz e não sabia.

Era feliz porque...

Tinha voltado a lecionar, após ter exercido, em exclusivo, o cargo de Presidente/Diretora da escola. Comecei por ter algum receio pois há muito tempo que estava afastada da sala de aula. Também, porque algumas vozes faziam questão de me dizer que, agora, já não saberia “dar aulas”, como se isso fosse algo que se esquecesse. Se a gestão de uma escola foi muito importante para mim, pois permitiu-me desenvolver um outro desafio profissional que me cativa, era na sala de aula que eu sabia que teria as minhas maiores alegrias. O contacto com os alunos foi e será sempre o que melhor me define enquanto profissional.

Rapidamente consegui envolver-me na rotina escolar, desenvolvendo projetos e atividades que me realizavam e me mostravam o caminho a seguir para motivar e envolver os meus alunos na aprendizagem. Organizar um concurso fotográfico sobre paisagens naturais no Geopark Arouca foi um desses projetos, entre tantos outros em comum com outras colegas igualmente entusiastas da inovação pedagógica. Projetos que saíam das paredes da sala de aula, que envolviam várias parcerias, de dentro e fora da escola, e que permitiam aos alunos desenvolver capacidades e competências que permanecem até hoje, numa sustentabilidade pedagógica que assegura o seu crescimento académico e pessoal.

Entrei numa comunidade reflexiva de aprendizagem, através do doutoramento, que me dá liberdade para ser autora da minha própria ação. O envolvimento que tenho tido neste projeto tem sido uma aprendizagem e crescimento intelectual muito grande, ajudando-me a ser uma pessoa mais reflexiva e mais produtiva, capaz de utilizar todo

esse capital de conhecimentos e capacidades para melhorar o meu desempenho e desenvolvimento profissional.

Após 20 anos envolvida em cargos diretivos de gestão, tinha voltado a ter tempo para mim, e para os meus. Os projetos individuais e familiares começaram a surgir, as férias, as viagens, os fins-de-semana em família, os almoços e jantares com todos à mesa, os convívios, as leituras, o lazer, uma vida esquecida porque abandonada. Nem este período longo e difícil do confinamento perturbou esta tranquilidade interior, apesar de ter adiado alguns desses sonhos.

Sinto ânsia de recuperar tudo aquilo que me faz feliz e acrescentar tudo o que aprendi neste conjunto de vivências, boas e menos boas, que a vida me proporcionou. E, entre elas, o viver uma pandemia que, de forma inesperada, nos obrigou a parar e a refletir a vulnerabilidade do ser humano e na impotência das suas vontades.

Neste confinamento aprendi a:

**Ser** mais tolerante e ouvir mais o outro pois, estar em casa, muitas vezes sozinha, fez-me pensar que nem sempre estive atenta. Escutar passou a ser mais importante para mim. Dou mais importância à Joana quando escreve no diário digital *“voltamos às aulas online, voltamos àquela fase em que estamos sempre no mesmo sítio com o computador, com uma roupa mais confortável a discutir com os nossos pais e irmãos para não fazerem barulho porque vamos ter aulas online”*.

**Conhecer** melhor a realidade dos que me rodeiam, nomeadamente dos meus alunos. Predisposta a escutar, até o consigo fazer entre silêncios. Escuto e percebo quando me dizem que não podem entregar os trabalhos porque os computadores da escola não funcionam e estão sempre a dar problemas; quando tenho de trabalhar com jovens que residem em instituições incapazes de gerir as respostas necessárias a esta realidade de confinamento, com as institucionalizadas juntas, 24 horas, sem os recursos humanos e físicos indispensáveis para desenvolverem o seu trabalho: ou as aulas síncronas são assistidas de forma rotativa porque não há computadores suficientes, ou decorrem em espaços barulhentos em que a matemática da Jacinta se confunde com a geografia da Maria que está ao lado; quando dizem que numa freguesia do nosso concelho os alunos têm de estudar na rua, nas escadas da junta de freguesia, para apanharem o sinal da Internet, facto noticiado na comunicação social nacional.

Carências e desigualdades sociais difíceis de aceitar num país, ou num concelho, que tem para inaugurar a maior ponte pedonal suspensa do mundo: “Ponte 516 Arouca”.

**Reinventar-me**, pois, percebi que posso sempre fazer mais e melhor, principalmente, quando tenho o retorno dos meus alunos, como o da Beatriz, que se mostra satisfeita quando escreve no diário de aula *“e assim foi o nosso primeiro dia de confinamento com a professora Adília. Adorei!”*. Ou quando a Bia admite que não é fácil e que *“os trabalhos de grupo tornam-se mais complicados assim, pois nem todos têm as tecnologias a funcionar a 100%, mas mesmo assim vamos conseguindo”*. Sem o saber, são os alunos que me inspiram a melhorar e a me desafiar.

**Melhorar** as minhas práticas através das Tecnologias da Educação Digital (TED), consciente de que estas vieram para ficar, conforme entrevista, conduzida pelos alunos, em aula síncrona de Área de Integração, a Márcio Fernandes, engenheiro, sobre o papel das tecnologias no trabalho: *“prova disso é podermos estar aqui agora a fazer uma entrevista por videoconferência”*.

Várias são as iniciativas e estratégias que tenho utilizado nas aulas síncronas, para criar um espaço real de aprendizagem em meio digital: trabalho de pares e de grupo para realização de pequenas tarefas, gravação de áudios, participação de elementos externos à escola (exemplo: avós dos alunos para falar do património gastronómico local), esquemas/mapas conceituais, apresentações orais com a apreciação de pessoas externas, consultoria de projetos realizada por especialistas (exemplo: elaboração de uma ementa ecológica, tradicional onde os alunos interagem com nutricionistas ou chefs), aula invertida, o “chat de saída” em que os alunos se manifestam sobre a tarefa realizada, o diário de aula digital, o portefólio digital. As TIC disponibilizam vastas possibilidades para melhor ensinar e melhor aprender.

**Valorizar** as pequenas conquistas foi uma aprendizagem deste confinamento pois, entre tantos desafios e dificuldades, o superar passou a ter um sabor mais agradável. Fico satisfeita e realizada sempre que domino uma nova ferramenta digital, uma nova prática pedagógica, que me facilitam o trabalho e o tornam melhor. Os desafios são constantes e quando ultrapassados inspiram novos riscos, numa melhoria contínua. Por outro lado, é gratificante perceber, através, por exemplo, do diário digital, que os alunos aderem com alegria às tarefas, como refere a Joana A: *“apesar de não podermos estar*

*todos juntos presencialmente, pois acredito que seria ainda mais divertido, notei que no meu grupo todos estavam animados com a realização da tarefa proposta pela professora”.*

**Partilhar** com os meus pares, principalmente com aqueles que me revelam ter mais dificuldades e que, neste tempo de confinamento, se sentem mais isolados e sem apoio imediato para as ultrapassar. É muito bom sentir que somos capazes de aprender uns com os outros e que esta partilha e articulação nos faz desenvolver profissionalmente.

Partilhar, igualmente, com os alunos e entre os alunos, é uma constante neste processo educativo. O empréstimo dos meios digitais, a partilha de conhecimento mútuo, o apoio diversificado, a disponibilidade, o reforço positivo, facilitam a aprendizagem e promovem a alegria de estar em sala de aula (mesmo que em ambiente digital), como evidencia a Maria na sua folha do diário digital: *“nesta tarefa o meu grupo já está bastante avançado. Além de trabalho temos sempre muita alegria nestas aulas e a professora é a prova disso”.*

Agora que estamos perto de regressar à escola, vamos guardar nas nossas memórias todas estas vivências, conscientes que vamos voltar diferentes, com outras habilidades, com outras perspetivas e bem mais fortes, porque sobreviventes.

Que esta cumplicidade na aprendizagem não se perca, pois seria um desperdício inaceitável não aproveitar a experiência vivida e não continuar a investir na inovação pedagógica.

## Faz-te ouvir! A voz dos alunos importa.



Alexandra Carneiro<sup>9</sup>

**Daniela Flores da Silva; Diogo Lopes; Filipa Alexandre; Filipa Magalhães; Lara Manhente; Margarida Pena Oliveira; Rui Morais Silva<sup>10</sup>**

As oportunidades para os alunos fazerem ouvir as suas vozes são geralmente limitadas e nem sempre vistas como eficazes (OCDE, 2006). Em contexto de emergência pandémica como o que vivemos, a salvaguarda dos interesses dos alunos é de tal modo central na gestão da escola e no esforço dos professores que podemos correr o risco de esquecer... os próprios alunos. A UNESCO e o Conselho da Europa em novembro de 2020 lançaram uma pesquisa sob o título: “De fazer a voz dos alunos ser ouvida à participação cívica ativa: O papel das escolas na era digital”. E que papel deve ser esse? De abertura para os compreender, de desafio para os motivar e de escuta para os envolver - pois se a sociedade se quer democrática é na escola que se lançam essas bases.<sup>11</sup>

Porquê valorizar a voz dos alunos? É na escola que as crianças e os jovens passam parte significativa do seu tempo de vida. Onde constroem e experimentam relações sociais, afetivas e emocionais – com os seus pares, com os seus colegas, com os seus professores. É enquanto estudante que começam a definir quem são - pontos fortes, interesses, amigos, passatempos... É por isso que muitas das lutas para encontrar o seu lugar ocorrem na escola – ou porque sentem que não se encaixam ou porque, encaixando, consideram que a sua voz pode ser escutada e isso pode ajudá-los a ver que não estão sozinhos. Valorizar a voz e a escolha do aluno não pode ser um acontecimento apenas exterior à sala de aula, próprio das atividades extracurriculares – deve começar

---

<sup>9</sup> Professora da Escola Secundária de Rocha Peixoto. Membro do SAME – FEP.

<sup>10</sup> Alunos/membros do Clube de Debate da Escola Secundária de Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim.

<sup>11</sup> Free to Speak - Safe to Learn, Democratic Schools for All, projeto do Conselho da Europa.

<https://www.coe.int/en/web/campaign-free-to-speak-safe-to-learn/home>

com a criação de confiança e envolvimento durante a aula como caminho para a aprendizagem e para a maior equidade de todo o sistema educativo.

Este é um texto de várias vozes. Vozes dos alunos que integram o Clube de Debate da Escola Secundária Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim e que construíram este texto pois o (primeiro) confinamento foi o primeiro tema que debatemos neste ano letivo. Estão presentes neste texto como são presentes na Escola, já que este Clube existe porque eles o fazem existir – propuseram-no, mantêm-no, participam. E a Escola, na sua missão declarada e construída de ser plenamente “de todos e para todos”<sup>12</sup>, acolhe a iniciativa por se tratar da expressão de valores, opiniões, crenças e perspetivas deste grupo de alunos e de outros que se queiram juntar.

Impõe-se repetir a pergunta - porquê valorizar a voz dos alunos? Em vez de citar a literatura, registamos os discursos diretos: hoje (25 março) a sessão do Clube foi em torno da conclusão deste texto. Precisamente porque o tema previsto era o fim do confinamento e o regresso à escola. E mais uma vez mostraram que são um grupo especial: resistem ao senso comum, rejeitam sensacionalismo de algumas notícias, questionam. Interpelam as restrições à liberdade individual e discutem o valor do bem comum; problematizam o poder do Estado e erguem a resiliência como bandeira para estes tempos em que se lhes pede superação. A eles, que deviam estar a viver plenamente a sua juventude: a conclusão da escolaridade obrigatória, os primeiros amores, as discussões ideológicas, as amizades de toda a vida... e estão “castrados em casa”, condenados a “perdas irreversíveis” – as conversas em torno do almoço da cantina, queixando-se da comida e rindo da aula da manhã ou antecipando o teste da tarde... Estão em perda, “como os idosos”, dizem – “que estão a morrer da tristeza e do isolamento”. Sentem-se “excluídos e resistem” – com foco no futuro, percebendo-se como plenamente responsáveis por dias melhores e preocupados com “aqueles que fazem aumentar o número de contágios”.

### **Voz à Margarida Pena Oliveira**

Durante este período de confinamento, confirmo que a palavra aprender tornou-se obsoleta. O privilégio de poder estudar num momento incomum, tornou-se um

---

<sup>12</sup> Do mote da E.S. Rocha Peixoto.



refúgio incomparável ao resto do mundo. No entanto, posso que afirmar que a minha educação consiste em seguir os valores tradicionais de um estudante exemplar, isto é, obter resultados somente com intuito de ter uma boa média académica, excluindo o gosto pelo conhecimento. Além disso, no decorrer das aulas online, enfrentei imensos obstáculos como a sobrecarga emocional e as expectativas inalcançáveis. Mas acima de tudo, a falta de representação dos alunos em tomar decisões e serem ouvidos realçou-se perante a pandemia, principalmente no círculo escolar. Em suma, o isolamento apenas confirmou as dificuldades educacionais já existentes e o seu impacto no bem-estar dos alunos.

### **Voz à Filipa Alexandre**

Creio que falo por todos os alunos e funcionários que fazem parte do agrupamento escolar quando digo que este confinamento e as aulas online foram um desafio para todos nós. Tivemos que nos adaptar a uma nova realidade que limitava as nossas vidas em todos os aspetos possíveis. Aprendemos a trabalhar com novas plataformas digitais, as configurações das nossas avaliações foram alteradas, novos testes com menos tempo, um conjunto de alterações, mas para mim, onde eu senti que os professores enfrentaram um maior desafio, foi nas disciplinas práticas. O desafio que professores de disciplinas como Desenho A, Oficina de Artes e Educação Física enfrentaram foi, a meu ver, gigantesco. As mudanças que estes tiveram que fazer às técnicas que utilizavam para conseguirem continuar a ensinar-nos à distância são enormes. E agora, vamos voltar a frequentar as escolas, as nossas vidas vão voltar a mudar e por isso mesmo, se tivesse que resumir esta fase de confinamento e desconfinamento numa frase, diria que é falta de estabilidade que os alunos estão a receber numa fase crucial das suas vidas.

### **Voz à Lara Manhente**

Durante este período de confinamento, de janeiro a meados de abril, os alunos foram desafiados novamente a enfrentar um momento que, pra nós, considero complicado. Durante estes momentos senti-me sobrecarregada de trabalhos, testes, em suma, de avaliações e com stress acumulado do dia a dia.

No entanto, o ficar em casa, apesar de toda a responsabilidade que acarreta, também trouxe aspetos positivos no que toca aos laços desenvolvidos com a família com

quem residimos, posso dizer que aprendi a ser mais compreensiva e paciente com os que me rodeiam porque não foi fácil para ninguém. O ficar em casa neste contexto de pandemia trouxe-nos também um sentido de responsabilidade muito grande e o fazermos parte de uma causa maior faz com que o permanecer em casa traga alguma motivação e que todo este esforço não seja em vão.

Este processo não foi apenas complicado para os alunos, mas também para os professores. Estes foram elementos fulcrais para a nossa aprendizagem. Todo o seu trabalho é reconhecido pelos alunos, tanto o que é realizado na nossa presença (“sala de aula”), como o posterior. Os professores tiveram de aprender a utilizar novos métodos de ensino para conseguir chegar ao aluno de forma a que este percebam utilizando vários meios.

Em conclusão, esta pandemia desenvolveu capacidades que nós, elementos de uma sociedade, não sabíamos que tínhamos, uma das mais marcantes talvez seja a resiliência.

### **Voz à Daniela Flores da Silva**

Durante este confinamento, particularmente difícil, as lições tiradas são imensas. Enquanto aluna, o confinamento fez-me perceber que sou uma pessoa bem mais forte do que aquilo que pensava. Deparei-me com situações inesperadas, injustas e precipitadas e tive de arranjar força para, perante isto, conseguir atingir os meus objetivos escolares e não falhar. Dei o máximo de mim em tudo. Entreguei-me aos desafios de corpo e alma para provar a mim mesma que era capaz, e consegui. Consegui terminar tudo aquilo a que me tinha proposto porque fiz de mim uma pessoa forte e capaz de concretizar os objetivos perante todas as dificuldades. Deste modo, tive uma perceção ainda maior relativamente ao facto de que, se não dermos tudo e se não lutarmos por nós mais ninguém o irá fazer. A vontade, a força e a motivação têm de partir sempre de nós em tudo. Para além disto, o regresso do confinamento mostrou-me que não podemos dar absolutamente nada como garantido. Um dia estamos livres e do nada voltamos a esta “prisão domiciliária”. Com isto, quero dizer que devemos aproveitar todos os momentos da nossa vida desfrutando do presente em vez de priorizar o futuro e o passado. Porque lá está, o passado é passado e o futuro e os

objetivos a que nos propusemos chegarão se tivermos força, motivação e vontade independentemente de todas as voltas que o mundo possa dar.

A meu ver, os professores, de uma forma geral, perante este confinamento conseguiram perceber melhor os alunos, tendo ainda mais a noção que o cansaço e a pressão sentida por nós, alunos, são efetivamente reais. Penso também que as relações entre ambas as partes se estreitaram porque acabamos por estar todos exatamente no mesmo barco, com dificuldades e receios semelhantes. Assim sendo, na minha opinião, acho que da mesma maneira que os professores passaram a perceber melhor os seus alunos, nós, os alunos, passamos a entender o quão difícil é ser professor e ter ainda mais respeito por estas pessoas que tanto mudam as nossas vidas.

### **Voz ao Rui Morais Silva**

Durante este 2º confinamento, tivemos que ficar novamente fechados dentro das nossas casas, porém durante este tempo foi nos dada a capacidade de aprendermos novas competências e adquirir novas habilidades. Assim, aprendemos a ter mais paciência e a desempenhar tarefas de uma forma bastante mais calma. Toda esta aprendizagem e evolução não aconteceu unicamente com os alunos, mas também com os professores. Estes poderão ter aprendido, a utilizar melhor as tecnologias e a adaptação do seu modo de ensino, propiciando-lhes a capacidade de evoluírem como professores e proporcionarem aos alunos uma maior capacidade de aprendizagem e de evolução. Este confinamento apesar das inúmeras desvantagens que teve na nossa vida, também nos deu uma capacidade única e extraordinária de crescer e de evoluir.

### **Voz à Filipa Magalhães**

Em tempos de ensino à distância, trava-se uma grande batalha, não a que opõe alunos a professores, mas a que os junta por um mesmo fim - derrotar todas as limitações impostas por uma inesperada pandemia. Enquanto que os professores lutam arduamente para conseguir continuar a transmitir o máximo dos seus conhecimentos, por outro lado, alunos munem-se de todas as formas para que o cansaço, o desânimo, a impaciência, as distrações e as demais dificuldades não os vençam.

### **Voz ao Diogo Lopes**

Este último confinamento (de janeiro a abril) teve grande impacto na vida de milhões de portugueses, à semelhança do primeiro e, apesar de tantas dificuldades, muitos aproveitaram esta quarentena prolongada como momento de aprendizagem e melhoria das suas capacidades. Nós, alunos, somos um dos exemplos. Não só fomos forçados a mudar completamente a forma como aprendemos e interagimos no ambiente educacional, como também aprendemos a gerir eficientemente o nosso tempo e a nossa disponibilidade (principalmente mental). Assim como nós, os professores passaram por grandes mudanças. Muitos foram (re)apresentados ao novo mundo das tecnologias, com o qual tiveram de aprender a lidar todos os dias e a novas formas de ensinar, ajudar e avaliar os seus alunos. Os tempos que vivemos não são de todo fáceis, mas imensas ideias e novos conceitos surgiram que poderemos levar para carregar a sociedade para um futuro melhor e mais evoluído com mais facilidade.

Aos momentos de desânimo, respondem com perguntas. Aceitaram o desafio para este texto e deram-lhe o nome. Acompanhá-los no confinamento tem sido um exemplo e um refúgio. Todos os alunos são os maiores interessados na educação – e estão efetivamente interessados, conforme este grupo aqui testemunha. Mas a perceção que têm é que pouca ou nenhuma influência têm sobre como ela é ministrada. O Clube de Debate é democracia em ação, manifestação de que os jovens têm muito a dizer e querem reais e efetivas oportunidades para serem escutados. Ao dar-lhes voz, por um lado, pode ser acelerada a aprendizagem e, por outro, prepara-se os alunos para um mundo em que tomar iniciativa e aprender novas competências são cada vez mais essenciais. Os caminhos da aprendizagem são múltiplos e para os percorrermos, escutar a voz dos alunos é essencial. Possam as vozes dos alunos ser ouvidas em todas as escolas.

Nota: a identificação dos alunos e da Escola foi devidamente autorizada.

## Referências

OECD/CERI Secretariat. (2006). What do the students say? *Demand-Sensitive Schooling*.

OCDE. <https://www.oecd.org/site/schoolingfortomorrowknowledgebase/themes/demand/41172651.pdf>

Pickering, N. (2020). Your Evaluative Mindset: Evaluation and the Student Voice. Student Engagement, Evaluation and Research @ SHU Project. Sheffield Hallam University. [https://blogs.shu.ac.uk/steer/2020/12/15/your-evaluative-mindset-evaluation-and-the-student-voice/?doing\\_wp\\_cron=1612159008.0497798919677734375000](https://blogs.shu.ac.uk/steer/2020/12/15/your-evaluative-mindset-evaluation-and-the-student-voice/?doing_wp_cron=1612159008.0497798919677734375000)

UNESCO. (2020). From making student voice heard to active civic participation in the digital age: The role of schools during and after the pandemic. <https://events.unesco.org/event?id=3145625248&lang=1033> e <https://cidadania.dge.mec.pt/media/noticias-e-eventos/conferencia-internacional-making-student-voice-heard-active-civic>

United Nations. (2020). Policy brief: education during covid-19 and beyond. U.N. [https://www.un.org/development/desa/dspd/wp-content/uploads/sites/22/2020/08/sg\\_policy\\_brief\\_covid-19\\_and\\_education\\_august\\_2020.pdf](https://www.un.org/development/desa/dspd/wp-content/uploads/sites/22/2020/08/sg_policy_brief_covid-19_and_education_august_2020.pdf)

## O (in)sustentável peso da distância – ecos de sete semanas de E@D



**Ana Luísa Melo**

Desengonçada, a minha cadeira abanou quando me levantei.

Acabaram as sete semanas do ensino à distância. Finalmente.

Não foi do agrado de nenhum de nós, nem dos professores, nem dos alunos. Teve que ser e, por isso, aconteceu. Mas não gostámos.

Funcionou bem? Há opiniões. Eu penso que funcionou melhor do que a experiência anterior. Nessa altura, foi uma novidade, apanhou-nos a todos desprevenidos, foi uma emergência à qual tivemos que responder sem planeamento. Desta vez, porém, essa resposta pôde ser preparada, pensada e trabalhada com outro conhecimento e experiência. Foi assim que a entendi.

Trabalhámos muito e foi muito cansativo. O mais difícil terão sido as incontáveis horas em frente ao ecrã do computador, quer em aulas propriamente ditas, quer em preparação de tudo o que estas envolvem, desde a preparação e didatização de materiais até a todas as reuniões que se impunham. Tudo, literalmente tudo, foi feito em frente ao ecrã. Muito mais agilizado do que no ano anterior, esse tempo correu melhor, mas nem por isso foi agradável.

O tempo foi-nos favorável. O frio e a luz do inverno convidavam ao aconchego da casa.

No dia definido para o início das aulas, começámos a trabalhar em frente aos ecrãs e reencontrei os meus alunos. Uns, que já conhecia do ano anterior; outros, os que tinha recebido pela primeira vez no início do ano. E foi um reencontro inesquecível porque, ao fim de quase metade de um ano letivo, deslumbrei-me ao ver, então, pela primeira vez, a cara dos meus alunos.

Foi uma revelação. Pareceram-me muito mais novos, muito mais leves, muito mais frescos. Eram tão mais jovens! A alguns, foi-me até difícil reconhecê-los. Essa descoberta

foi muito estimulante e permitiu esquecer a experiência do ano anterior em que as câmaras não tinham sido usadas. E com esta descoberta do rosto, começámos um tempo novo para ensinar e aprender.

Fizemos todos melhor.

Do que fiz e me foi dado perceber, julgo que os professores trabalharam a partir do que sentiram que resultou melhor na experiência passada, quer ao nível da produção e adequação de materiais, processos e instrumentos, quer ao nível da gestão dos tempos do trabalho em aula. Ainda assim, não estavam preparados para as intermináveis horas já referidas. Este é um ofício que exige uma coreografia variada, em que o espaço físico supõe capacidade dramática mais ou menos acentuada. A maioria dos professores não dá uma aula completa sentado, nem em frente a um pequeno retângulo interativo. Apresenta-se aos seus alunos numa área, qual palco em que se movimenta, fala, expõe, interroga, dialoga, gesticula, enfim, um sem número de gestos que compõem e constroem o saber que se quer fazer entender. Sentado, limitado a um metro quadrado de espaço à volta do computador e a um ângulo muito restrito de uma câmara, o professor está, claramente, coartado. Por mais atraente que o seu discurso seja, não dispondo da sua presença e do seu espaço físico de eleição – uma sala de aula – o professor não consegue despertar a emoção imprescindível à aprendizagem. A este respeito, conversei com os meus alunos sobre a arte do teatro que envolve uma forte componente de *pathos* num auditório. Todos concordámos que uma aula também disso vive, das emoções que *in loco* consegue proporcionar. Reconheçamos: ensina-se e aprende-se, mas sem o gosto ou fruição que o “ensinar” pode oferecer.

Os alunos prepararam-se de modo mais consciente escolhendo, quase na sua maioria, um local específico para terem as aulas. Reparei que muitos trabalhavam no seu quarto ou em locais que aparentavam relativo sossego que, idealmente, ajudariam a um ambiente mais favorável à aprendizagem. Outros, pouco ou nada pareciam importar-se com isso. Diziam que aspetos de ordem técnica assim o exigiam (a net não dava bem noutra sítio da casa) e, não raramente, percebíamos, além do aluno, todo um ambiente de alguma agitação típica do quotidiano de uma casa de família.

Esta forma de ver os alunos é muito estranha e cansa muito. O ecrã fica cheio de caras e, visualmente, o cenário é excessivo e pouco homogéneo. Numa área mínima, estão demasiados estímulos visuais. Imagino que para os meus alunos também, pois era

frequente dizerem-me que se sentiam cheios de dores de cabeça após algumas horas de aulas. A visão plana e simultânea de vários ambientes torna-se muito cansativa.

Houve aspetos negativos. Há que enfrentá-los. No que se refere aos equipamentos e estruturas disponíveis emergiram, novamente, as desigualdades sociais e económicas que fazem apertar o coração daqueles que querem ensinar. A escola em casa amplia essas desigualdades. E mais uma vez foi dado aos professores sentirem a frustração de quererem chegar a todos e não ser materialmente possível consegui-lo. A escola e tudo o que ela permite, tal como o ar que respiramos, tem que ser de todos.

Ainda teremos mais duas semanas deste já tão longo processo de ensino à distância. O que é que, afinal, já aprendemos?

Várias coisas.

Acredito que questões estruturantes da pedagogia como, o “para quê”, o “para quem” e, sobretudo, o “como”, questões que moldam a essência da nossa profissão nos revisitaram ao longo destas sete semanas. É assim quase sempre; nos momentos de questionamento, aprende-se muito. Aprendemos, mais uma vez, que sabemos aprender. Que somos capazes. Que ensaiamos modelos, porque queremos chegar aos nossos alunos. Que devemos ouvi-los. Que lhes queremos bem e que queremos que o mundo lhes seja grande. Se temos esta consciência, prossigamos; estamos no bom caminho.

Confirmámos que uma cadeira, uma mesa, o manual, o caderno, o lápis, os computadores, ..., os materiais, as “coisas” não fazem, por si só, aprender. Há que estar lá, inteiro, nós e eles, os nossos alunos. Se nós, professores, lá não estivermos, eles não aprendem; se não estiverem lá eles, também não. Portanto, aprendemos que, para sermos capazes, temos que “lá” estar todos, de alma e coração, expostos aos olhos, às vozes, aos corações uns dos outros e olharmo-nos olhos nos olhos.

Confirmámos algo que suspeitávamos, mas não tínhamos, ainda, clara consciência. Que as máscaras, que permitem a proximidade possível na escola, nos afastam muito. À distância, cada um dos meus alunos esteve, paradoxalmente, mais próximo. Afastada a barreira que esconde a face, todos nós estamos mais próximos uns dos outros. Somos, finalmente “nós”.

Vivemos um período cinzento e buscamos mais luz. Os dias e as semanas foram passando e, à medida que o tempo se estendia, “a escola em casa” tornou-se mais



escura. Revelava-se no esforço de alguns e na progressiva desvinculação de outros. Mostrava-se na interpelação que ficava sem resposta, no silêncio que confirmava a ausência, no olhar vago de quem não estava lá. Foi revisitar uma vivência triste e já conhecida do ano passado e, aquele vazio que um professor sente quando reconhece essa desistência, essa abdicação, voltou. É aquele silêncio que fica, aquela escuridão em que ecrã e alma coincidem quando nos despedimos de uma turma e dizemos “fiquem bem e até à próxima aula”!

Reconhecemos, também, que os nossos alunos foram ficando com menos cor. Em casa, privados do sol, do ar livre e da luz que o convívio traz aos dias, foram perdendo brilho, ficaram pálidos, num tom que a luminosidade do ecrã acentua, esbranquiçado e baço. Cor assética, de infelicidade.

Em resposta às minhas questões foram, em larga maioria, sinceros ao assumirem que as horas de aula eram excessivas e se sentiam seguros em casa, mas infelizes. Era excessivo o tempo que passavam em tarefas escolares, muito triste a ausência da socialização entre pares, muito esforçada a atenção às aulas on-line, persistentes as dores de cabeça ao fim do dia. Muito tristes, mas resignados. A precisarem de luz.

Foi isto que também aprendemos: sem presença, não nos enlaçamos; e sem sol, não há ensino.

## Os bumerangues motivacionais de um professor



**Ana Paula Silva**

A vida de um professor é um caminho que se pretende florido por belas pessoas. As pessoas- flores são belas porque não há duas iguais. A natureza não plagia nem ama a simetria. E é nessa diversidade que o caminho se torna empolgante. Olhar para cada botão e imaginá-lo grávido de possibilidades. Olhar para cada flor esplendorosa e imaginar que jardins irá perfumar.

É uma das coisas que me levou ao Facebook: ver como as “minhas” tímidas flores, frutificam ....

Sim, porque, depois de doze anos de escolaridade, o jovem não pode simplesmente florir.....

Acompanhar “de longe” o seu crescimento como pessoas e profissionais, partilhar a alegria das suas conquistas, sorrir perante as fotografias que testemunham os caminhos das suas vidas pela aprendizagem, pela subida de pequenos montes ou grandes montanhas da vida. Vê-los médicos, enfermeiros, professores, engenheiros ou em qualquer outra profissão que os dignifica como pessoas em diferentes partes do mundo.

É, nestas alturas, que percebo que o maior legado de um professor não está nos conteúdos que ensinou, mas na sementeira que resultou do seu ensinar. Deixar no aluno a semente do questionamento, do prazer de saber, da aprendizagem, da descoberta. Aprender a aprender e sobretudo aprender a gostar de aprender.

Esta aquisição é uma ferramenta de integração social estruturante, pois a aprendizagem ao longo da vida é talvez a força motriz do séc. XXI. É ela que nos garante crescimento pessoal e maior probabilidade de ter emprego toda a vida.

Foram muitas as sementes, que espero, ter lançado ao longo do meu caminho como professora.

Hoje uma dessas sementes mandou-me uma mensagem. Foi minha aluna de Psicologia B há 4 anos. Vicissitudes da vida, que acontecem a todos nós, levaram-na, precocemente, ao mercado de trabalho. Escreve-me dizendo que, contudo, “o bichinho” do que aprendeu na disciplina contínua a germinar em si e ela percebeu que gostaria que seu futuro passasse por este conhecimento. Faz planos para que, daqui a um ano ou dois, possa ter condições para ir para a Faculdade e pede-me orientações para continuar a aprender assuntos de psicologia de uma forma autodidata, até lá.

Diz-me que este tempo, em que fez outras coisas, só reforçou a sua vontade de alimentar o tal “bichinho” ....

Este “*bichinho*” foi gerado nos grandes debates na aula; nos trabalhos de investigação em equipa; nas quartas feiras de tarde em que nos encontrávamos, de forma informal, para discutir a vida; no trabalho de *design thinking* que levou a sua turma aos corredores da Universidade Católica para partilhar ideias com outros jovens, outras escolas, outras mentes....

No tempo em que foi minha aluna, pressenti o interesse pela disciplina e também alguns distratores que dificultavam que fizesse melhor, como parecia ser capaz. Fez bem. Disse-lhe que, com vontade e compromisso brilharia. Hoje, na sua mensagem, pressinto essa vontade e o compromisso para outras conquistas. O único que interessa: o que nasce fiel a essa vontade.

Percebo que levou da escola a lição mais preciosa: pela aprendizagem é que vamos!!

Haverá maior gratificação para um professor?

## Aprendizagem de aquário

Ana Paula Silva

Um deste dia encontrei três oportunidades formativas on line que me pareceram interessantes. Promovidas por uma editora e dois centros de formação de professores, todas focavam temas que me interpelam. Mas, ao inscrever-me, percebi que eram no mesmo dia. Desolada por ter de escolher verifiquei depois, que poderia assistir às três numa tarde de maratona formativa ...

Não tinha falta (como os alunos). Estava presente motivada, curiosa, disponível. Estava ali para aprender. Voluntariamente, assumidamente consciente da importância que a formação profissional tem para o desenvolvimento e empoderamento conhecedor na vida profissional de um professor. Mas.... duas horas de alguns depoimentos e PowerPoints, comecei a desenhar borboletas!!! (este é o meu sinal de alarme de que estou a desligar ...). Respiro fundo, pouso a caneta e pelo sim pelo não fecho o caderno de apontamentos, não vá a minha imaginação começar a desenhar sem instrumento.

Recentro-me, foco-me e disciplino-me: “Fica atenta! isto é importante!” (ouço o meu id submergir timidamente: mas podia ser mais interessante ...)

Volto a estar atenta: curiosamente fala-se do ensino @ distância e como as suas ferramentas digitais são muito apelativas ..., mas a aplicação não abre!!! Coisas que acontecem...voltemos ao PowerPoint. E não é que este congela? E nós com ele!!! E agora? Passa-se para outro interveniente até ser sanado o problema técnico.

Lembrei-me, então, de uma formação que há anos realizei em Braga. Quando entro na sala completamente cheia, verifico em pânico que não existe computador ou qualquer equipamento de projeção. Pensando que estes recursos estivessem disponíveis o único suporte que tinha para a minha apresentação estava inviabilizado. E agora?

Bom, devo dizer que foram quatro horas extraordinariamente interpelantes de procura, de partilha de aprendizagem.... Os professores usaram o seu melhor recurso: a palavra. Que incentiva, que desafia, que desperta curiosidade .... Que provoca.

Voltei à realidade. Agora sim, alguém falava de forma fluída e tão interessante que não me dava tempo para “borboletas”. Segui o seu interpelante raciocínio, voltei a abrir o caderno e tomei notas. Tive vontade de ir ao “chat” colocar algumas questões. Desmobilizei, quando vi que eram em tão grande número que o feedback não era provável (na primeira formação da tarde alguém selecionava a questões que lhe pareciam ser mais interessantes para serem respondidas .... O que faz as respostas perder sentido).

Re (motivada) por esta última intervenção, olhei para o relógio e vi que esta formação está no final. Terei tempo para um chazinho e umas bolachas e voltar para a última. É, talvez, das três a que me despertava mais expectativas. O tema e os

intervenientes prometiam. Uma hora depois estas confirmaram-se. Estava a gostar imenso. Então por que não registava as ideias mais interpelantes, para rever depois, como faço sempre? Porque não colocava num “quadrado” de relevância afirmações para explorar mais tarde? Porque estava cansada!!!

Então pensei nos alunos, nas escolas onde se cumpre on line o horário normal, pensei em dias com tardes e manhãs completas com os alunos a olhar para um ecrã. Pensei como estamos a perder a oportunidade de usar a palavra como a melhor ponte pedagógica de aprendizagem significativa. De nos aproximar na distância.

E questionei-me: se no tempo assíncrono se espera que os alunos usem as diferentes ferramentas digitais para a aprendizagem autónoma, o exagero do uso de apresentações, livros digitais, vídeos, aplicações no tempo síncrono, sem os olhares, as palavras, as questões e a procura de respostas, aprisionam os alunos a uma aprendizagem de aquário em que o ecrã os faz vaguear nos limites da sua circunstância.

## **Conclusão - Na voz do/as alunos/as**

**Ana Paula Silva**

Terminou o segundo período. Num registo de assustadora “pseudo normalidade” pois, apesar dos que acreditam que este é um aceitável novo normal, prefiro pensar nele como um período cuja anormalidade potenciou algumas dimensões da aprendizagem pouco exploradas no presencial.

Como a maior “magia” de um professor é transformar os desafios em possibilidades, vi este período como uma oportunidade para desenvolver competências fundamentais que enriquecem o cognitivo, como: a autonomia na gestão do processo de aprendizagem, a formulação participada de objetivos e metas de trabalho colaborativo, a criatividade e, sobretudo, o gosto pela resolução de desafios e busca do conhecimento de forma dialética (opondo-se à linearidade da aquisição “de manual...”)

Como já referi, a estratégia pedagógica seguida foi a preparação, por cada equipa, de uma aula invertida numa das temáticas das AE de Psicologia que constava num guião orientador distribuído, desenvolvendo um processo de trabalho completamente autónomo (supervisionado pelas fichas de monitorização semanais, pelo

empoderamento teórico na aula síncrona e participação de “olhar de amiga crítica “nas salas simultâneas de cada equipa).

Valeu a pena, pedagogicamente? Resultou em aprendizagem adquirida e consolidada? As evidências avaliativas mostram que a resposta, para ambas as questões, é afirmativa. A qualidade dos trabalhos produzidos e das aulas invertidas apresentadas foram globalmente de nível muito bom e alguns/as mesmo excelentes. Mas o resultado mais importante deixo-o na voz dos alunos:

“Quanto ao trabalho desenvolvido, o meu grupo fez um ótimo trabalho, tanto no desenvolvimento do mesmo, quanto no produto final. Todas participamos de forma qualitativa, sendo que a Margarida e a Glória focaram-se mais na pesquisa, a Mariana no contato com os prisioneiros a entrevistar e eu na produção do vídeo e na pesquisa.”  
Isabella 12ºC

“Apesar de trabalhosa (demasiado), foi bastante divertida a realização do nosso documentário. Realmente espero que o nosso esforço e entusiasmo para manter tudo perfeito tenha transparecido no nosso trabalho.” Glória 12ºC

“Na disciplina de psicologia consegui ter um bom desempenho no trabalho proposto, o que também contribuiu, por sua vez, para não sentir tantas dificuldades sem o acesso às aulas presenciais, pois o meu grupo conseguiu desenvolver o trabalho com a matéria solicitada, sem sentir grandes dificuldades no ensino à distância. Foi pela primeira vez agradável trabalhar, neste cenário que presenciamos.” Emily 12ºC

“Foi um trabalho que exigiu muito empenho, desde a decisão do que iríamos fazer até à análise profunda do inquérito. Foi uma maneira muito interessante de aprendermos a matéria. Considero que obtivemos um bom resultado final” Mariana 12ºB

“O trabalho desenvolvido em Psicologia através da e@d, foi proveitoso e empenhei-me bastante para evoluir tanto na disciplina como para cumprir os deveres transmitidos pela professora, mostrando por isso, responsabilidade e gosto pelo saber. Cumprimos todos os prazos estipulados tanto na pontualidade como na entrega dos trabalhos que foram estipulados, incluindo neles qualidade e dedicação. “Bárbara 12ªA

“....preocupamo-nos em realizar uma apresentação criativa e interativa uma vez que apresentamos um flyer, um PowerPoint, entrevistas e ainda no fim um Kahoot .Apesar de tudo, conseguimos apresentar e entregar tudo dentro do prazo e acho que o

facto de a professora optar por este trabalho foi ótimo! Trabalhamos completamente em conjunto e dividimos igualmente as tarefas, o que foi bom para toda a equipa.” Diana  
12ªA

A maior aprendizagem é quando descobrimos o prazer de aprender.

## “E@D”, desafio e oportunidade!



António Oliveira

“Para conseguirmos acompanhar o ritmo do mundo em 2050, será preciso não só inventarmos novas ideias e novos produtos, mas sobretudo reinventarmo-nos a nós mesmos uma e outra vez” (Harari, 2018, p. 302).

A frase pensada e escrita por Yuval Harari (2018), a pensar no que será a vida humana no futuro próximos (2050), não poderia encontrar um tempo em que fizesse tanto sentido como o atual. A pandemia global provocada pelo COVID 19 (nas suas variadas estirpes) provocou uma aceleração tal (parece um paradoxo, perante um mundo que, em muitos setores, nos parece quase em *stand by*) nos mais variados domínios que se aplica com propósito esta necessidade de nos reinventarmos a nós próprios uma e outra vez (Harari, 2018).

No curto espaço de 10 meses (nem um ano...) tivemos de abdicar do ensino presencial e “aventurarmo-nos” no mundo desconhecido do ensino on-line (ou remoto, ou a distância... ou como queiram designá-lo). Por muito preparadas que estivessem as escolas e os professores (a primeira experiência poderia tê-los colocado de sobreaviso), este regresso ao on-line mantém-se como um enorme desafio face à urgência de proporcionar a todos os alunos o acesso à aprendizagem que lhes permita ser bem sucedidos (obter sucesso).

A meu ver, um desafio ainda maior pois surge num momento em que a implementação dos decretos-Lei 54 e 55/2018, de 6 de julho, está ainda numa fase apropriação dos conceitos e, sobretudo, do novo paradigma em que se insere. As experiências vividas nos últimos anos, particularmente ao nível educativo, reforçam a convicção de que a única certeza que temos relativamente ao futuro é a mudança em si (Harari, 2018).



Então, o que ensinar num mundo em mudança permanente, onde nada parece ser perene, mas efêmero? Como nos alerta Harari (2018), “a última coisa de que um professor precisa é dar aos seus alunos mais informação. Eles já têm informação a mais. Em vez disso, as pessoas precisam é da capacidade de discernir a informação, de perceber a diferença entre o que é importante e o que é irrelevante, e, acima de tudo, de combinar os vários pedaços de informação para obter um retrato completo do mundo” (Harari, 2018, p. 301). Isto é, “as escolas devem dar menos atenção às aptidões técnicas e colocar a ênfase nas aptidões de vida polivalentes. Acima de tudo, estará a capacidade de lidar com a mudança, de aprender coisas novas e de preservar o equilíbrio mental em situações novas” (Harari, 2018, p. 302).

Efetivamente, se as escolas – leiamos os professores – mantiverem on-line o mesmo modelo de ensino que têm privilegiado presencialmente, assente na memorização da informação e do conhecimento, ao invés de privilegiarem um modelo sustentado nos “quatro C”: pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade (Harari, 2018) – preconizado no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) – parece-me que ao enorme desafio corresponderá uma dificuldade ainda maior em vencê-lo.

Neste sentido e correspondendo ao repto que me foi lançado, arrisco elencar dez proposições para organizar as aprendizagens on-line:

1. abordar este tempo de ensino a distância como uma oportunidade para redefinir modos de ensinar... e de aprender;
2. privilegiar metodologias ativas, introduzindo dinâmicas e estratégias que tenham a aprendizagem no centro e que promovam a participação ativa dos alunos no seu processo de ensino, aprendizagem e avaliação;
3. promover uma eficaz avaliação formativa, recorrendo a procedimentos, técnicas e instrumentos adequados à diversidade das aprendizagens, ao contexto em que ocorrem e respeitando o ritmo de cada aluno;
4. envolver todos os alunos no processo de aprendizagem, criando condições para que cada aluno adquira os conhecimentos e desenvolva as capacidades e atitudes que contribuem para alcançar as competências previstas no PASEO;
5. olhar cada aluno como pessoa, envolvido por uma comunidade concreta, promovendo, no respeito pela dignidade humana, o desenvolvimento das competências

pessoais e sociais que permitam ao aluno ser livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia;

6. criar condições para que todos os alunos – os que participam na aula on-line (no computador, no tablet ou no telemóvel) e os que não participam porque sem recursos tecnológicos – desenvolvam as competências e capacidades que lhes permitam aprender, compreender, expressar-se, tomar decisões e intervir sobre as realidades naturais e sociais no mundo, rejeitando todas as formas de discriminação e de exclusão social;

7. valorizar a reflexão e o trabalho colaborativo entre docentes, potenciando a interdisciplinaridade e a criação de ambientes estimulantes e potenciadores de aprendizagens, através da construção de projetos, domínio de articulação curricular (DAC)...

8. utilizar os meios digitais, como um forte aliado na educação, pois possibilitam maior acesso à informação, flexibilidade e diversidade de suportes no seu tratamento e apresentação, contribuindo para a implementação de medidas adequadas às necessidades e potencialidades de cada aluno;

9. valorizar o *feedback* ao trabalho desenvolvido, facilitando a comunicação, mantendo os alunos atualizados quanto à sua situação atual e permitindo-lhes expressar as suas dúvidas e dificuldades;

10. envolver as famílias, cada uma de acordo com as suas características e possibilidades, no acompanhamento do percurso escolar dos educandos.

Voltando a Harari, o ensino a distância trouxe-nos e traz-nos desafios, mas também a oportunidade de “não só inventarmos novas ideias e novos produtos, mas sobretudo reinventarmo-nos a nós mesmos uma e outra vez” (Harari, 2018, p. 302). Na esteira do autor, julgo ser este o caminho..., preferencialmente, para se fazer acompanhado e não sozinho!

## Em busca do tempo perdido - Diálogo sobre as tentações do pós-pandemia



Carlos Café<sup>13</sup>

Este diálogo nunca aconteceu. Mas poderia muito ter acontecido ou, até, vir a acontecer. Face ao desafio que me foi colocado (pensar o pós-pandemia nas nossas escolas), resolvi criar um diálogo com duas personagens verosímeis: a Maria, que regressa às aulas presenciais entusiasmada com as novas possibilidades reveladas pelo E&D, e o Mário, ansioso por restabelecer rapidamente as estratégias e metodologias de que tanto se orgulha e que tão bons resultados têm proporcionado aos seus alunos.

Para ti, colega que vais ler agora este texto, a pergunta que te coloco é a seguinte: o teu ADN pedagógico identifica-se mais com a Maria ou com o Jorge? Com ambos? Com nenhum deles?

*(Sala de professores, junto à máquina de café, no intervalo grande da manhã)*

JORGE: Finalmente, aulas presenciais! Já estava farto de aulas online e de estar em casa...

MARIA: Sim, sabe bem este regresso. Mas eu até gostei da experiência das aulas online, sabes?

JORGE: Eu não, duvido que eles tenham aprendido bem a matéria. Agora vou ter de acelerar. Vem aí o exame e é preciso recuperar o tempo perdido.

---

<sup>13</sup> Professor de Filosofia na Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, em Portimão.

MARIA: “Tempo perdido”? Porquê?

JORGE: Não me saem da cabeça as aulas que não foram dadas, principalmente aqueles conteúdos habituais nos exames. A inquietante sensação de que temos de fazer alguma coisa, estás a ver?, logo desde o início e sem perder tempo, está a fazer-me sentir sob uma pressão enorme, como há muito tempo não me lembrava.

MARIA: Sabes o que eu acho? Não há nada para recuperar. E sabes porquê? Porque não houve tempo perdido algum. O que aconteceu foi apenas uma coisa diferente: o tempo deslizou por nós de outra maneira, de uma maneira dele que desconhecíamos. Estávamos habituados a vivê-lo de forma metodicamente previsível e habituámo-nos a confiar nos relógios e nas campainhas que, nas escolas, parecem ter o condão de o domesticar para satisfazer os nossos caprichos. Aulas de 45, 50 ou 90 minutos: eram estas as embalagens em que servíamos o tempo das aprendizagens aos nossos alunos. Como são muitos os anos em que andamos nisto, partimos os conteúdos em quadradinhos, que fomos servindo aos poucos em doses perfeitamente adequadas à capacidade digestiva dos nossos alunos.

JORGE: Pois, talvez tenhas razão, mas a verdade é que com o confinamento tudo mudou.

MARIA: Sim, de repente tudo mudou, foi como um vento que levou os ponteiros dos nossos relógios e nos deixou órfãos de Medida. Agora, que vamos voltar ao nosso habitat natural, a tentação é recuperar o tempo que sentimos que nos escapou. Mas ouve: não há nada a fazer. Como diz Santo Agostinho, o passado já não existe, o futuro ainda não existe e o presente está a deixar de o ser no preciso momento em que o é.

JORGE: Vá lá, deixa-te de filosofias. Temos de ser práticos. Vamos ter de sumariar, lecionar e avaliar, aí isso é que vamos, que o terceiro período até vai ser maior e, com jeitinho, conseguimos encaixar tudo.

MARIA: *À la recherche du temps perdu...*

JORGE: Nem mais. Se calhar vamos ter de deixar cair aqueles projetos interessantes, mas que ocupam muitas aulas e focarmo-nos no que é realmente central e importante. E nós sabemos o que é central e importante, pelo menos no secundário: os conteúdos e competências referidos nas informações exame do IAVE! Serão esses os nossos mandamentos, em que os alunos terão de trabalhar afincadamente, mesmo que não possam descansar ao sétimo dia. (Como vês, também consigo ser “literário”...). Vendo bem, estiveram muito tempo em casa com mais tempo livre e menos aulas. Olha, logo descansam quando chegar o verão, agora é tempo de trabalhar. Além do mais, é o futuro deles que está em causa, certo? Temos é de não nos esquecer de sumariar tudo, para depois não termos problemas...

MARIA: Tu e os teus receios... Essa obsessão com as evidências, as grelhas e os sumários parece-me mais um “processo sumário” à função de educar.

JORGE: Mas é claro! Queres ter recursos, é?! Queres ter o coordenador de departamento ou o conselho pedagógico a pôr em causa as tuas avaliações? Eu registo tudo em folhas de excel. Se houver dúvidas é só mostrar-lhes, está lá tudo de uma forma objetiva.

MARIA: “Objetiva”? Uma fórmula matemática não anula a subjetividade, apenas coloca a subjetividade numa fórmula. A fórmula é mais um refúgio do que uma certeza. Doce ilusão a tua: como bate certo na grelha excel, é decerto uma avaliação excelente. Eu também uso o excel, dá realmente muito jeito. Mas não podemos esquecer-nos do fundamental.

JORGE: Que é...

MARIA: Não devemos acomodar-nos ao que parece dar sempre bons resultados. Um dia, como diz Karl Popper, aparece-nos um cisne negro e as nossas verdades confortáveis abalam fortemente nos seus alicerces.

JORGE: Bom, até parece que tu ficas toda satisfeita quando descobres que as tuas avaliações têm erros...

MARIA: Eu não diria que fico satisfeita por descobrir que cometi erros. Ninguém fica, principalmente porque isso tem repercussões nas notas dos alunos. Mas é o inesperado que, ao pôr a nu os erros e as imperfeições das nossas crenças, prova que o trabalho pedagógico nunca está terminado e que nunca nos devemos instalar confortavelmente nas coisas que fazemos e que dão resultado.

JORGE: Parece evidente que valorizamos paradigmas diferentes: tu preferes o inesperado e a novidade. Olha, eu sou mais prático, jogo pelo seguro: prefiro apostar nos métodos e estratégias que já provaram no passado que funcionam bem. Neste caso do confinamento, por exemplo. Sabes do que senti mais falta? Da sala de aula normal, do cumprimento da planificação aprovada, a aplicação das metodologias habituais, com as fichas de trabalho que tão bons resultados têm dado...

MARIA: Claro, é perfeitamente normal que nos sintamos mais confortáveis com aquilo que costumamos fazer, além de que tudo indica que o fazemos bem. Mas, olha, nem tudo foi trevas neste processo das aulas online. Penso que não devemos deixar morrer o que nasceu sob o signo do temporal que se abateu sobre nós. Não esqueçamos os relâmpagos luminosos que a tempestade gerou. Sim, estamos todos ansiosos por um período de bonança a seguir à tempestade. Mas não devemos perder o estimulante desassossego que ela nos trouxe.

JORGE: És uma romântica, sabes? Ouve, eu até te acho piada, mas volto a dizer: tudo isso é muito lindo, mas temos de ser práticos e preparar os nossos alunos para a vida real! O que eles vão enfrentar na faculdade e, depois, na vida, não se compadece com floreados, por muito interessantes que sejam.

MARIA: Esse argumento da preparação para a vida é muito curioso. Mas lamento desapontar-te, meu caro: é um argumento falacioso.

JORGE: “Falacioso”?! Porquê? Não é verdade que na faculdade e na vida eles vão estar sempre a ser postos à prova, sem contemplações? Por isso, devem habituar-se desde já a ser avaliados com rigor e de forma exigente, para depois estarem preparados para a vida.

MARIA: E achas que são os teus testes e as tuas folhas de excel que os preparam? Falas em rigor e exigência, como se isso só se obtivesse através de testes escritos com a estrutura do exame. Não sou contra os testes e os exames, atenção! Claro que temos de preparar e treinar os nossos alunos para terem excelentes resultados nos exames. Seria quase criminoso não o fazer. Mas não confundas as coisas: preparar e mecanizar os alunos para terem 20’s nos testes e nos exames apenas os prepara para os testes e para os exames, não os prepara nem para a faculdade, nem para a vida. Proponho-te este exercício mental que coloquei noutro dia aos meus alunos. Imagina que não há exames para entrar na universidade ou para se ser aceite numa empresa. A minha pergunta é esta: continuaríamos a fazer testes como os que fazemos agora? Se sim, por que motivos?

JORGE: Estás a tentar dar-me a volta, já percebi. Sabes bem que isso nunca vai acontecer. Mas olha, mesmo que não houvesse exames, eles iriam mais bem preparados para a faculdade se estivessem habituados a fazer testes escritos exigentes.

MARIA: Será mesmo? Repara, em inúmeros cursos universitários, provavelmente a maioria, a avaliação é feita essencialmente com trabalhos de projeto ou ensaios sobre a matéria estudada. Quantas cadeiras na faculdade avaliam através de testes escritos que incidam sobre páginas delimitadas de um manual único e obrigatório para todos alunos (que é o que nós fazemos)? São poucas as universidades que utilizam o teste convencional, universal e presencial, de papel e lápis, como instrumento preferencial de avaliação dos seus alunos. Não, meu caro, nem a vida nem a faculdade lhes vão dar manuais para estudar da página x a y. Na faculdade, e principalmente na vida, não vão querer saber do que eles se lembram no momento do teste, vão querer saber o que eles são e sabem depois de se terem esquecido de tudo o que decoraram para o dia do teste.

JORGE: Agora sou eu quem te coloca um desafio: o que propões em alternativa de realmente útil para o futuro dos alunos? E não te percas com divagações, dá-me exemplos concretos.

MARIA: Ok, desafio aceite! Olha, por exemplo, ensina-os a pesquisar, a citar corretamente, a avaliar criticamente a informação recolhida e a respeitar as fontes. Na minha escola já fazemos uma coisa pouco habitual nos grupos disciplinares de Filosofia: entre outras coisas, os alunos fazem três testes e um ensaio por ano. Provavelmente, se não houvesse exames, deveria ser ao contrário: três ensaios por ano e apenas um teste convencional. Ou nenhum...

JORGE: Consigo perceber a importância dos ensaios para a faculdade. Mas que interesse tem isso para quem vai para o mundo do trabalho e não para a faculdade?

MARIA: São ferramentas conceptuais fundamentais para uma cidadania ativa. Ajudam o trabalhador a interpretar corretamente um contrato, por exemplo. Ou a fazer uma pesquisa para aquela apresentação na empresa que pode ajudá-lo a conseguir a merecida promoção e a melhorar o seu ordenado. Queres algo mais prático do que isto? Para além disso, há aqui uma dimensão ética e de cidadania: ensina aos teus alunos que uma citação não é um pin na lapela ou uma medalha dele, mas sim uma homenagem a alguém que, no passado, pensou e escreveu uma coisa que agora lhe é útil a ele. Faz a experiência e verás que eles se refugiam cada vez menos no *copy* e *paste* que tu tanto detestas...

JORGE: Está quase a tocar, mas diz-me só uma coisa: que pretendes tu com tudo isso?

MARIA: Ensinar os meus alunos a maravilharem-se com a descoberta do conhecimento e a considerar que o erro não é uma nódoa que tenhamos de esconder ou disfarçar. Confia neles, deixa-os errar. Mas dá-lhes sempre uma oportunidade de retificarem o erro e, desse modo, se superarem. Se não lhes deres uma segunda oportunidade, estás a condená-los a ficarem definitivamente marcados pelo que não



sabiam e não por aquilo que aprenderiam à segunda ou, até, terceira tentativa. E aí, meu caro, não estarás apenas a negar-lhes a eles uma nova oportunidade. Estarás, tu próprio, a perder uma excelente oportunidade: a de contribuíres para que os teus alunos sejam melhores Alunos, melhores Pessoas e melhores Cidadãos.

*(Toca a campainha para a entrada)*

## Do regresso à escola – sobre o peso e a leveza dos tempos e modos

[“Bem aventuradas sejam as colegas mais novas com paciência para ensinar as mais... experientes.”]



Conceição Pimenta

### Sobre o voltar para casa\_o previsível inesperado

Habituada a distinguir os alunos pela voz e pela constituição física, sem lhes conhecer o rosto, espantada pela descoberta do quanto são capazes os olhos e acostumada a neles reconhecer sorrisos, voltei para casa como um condenado cheio de privilégios.

O primeiro dia do segundo confinamento teve o sabor do despertar na solitária de uma prisão para crimes de colarinho branco.

Se da primeira vez não estava preparada, desta vez ainda não estava pronta.

### Sobre a noção de tempo\_da negação à aceitação

Viver numa era de pressas cada vez mais dominada por avanços tecnológicos tão céleres, faz-me sentir que estou sempre atrasada em relação a qualquer coisa. Mas se a idade não ajuda, a vontade de não ficar para trás tem-me contemplado com uns valentes safanões. Confesso-me cansada de ter de aprender a lidar com tanta mudança. São tantas as vezes em que tenho de recomeçar, sem antes ter cicatrizado as feridas provocadas pelas aprendizagens de novos recursos digitais, que começo a duvidar se serei capaz. Pelo sim, pelo não, o melhor é continuar a tentar, não contrariar a natureza e assumir que não passo de um espírito inquieto. (Google Forms, oh God!)

Contestar primeiro, sempre. Dizer que não, nem pensar, que já não preciso de me esforçar mais, já estou perto da idade dourada e começo a sonhar com a aposentação. (Google Forms? Não faço! Escrevo tudo em Word e envio aos alunos em PDF.)

Experimentar depois. Afinal, consigo. Com ajudas, é certo, e muitos receios e palpitações pelo meio, como daquela vez em que apaguei tudo o que tinha conseguido fazer. (E agora? Telefone à S.)

Bem aventuradas sejam as colegas mais novas com paciência para ensinar as mais... experientes.

### **Sobre o estabelecimento de prioridades\_a comunicação**

Desta vez, teria de fazer diferente.

Habituada, pela experiência do primeiro retiro, a valorizar o peso do cognitivo, em detrimento da qualidade da comunicação e certa de que não poderia, até porque não queria, repetir a fórmula, decidi não me precipitar. Às vezes, muitas vezes, é melhor parar. Durante a primeira semana, entreguei-me ao dolce fare niente.

Confiante na importância da comunicação com os alunos, identifiquei como prioritário um novo caminho a percorrer para que não perdessem a vontade de aprender. Comunicar primeiro. Ensinar depois.

Num cenário de pandemia, o mais importante seria mesmo comunicar com os alunos e apaziguá-los de todas as ansiedades que de mim dependessem. Se da primeira vez só pensava em cumprir programas, desta vez não seria assim. Só uma comunicação eficaz poderá manter o vínculo afetivo até agora estabelecido. Uma vez pacificados alunos e pais, então sim, poder-se-ia iniciar um processo de descoberta sobre o que é isso de ensino à distância.

### **Sobre o peso da avaliação\_ensinar para quantificar**

Muito gostam os pais que os filhos sejam avaliados! Da outra vez, não senti como agora o peso da avaliação. Antes, a grande inquietação dos pais era manter os filhos

ocupados. *(Professora, tenho três miúdos em casa. O trabalho que deu ao M. não o ocupa por tempo suficiente. Tem de o mandar fazer mais trabalhos de casa.)*

Agora estão mais preocupados com a avaliação. E os alunos também, porque assim foram habituados. *(E a avaliação? Só vamos fazer um teste? E como vai corrigir? E quando enviar os testes corrigidos, vamos ver o que a professora corrigiu?)*

Por mais que tente passar a mensagem de que o importante é saírem ilesos desta situação, percebe-se que a avaliação é uma preocupação lá de casa.

Talvez tenham percebido que esta seria uma oportunidade para melhorar resultados, já que as ajudas estão mesmo ali à mão. Ou talvez não. Desconheço o motivo de tanta preocupação e admito alguma irritação da minha parte. Certo é que nas aulas destinadas aos testes vi e ouvi de tudo um pouco: apontamentos e manuais a serem folheados; braços desconhecidos a estenderem papéis; alunos mais focados no adulto à sua frente, a quem iam fazendo perguntas através de cenas de ventriloquismo inédito e a que se seguiram respostas sussurradas.

Teria sido sensato que se tivesse aproveitado a experiência do primeiro confinamento para experimentar um rumo diferente. Se a tutela tivesse refletido sobre as vantagens da avaliação formativa e optado por suspender a avaliação quantitativa, ter-se-ia dado um passo em frente. Pois se nem todos os alunos estão em pé de igualdade quanto aos equipamentos e recursos digitais de que dispõem, se nem todos têm pais que os ajudem, não compreendo esta fixação pela quantificação dos resultados.

### **Sobre a desigualdade\_a casa aberta aos outros**

Quando inferior, a desigualdade causa desconforto. Todos enfrentamos processos angustiantes de adaptação ao novo normal anormal.

As diferenças revelam-se maiores com o ensino à distância. As desigualdades são expostas nos equipamentos e nas casas.

A uma semana do fim das aulas deste período, descobri por que razão o R. não liga a câmara. Confessou ter vergonha de revelar o rosto. A máscara protegeu-o da timidez. Em casa, as máscaras estão de férias.

Uma outra colega recusava-se a ligar a câmara até que alguém a ensinou a ativar um filtro. Tinha vergonha da casa.

Nas aulas presenciais, O P. participa sempre, mas agora fica constrangido com os gritos do irmão autista que costuma estar junto dele. Nunca liga o micro e raramente intervém.

Algumas fragilidades foram expostas e eu contribuí para isso, ao insistir para que ligassem as câmaras e os microfones. Por minha culpa, sentiram o incómodo da vergonha. Ninguém devia ser obrigado a sentir-se assim, muito menos uma criança.

### **Sobre o lugar da escola\_o incómodo de não saber onde estou**

Se da primeira vez me senti encurralada, desta vez adivinhei-me instalada nesta nova realidade, embora não tenha ainda experimentado uma adaptação confortável.

Não sou capaz de definir o lugar onde me encontro. Não sendo a escola, também não parece a minha casa. A intromissão da profissão na vida privada convive com a confusão entre o tempo de trabalho e o tempo de descanso. É um lugar estranho num tempo estranho.

Por outro lado, estar diariamente sujeita ao constante escrutínio dos pais, continua a causar um cansaço com o qual tenho cada vez mais dificuldade em lidar. Já devia estar habituada, mas ainda não consigo ultrapassar as queixas sobre os mais variados fatos diversos. (Não concordo com a forma como a professora assinala as presenças dos alunos. Devia fazer assim. Desta vez, não marca trabalhos de casa? Devia mandar. A professora tem alguma coisa contra o meu filho? Se ele não responde, é porque o microfone avariou.)

Por vezes, não tenho a certeza de estar em minha casa. Parece que estou a ouvir um grande raspanete em casa de alguém que não conheço.

### **Sobre as emoções \_ da solidão do isolamento à descoberta da partilha**

Sem máscaras, a primeira aula foi um momento de descoberta. Foi também o momento de abrir o jogo, de lhes dizer que também aprenderia com eles, que entre mim e o computador as coisas nem sempre correm bem. Caiu-lhes bem a partilha desta fragilidade. (Como se não desconfiassem...)

Estar disponível para ouvir, para aceitar e admitir que não sei tudo, que também com eles aprendo, é uma forma de lhes estender a mão e de diminuir o afastamento. Em casa, os miúdos partilham mais facilmente as dúvidas, o que nos aproxima. Todos são mais simpáticos à distância, mais cordiais, mais compreensivos. Sei agora como é importante perguntar-lhes como estão, se estão a gostar da forma como decorrem as aulas. (Na escola, costumava perguntar se tinham estudado, se tinham feito os trabalhos de casa.)

Por estranho que pareça, o afastamento potenciou a proximidade entre nós. A empatia é maior. (Em presença, joga-se mais à defesa. Curioso.)

Estamos todos mais frágeis. Temos saudades. É preciso valorizar os afetos.

### **Sobre o futuro\_ correr para não ficar para trás.**

Há um ano que comecei a viver o que penso ser o início do futuro da educação.

Paira no ar a grande mudança de paradigma. É esta a oportunidade para operar consideráveis avanços, de responsabilizar quem aprende pelas aprendizagens que faz, de desmaterializar o conhecimento, de aproveitar a avidez pela novidade.

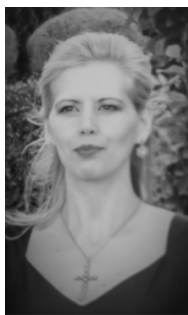
Os alunos de amanhã, como os hoje, são impacientes, são incapazes de estar atentos por muito tempo seguido, estão predispostos a aprender a lidar com diversidade de novidades tecnológicas, têm muitas opiniões e não têm medo de as expor, são contestatários, têm mais espírito crítico. Dos múltiplos desafios que têm surgido, este é talvez o mais urgente e a escola não está preparada para tal. Tem de se

reinventar. A começar por algum lado, dê-se o pontapé de saída para a digitalização dos professores

Do desapego da eterna exposição de conteúdos à descoberta de novas formas de aprendizagem interativa, é chegada a altura do frente a frente entre o sofrimento e o prazer. Sendo inegável que a utilização da internet maximiza a potencialidade imaterial de conhecimento, aceite-se, de uma vez por todas que a ciberescola veio para ficar.

Ainda não sou capaz de explorar todas as ferramentas digitais de que disponho, mas não pretendo ficar lá atrás. Tenho pressa de aprender. (Long Life Learning for ever!)

## O que aprendemos durante o segundo confinamento [e queremos].



Fátima Almeida

Questionados sobre o que aprendemos nós professores durante o segundo confinamento, seguem-se reflexões minhas que se entrelaçam com outras feitas por alunos. Agradeço o desafio - e as palavras, identificadas com aspas, dos alunos. Agradeço à minha colega Anabela, que interpelou alguns destes alunos.

A diferença entre ensinar e aprender. Já sabíamos, é certo, mas o ensino à distância, com toda a autonomia injungida, deixou clara a diferença entre o ato de ensinar e o seu efeito.

(Com esta constatação, retoma-se o conceito de ‘motivação intrínseca’. Gosto sempre de ouvir que nada se pode fazer quando os alunos não querem. E pronto, adeus e tenham um bom dia. Terminaria assim a história do ensino. Se ensinar fosse fácil, era para os outros, parece dizer-nos Rui Cardoso Martins.

Nenhum aluno se sente bem perante o insucesso. Retifico: ninguém se sente bem perante o insucesso. Mesmo quando nos atingem com um encolher de ombros, um arrogante ‘não quero saber’. Tu queres saber. E nós, professores, queremos saber.)

Há alunos que aprendem sozinhos. Ficou claro, se dúvidas houvesse, com o ensino à distância. Somos úteis para os outros, para quem a escola é difícil: *“Não gostei de ficar em casa a estudar, queria antes estudar na escola, porque estudar com computadores é difícil, na escola é mais fácil. Na escola aprendo mais!”* Porque nos têm.

Não aprendemos porque já sabíamos: fazemos a diferença dos alunos mais frágeis. Os outros seguem, estejamos (mais) presentes ou não. Precisamos de acarinhar o regresso dos alunos, proporcionando estruturas de apoio reforçado: *“Neste regresso à escola, eu gostava que os professores dessem uma revisão geral à matéria.”* Outro aluno dizia o mesmo por outras palavras: *“Aprendi que não devemos desistir de ninguém*



*e que, quando a ESCOLA desiste, há alguém que se perderá.”* Teremos de dar este tempo para que os alunos mais frágeis não sejam deixados para trás.

*“Deve valorizar-se mais a escola”.* Falaria da escola física. Dos intervalos, é verdade, mas também dos olhares, das idas ao lugar, em incentivos reiterados. Dos grupos de trabalho sem telas e outras máscaras – *“Neste regresso à escola eu não queria usar máscara”.*

*“Aprendi que o afeto, a socialização, as emoções têm um poder preponderante no processo de ensino-aprendizagem.”* Talvez não tenha surpreendido, mas é um facto que tudo se tornou mais impessoal: listas de tarefas enviadas e recebidas. Creio que rapidamente se reverterá esta rotina, quando pudermos retomar. Será tão estranho como quando nos apartámos da escola, o seu regresso. O ser humano rapidamente se adapta e, portanto, não surpreende que, como referem Watts Isley et al. (2021), ‘flexibilidade’ e ‘novo normal’ se tenham tornado as palavras de ordem de 2020. Só aqueles para quem a vida é mais fácil o souberam agora. Os outros sabem-no há mais tempo. Que nada deve ser dado como garantido.

*“Aprendi que não devemos ter pressa.”* Curiosa reflexão, porque a verdade é que não paramos de correr: tempos para entrega de trabalhos, para cumprimento de programas. Deveríamos ter aprendido a dar mais tempo livre aos alunos para que tivessem mais vida para além da escola. Aprender com os horários de outros países que terminam a escola formal cerca das 14h. Quando não puderem mais ser crianças, terão muito tempo para não ter tempo. Estão com saudades da escola porque não a têm; deixem-nos ter saudades todos os dias. Libertem-nos de uma carga horária tão pesada que não lhes dá tempo para aprender o raciocínio crítico e a criatividade em contexto real. É certo que os alunos mais frágeis necessitarão sempre de mais horas de trabalho, mas permitam-lhes terminar com tempo para serem felizes, talvez assim consigam ser felizes enquanto estudam, porque sabem que a vida não é apenas... isso. Não é fácil *“encontrar mais esforço para estudar”*, que é o desejo de um dos alunos a quem também perguntámos ‘como gostarias que fosse a escola neste regresso’, quando ‘esforço’ é a permanente invisível de um processo frequentemente narrado como insuficiente.

Uma escola sem computadores – *“Não queria que, na escola, usássemos computadores”* -, para uns, e *mais interativa*, para outros.

Creio ser importante perceber os motivos que levam alguns alunos a preferir o ensino à distância, porque tive respostas assim ao longo de ambos os confinamentos.

Kumthom e Malathum (2020) anunciam: “It is truly the time of reconciliation when all people are united so that we will pass through this challenging time altogether”... Menos. Não é esperado que aprendamos tanto em tão pouco tempo. Mas seria, de facto, bom lutar por uma escola com mais tempo e com menos pressa.

### **Referências bibliográficas**

Kumthom, M. & Malathum P. (2020). The COVID-19 Pandemic: What We Have Learned from Thai Experiences. *Pacific Rim International Journal of Nursing Research*, 24(4), 431–435.

Martins, R. C. (2012). *Se Fosse Fácil Era Para os Outros*. Dom Quixote.

Watts Isley, J., Gonzales, R., Drey, J., Ritter, E. Q., Lawrence, W. R., Rowe, B., & Sosa, P. (2021). Adaptability, Change, Hope: Student Perspectives During the COVID-19 Pandemic. *American Journal of Public Health*, 111(1), 63–65.  
<https://doi.org/10.2105/AJPH.2020.306033>.

## Reinventar afetos e pedagogias... vidas



**Fátima Tavares Braga da Silva<sup>14</sup>**

Esta nova reabertura das escolas está a ser preparada com a preocupação de garantir a segurança e a proteção do conjunto da população escolar, assim como a sua saúde física, mental e psicológica e o seu bem-estar. É novamente tempo de avaliar o estado de preparação do sistema (infraestruturas e recursos), de assegurar o cumprimento dos objetivos de aprendizagem (reajustamento das prioridades, processos pedagógicos e envolvimento das famílias) e de reforçar a resiliência do sistema (capacidade de antecipar problemas e de os mitigar).

Em termos organizacionais, importa lembrar as palavras do diretor do departamento de Educação e Competências da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), no ponto intitulado “Class size, a critical parameter for the reopening of schools” (Schleicher, 2020, p. 21). Aí esclarece que, para assegurar que todos os alunos têm a oportunidade de beneficiar do ensino presencial, 60% países da OECD organizaram as turmas em turnos, para garantir o distanciamento social. Andreas Schleicher sugere que esta medida se associe a uma combinação de ensino presencial e à distância.

Em termos pedagógicos, e focalizando-nos nas prioridades do sistema educativo (vd. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*), será novamente necessário avaliar, em cada contexto concreto, o impacto do confinamento nas aprendizagens, lembrando novamente a recomendação da OCDE:

“This exercise in student assessment should focus not just on the extent to which students gained the knowledge and skills intended in the curriculum, but also on what skills and competencies they demonstrated, or failed to demonstrate, during the period of remote learning. Effective learning out of school has clearly placed greater demands on students’ autonomy, capacity for independent learning, executive functioning, self-monitoring and

---

<sup>14</sup> Consultora da UCP (SAME) | Docente do Quadro da Escola Secundária/3 Henrique Medina - Esposende

capacity to learn on line. These are all essential skills for the present and the future. (Schleicher, 2020, p. 20/21).

Como no relatório do qual esta citação foi retirada se constata, ficou claro que a situação pandémica expôs a nossa vulnerabilidade. Na verdade, em ambas as experiências que já vivemos de ensino à distância, foi evidente que alguns alunos eram mais proficientes do que outros nas competências de autonomia, capacidade de estudo autónomo, realização e concretização (de tarefas), assim como autorregulação, para além de terem literacia digital e que, em resultado deste domínio, conseguiram aprender mais do que os seus pares. Parece óbvio que, assim sendo, “the plans to return to school should therefore focus on more intentional efforts to cultivate these essential skills among all students.” (idem, ibidem).

Na sequência desta análise, será então necessário definir um plano de intervenção que articule:

- Gestão dos programas / das aprendizagens essenciais das disciplinas;
- Implementação de abordagens alternativas de ensino e de aprendizagem, nomeadamente através do desenvolvimento de projetos integradores;
- Rentabilização das ferramentas tecnológicas disponibilizadas para o ensino à distância;
- Avaliação pedagógica.

Trata-se de um desafio que implica a aprendizagem entre pares profissionais, a partilha de experiências e de formação/informação, a criação de comunidades de aprendizagem nas escolas.

Dito de outro modo, se a pandemia COVID-19 nos confrontou com inúmeros problemas e com uma profunda crise, a situação educativa impede-nos de reabrir as escolas como se nada de grave se tivesse passado entretanto. Pelo contrário, e como as orientações da UNESCO explicitam, será necessário “rouvrir des écoles plus sûres, plus saines et plus pertinentes pour tous les apprenants.” (Chavatzia, T. e Watanabe, M., 2020, p. 5). O regresso à escola presencial tem de ser a ocasião para repensar “l'objectif général, le rôle, le contenu et la prestation de l'éducation à long terme” (idem, ibidem), com ênfase na garantia do direito à educação para todos.

É nesta direção que também a OCDE nos encaminha, quando Andreas Schleicher salienta que a escola deverá ser o coração do desenvolvimento de capacidades que permitam defender-nos da adversidade e reagir com eficiência e eficácia a novas disrupções desta escala que, alerta, poderão ser, no futuro, provocadas não só por pandemias, mas também por problemas ambientais, políticos ou económicos.

Assumindo então que a situação pandémica alterou as gramáticas escolares, a todos os níveis, com impacto nas lógicas de avaliação das aprendizagens, nomeadamente porque o acesso dos alunos às condições materiais acentuou as desigualdades prévias, é justamente na questão da avaliação pedagógica que nos centraremos agora, assumindo que as práticas avaliativas tradicionais foram já (este ano e também no ano anterior) substituídas por outras, para dar resposta aos desafios com que as escolas, subitamente, se confrontaram.

Questionamos então, com Susan Brookhart: “what can research tell us about grading and assessment practices schools could use” (Brookhart, 2020, p. 1). Com ela defenderemos que a situação atual oferece uma oportunidade única para promover o debate em torno das questões da avaliação pedagógica, no sentido da flexibilidade e do enriquecimento das práticas de avaliação e de classificação, para o que parece imperativo:

- 1.** Valorizar avaliações formativas assentes em feedback qualitativo.
- 2.** Privilegiar o uso de rubricas de avaliação ou outros esquemas de pontuação, desde que vinculados à aprendizagem e não à “conformidade”.
- 3.** Atribuir notas que correspondam:
  - a.** aos desempenhos e às aprendizagens realizadas, de acordo com objetivos de aprendizagem claros (o que a autora chama “measures of achievement”), sendo que a avaliação da conformidade - indicações sobre hábitos de trabalho, empenho, pontualidade, assiduidade e outros fatores – (as “measures of attendance”) devem ser reportadas separadamente da nota.
  - b.** ao nível de desempenho dos alunos no momento em que a nota é atribuída.
- 4.** Promover avaliações sumativas que deem conta do que os alunos aprenderam realmente com as explicações dos professores e as tarefas realizadas.

**5.** Assumir que as notas são temporárias, sujeitas a revisão, sempre que há evidências mais recentes dos progressos realizados nas aprendizagens.

**6.** Flexibilizar os momentos de recolha de evidências de avaliação sumativa orientada para a classificação, para que os alunos sejam avaliados pelo que sabem fazer e os seus resultados não sejam condicionados pelo momento em que o fazem. Para isso sugere-se:

- a.** A implementação de práticas de avaliação formativa, com diferentes propostas, para que os alunos possam praticar tanto quanto necessitam;
- b.** A promoção de momentos de reformulação e o melhoramento dos trabalhos;
- c.** A recolha de evidências de avaliação sumativa orientadas para a classificação apenas quando os alunos atingem o nível de desempenho;
- d.** A partilha regular dos resultados dos alunos.

**7.** Diversificar as formas de recolha de informação, de acordo com as características dos diferentes domínios.

**8.** Definir tarefas de avaliação de desempenho que exijam pensamento complexo: reflexão, planeamento e aplicação de conhecimentos ou demonstração de competências.

**9.** Alinhar a tarefa, os critérios de avaliação e os objetivos de aprendizagem.

**10.** Definir regras de avaliação, para as dinâmicas de grupo, de forma a que as notas deem conta das realizações individuais.

**11.** Usar critérios de aprendizagem e rubricas que

- a.** indiquem a realização de objetivos de aprendizagem (não a conformidade com as instruções ou características de nível superficial do trabalho dos alunos);
- b.** sejam acessíveis aos alunos e úteis para a sua autorregulação, ao longo do trabalho.

Andreas Schleicher afirma, finalmente, e deste modo terminamos, que o período de aprendizagem em casa tornou visível, por contraponto, o benefício que os alunos obtêm do contacto direto com os seus professores e colegas, assim como da variedade

dos serviços educativos, sociais e de bem-estar que a escola oferece. Assim sendo, diz: “This public awareness of the importance of schools and of teachers could be strategically deployed to increase engagement and support from parents and communities for schools and for teachers” (Schleicher, 2020, p. 19).

## Referências

Brookhart (2020) - *What Grading and Assessment Practices Could Schools Use in the Year Ahead?*. Los Angeles: Center on Education Policy, Equity and Governance, consultado em 14/02/2021, em [https://edpolicyinca.org/sites/default/files/2020-08/pb\\_brookhart\\_sept20.pdf](https://edpolicyinca.org/sites/default/files/2020-08/pb_brookhart_sept20.pdf)

Schleicher, A. (2020). *The impact of Covid -19 on Education- Insights from Education at a Glance 2020*, consultado em 07/03/2021, em <https://www.oecd.org/education/the-impact-of-covid-19-on-education-insights-education-at-a-glance-2020.pdf>.

Chavatzia, T. e Watanabe, M. (2020). Réponse éducative face au Covid-19 - Préparer la réouverture des écoles. Paris: UNESCO, consultado em 20/08/2020, em [https://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/UNESCO\\_mai\\_2020\\_Preparer\\_la\\_reouverture\\_des\\_ecoles.pdf](https://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/UNESCO_mai_2020_Preparer_la_reouverture_des_ecoles.pdf).

Consultora da UCP (SAME) | Docente do Quadro da Escola Secundária/3 Henrique Medina – Esposende

## O que aprendemos, nós professores, [poderemos ter aprendido...] durante o tempo do 2º confinamento entre fevereiro e março de 2021?



**Filipa Araújo**

O segundo confinamento poderá ser visto como uma alavanca ao nível do processo de mudança do ensino aprendizagem, pois, através de um ensino on-line, à distância, os profissionais da educação tiveram de se readaptar, mais uma vez...Assim, este ensino distante, de emergência, bem como todos os obstáculos inerentes que tivemos oportunidade de vivenciar e estamos a passar, isto é, este labirinto sinuoso poderá ser a “chave” do tesouro a descobrir, uma vez que ao longo desta temporada constatamos que através da colaboração, através da união de diferentes forças, até mesmo globalizantes, uma vez que esta pandemia afetou todos os países e sistemas de ensino, conseguimos reunir, interligar diferentes atores (direções, professores, Encarregados de Educação, autarquias...etc), ou seja, diferentes sinergias, ao nível de diferentes países, organizações (UNESCO), instituições, envolvidas no processo de ensino aprendizagem. No fundo, sinergias globalizantes, comunidades de aprendizagem em rede, a nível global, no sentido de minimizar todos os problemas com que nos deparamos. Veja-se o caso das empresas que “pararam” o processo de linha de montagem habitual para produzirem materiais essenciais, vitais, ao nível desta situação pandémica (viseiras, máscaras, ventiladores...etc), num espírito de entreaajuda, apostando nos princípios de uma educação de base humanista. Deste modo, os profissionais da educação deverão pensar o futuro numa perspetiva utópica, de esperança, desbravando novos caminhos, estratégias, desenhando novos cenários de aprendizagem, indo ao encontro das competências exigidas a um cidadão de futuro (criatividade, comunicação, colaboração, capacidade de resolução de problemas, pensamento crítico...etc) e aos seus desejos, enquanto alunos. Pois, toda esta distopia que nos encontramos poderá ser o “rastilho” para a tão almejada “mudança” que o



ensino aspira há já tanto tempo. Por conseguinte, para conseguirmos “remover” todas as pedras da calçada e “mudarmos” o rumo da educação, precisamos de ser resilientes, ser utópicos, para abraçar, por em prática, os principais desígnios da “Educação do Futuro”, perspetivando o aluno, no centro do processo de ensino aprendizagem, tendo em linha de conta, as suas diferenças, as suas aptidões, inteligências múltiplas, apostando na diferenciação pedagógica, atuando, no sentido de captar as aptidões, talentos, de cada um, como um ser único, não “aniquilando” a criatividade de cada um dos aprendentes, pensando sempre em alcançar o horizonte, ao nível da formação dos nossos futuros dirigentes, baseando-nos sempre numa educação para os valores, humanista, sustentável, explorando, simultaneamente diferentes áreas de conhecimento. Pois, o cidadão de amanhã terá de ter múltiplas competências, para se adaptar a diferentes áreas de conhecimento, habilitando-o a desenvolver diferentes competências transversais, ao nível da resolução de problemas de diversas áreas, de forma integradora, sistémica e holística. Por conseguinte, o ensino deverá ser visto de uma forma globalizante, onde todos podem aprender com todos, como um todo e não de uma forma estanque, compartimentada, pois todas as competências deverão ser desenvolvidas, em todas as áreas de conhecimento, interligando diferentes saberes, conhecimentos, apostando no aprender fazendo e na aprendizagem, ao longo da vida. Assim, segundo os testemunhos dos alunos, verifica-se que estes gostam de aulas práticas, em grupo, individualmente, utilizando diversas aplicações e ferramentas, tal como referem: o aluno A - “Já fizemos sites, apresentações em PowerPoint e mais coisas...gostaria de fazer, agora, algo...por exemplo, fazer publicidade...”; o aluno B - “Eu gostava que as aulas fossem como são e que houvesse mais visitas de estudo”; o aluno C - “Mais aulas práticas, mais duração nas aulas e mais aulas por semana”; o aluno D - “Espero que as aulas continuem a ser iguais”; o aluno E - “Como ainda não tivemos tempo para abordar o programa Voki, gostava de aprender mais sobre este tema, porque parece ser interessante!; aluno F - “Eu gostaria que nas aulas em vez de livros, fizéssemos as aulas com computadores e também que pudéssemos fazer visitas de estudo, aulas ao ar livre e emprestar materiais escolares... gostava que as aulas fossem mais livres... gostava de me sentir livre!; o aluno G - “Eu também gostava que os alunos que têm melhor internet ficassem algumas vezes em casa a ter aulas e os que não tivessem uma internet muito boa iam para a escola...assim nós íamos ficar mais seguros,

pois iam estar menos pessoas dentro da sala de aula; o aluno H - “Gostaria de descobrir outros programas divertidos”; o aluno I – “Continuar a utilizar a plataforma *google classroom* para não nos esquecermos”; o aluno J – “Eu gostaria que nas aulas de TIC, continuássemos a trabalhar em *power point* porque gosto muito dessa maneira de apresentar trabalhos. Gosto muito das aulas assim dinâmicas, sempre a explorar coisas novas, dá-me muito interesse e aprendo bastante...gostaria que quando fosse para fazer trabalhos de grupo pudéssemos escolher o nosso grupo, mas até gosto mais quando são grupos de dois, conseguimos organizarmo-nos melhor. Também gostaria de fazer mais trabalhos individuais, assim posso pôr todas as minhas ideias e fazer à minha maneira...em grupo já não dá, porque temos que concordar todos com as coisas e não podemos por tudo o que vem à cabeça de cada um, senão seria uma grande confusão...Gosto muito das aulas de TIC” e por último o aluno L referiu – “Gosto de ter aulas em casa, pois estou na minha zona de conforto, mas por outro lado, passamos muito tempo à frente dos computadores, telemóveis e também passamos muito tempo sentados...”.

Em suma: podemos referir que esta crise poderá ser uma “lufada de ar fresco”, ao nível do processo de ensino aprendizagem, visto que, neste momento, os educadores, de uma forma geral, estão mais habilitados, capacitados para lidar com novas tecnologias, pois, em escassos meses tiveram que se adaptar com a maior celeridade possível, no sentido de acompanhar todas as ferramentas tecnológicas, plataformas, para cativarem, despertarem e motivarem os seus alunos, apostando nas tecnologias. Desta forma, perante esta nova realidade, verificamos que não existem muros, barreiras geográficas ao nível da aprendizagem, pois podemos aprender em qualquer parte do mundo, a qualquer momento e em comunidades, redes de aprendizagem. De referir, também, que a maioria das entidades governamentais, a nível mundial e nacional, estão a continuar a apetrechar as escolas, no que diz respeito às novas tecnologias e a apostar na formação dos docentes, ao nível tecnológico, pedagógico e didático, para conseguirmos, todos, em uníssono, alcançar a inovação pedagógica, incentivando, assim, os alunos à procura de novos desafios para resolverem problemas, ao longo da vida, aumentando-lhes a “sede” do aprender cada vez mais, em qualquer lugar e momento, à procura de um futuro melhor, de novas e incessantes

aprendizagens...caminhando ... no sentido utópico, que o melhor ainda está por alcançar... SONHANDO.

## E@D – experiências inovadoras a replicar



**Generosa Pinheiro**

Estes tempos desafiadores de E@D poderão vir a alavancar um conjunto de mudanças urgentes nas nossas escolas: a passagem de uma pedagogia transmissiva a uma pedagogia da autonomia, da responsabilidade e da interação; a transformação dos modos de trabalho pedagógico assentes no uso das tecnologias para gerar implicação e aprendizagem por parte dos alunos; a transformação do professor num autor de materiais relevantes, assim como num guia e mediador de aprendizagens ativas e significativas, com a missão essencial da formação integral dos alunos com quem trabalha.

Neste contexto tão desafiador para as escolas e com o intuito de percebermos o que poderá ter aberto as portas a um novo rumo tão reclamado e desejado, procurámos fazer um balanço reflexivo deste período de E@D com os nossos alunos mais desafiantes: aqueles que não gostam da escola, para quem esta não faz a diferença e que concentraram as mais legítimas preocupações seja de Governantes, seja de Diretores Escolares, Professores ou Encarregados de Educação.

Numa conversa afável, cúmplice e surpreendente, chegámos a conclusões inesperadas e constatámos o quanto estes alunos têm a consciência de que a escola não se sabe moldar à sua maneira de aprender, nem ao seu ritmo de aprendizagem. Mais arrebatador ainda foi a forma lúcida como conseguiram fazer o balanço destes tempos de mudança.

A surpresa começou, desde logo, quando, no geral, fizeram um balanço positivo desta modalidade de ensino e, com um sorriso nos lábios, alguns deles verbalizaram mesmo: “Até subi as minhas notas”.

As primeiras palavras destes alunos reportaram-se ao tempo de aula e ao tipo de trabalho dinamizado nas mesmas: “É mais tranquilo para nós assistirmos às aulas online,

torna-se menos confuso, porque o professor explica durante 30 minutos e depois fazemos exercícios nos 20 minutos seguintes.”; “Conseguimos estar mais atentos, porque as conversas com os colegas deixaram de existir.”. No E@D, as aulas de 50 minutos, na generalidade, passaram a ser divididas em dois momentos: 30 minutos para exposição dos conteúdos por parte do professor e 20 minutos de trabalho autónomo, o que agradou, como se vê, aos alunos. Por um lado, a parte expositiva estava adaptada ao seu tempo de concentração, por outro, a implementação de atividades mais práticas ajudava a que estivessem ocupados, num contexto de aprendizagem em ação. Este momento de trabalho autónomo permitiu que estes alunos não fossem meros recetores de informação, mas fossem orientados para aprendizagens mais ativas e significativas, deixando-lhes autonomia para construírem o seu próprio caminho, o seu próprio conhecimento, tornando-se autores e atores das suas práticas, o que parece ter constituído, para eles, uma fonte de motivação.

Interligada com esta vantagem do E@D, apontaram uma segunda, a melhoria do comportamento que explicaram da seguinte forma: “Em casa, estamos no nosso espaço, estamos mais tranquilos.”; “Como estamos mais concentrados, mais sossegados e mais ocupados, não há conversas com os colegas, nem vontade de provocar os professores.”. Ora, mais uma constatação fundamental: menos tempo expositivo e mais tempo de ação dos alunos parece ser diretamente proporcional à melhoria do seu comportamento, uma vez que se sentem implicados no seu processo de aprendizagem.

Outro dos pontos fortes referidos foi a redução da carga dos trabalhos de casa, abordada pelos alunos desta forma: “Se fizéssemos o trabalho autónomo nos 20 minutos, já não tínhamos trabalhos de casa, então, aproveitávamos esse tempo para trabalhar.”; “Fazíamos tudo nos 20 minutos para podermos tirar as dúvidas com os professores.”. Estas palavras deixam-nos perceber que, afinal, estes alunos até aprenderam a gerir o seu tempo, trabalhando ao seu ritmo e aproveitando os tempos e a ajuda disponíveis. Portanto, mais trabalhos de casa nem sempre significa mais aprendizagem, pode até traduzir-se em mais cansaço e desmotivação, porque, sem a orientação dos docentes, nem sempre os conseguem realizar com sucesso, restando-lhes, muitas vezes, a hipótese de os copiar nos corredores.

Sobre a apresentação dos conteúdos pelos professores destacaram: “A forma como os professores explicam a matéria mudou, porque o E@D os obrigou a improvisar

para mostrar como as coisas funcionam.”; “Os professores tiveram de mudar a maneira como ensinam.”; “Os professores deixaram de falar tanto e passaram a mostrar mais.”; “Os professores fizeram mais esquemas sobre a matéria dada, o que nos ajudou a perceber a matéria de forma mais simples.”. Por terem menos tempo, os professores focaram-se nas aprendizagens essenciais, nos conteúdos fundamentais, mudando a sua abordagem, não seguindo unicamente o manual, mas optando por materiais diversificados e interativos, assim como por sistematizações mais claras dos conteúdos, através de mapas conceituais de estruturação dos conhecimentos, o que acabou por facilitar a sua compreensão e aprendizagem pelos alunos.

O investimento dos professores em materiais inovadores e diversificados foi outra das mais valias expressas pelos alunos: “Nós estamos a ser mais originais na forma como aprendemos, porque temos acesso a recursos online que explicam a matéria dada na aula.”; “Os vídeos também especificam bem a matéria.”; “Os quizzes que vamos realizando ajudam-nos também a aprender as coisas. Também aprendemos quando erramos.” O investimento maior na preparação e produção de materiais é fundamental, uma vez que, numa aprendizagem em ação, a relação entre professor/ aluno passa a ser mediada por materiais que funcionam como suporte das aprendizagens dos alunos, orientando o seu percurso na consecução de tarefas e projetos solicitados. De facto, estes materiais são fundamentais, pois, para além de obrigar os estudantes a fazer leituras, pesquisas, exercícios, estudos, avaliações, também provocam a interação e comunicação, quer com o professor, quer com os colegas, em momentos não só síncronos, mas também assíncronos. De facto, parece que a utilização de uma grande multiplicidade de ferramentas pedagógicas ao dispor dos professores também os ajudou a ensaiar mudanças nos seus métodos de ensino e nos processos de aprendizagem dos seus alunos, o que os terá motivado e lhes terá despertado mais interesse por aprenderem.

No que concerne à avaliação, também souberam dar o seu parecer com mestria através de afirmações como: “Melhoramos as notas nos testes online porque tinham menos matéria.”; “Não tínhamos tanta matéria para estudar como nos testes presenciais.”; “Como o teste era basicamente de escolhas múltiplas, não tínhamos de memorizar a matéria, pois as opções dadas pelo professor acabaram por conduzir à resposta.”; “Antes tínhamos de decorar mais, aqui, com as opções, ao lermos, já nos

lembramos, o que se torna mais fácil para nós.”; “Quando nós memorizamos a matéria, dois ou três dias depois, esquecemos tudo; quando compreendemos, ela fica no cérebro. Nos testes online, era mais de compreender.”; “Os professores também contaram outro tipo de trabalhos para a avaliação, como a nossa participação na semana da leitura.”; “Nós também submetíamos os trabalhos na plataforma e os professores diziam o que tínhamos de fazer para melhorar.”. Com efeito, parece-nos, pelas palavras dos alunos, que os testes online visavam, essencialmente, verificar o que o aluno aprendeu efetivamente, ou seja, a sua compreensão dos conteúdos lecionados e não uma testagem de um conjunto de conceitos memorizados, o que se adapta mais, sem dúvida, aos alunos com poucos hábitos de estudo, que até perceberam os conceitos, mas não os conseguem debitar com as palavras usadas pelo professor, porque não os memorizaram. No entanto, quando confrontados com tarefas mais práticas e lógicas, são capazes de um desempenho válido. Por outro lado, urge que a avaliação deixe de estar concentrada em dois testes por momento de avaliação, é conveniente que passe a ser mais diversificada e que seja feita de momentos constantes de *feedback* dados aos alunos, para que cada um possa evoluir ao seu ritmo, reportarmos a uma avaliação formativa, para a aprendizagem.

Foi este o balanço do E@D feito pelos nossos alunos mais desafiantes. Saibamos ouvi-los e mudar as nossas práticas letivas e avaliativas para que a escola possa tornar-se mais democrática, dando oportunidade de crescimento a todos. Saibamos replicar, no ensino presencial, o que de melhor fizemos neste momento tão desafiante e aproveitar esta oportunidade para inovar como, afinal, soubemos e conseguimos fazer, a avaliar pelas palavras sábias dos nossos alunos a quem temos de saber ouvir e com quem também temos de saber aprender.

Nota: Um agradecimento especial a todos os meus alunos que, comigo, traçaram esta caminhada reflexiva sobre os pontos fortes do E@D.

## Em busca das aprendizagens perdidas: propostas, perigos, incongruências e alternativas



Ilídia Cabral



### O problema

Soube-se hoje (29.03.2021) que, de acordo com os dados preliminares do estudo do Instituto de Avaliação Educativa (IAVE), mais de metade dos alunos dos 6º e 9º anos não consegue atingir os níveis esperados de literacia a matemática, leitura e literacia científica.

Na sequência das perdas aferidas ao nível da aprendizagem em contexto de pandemia, o Secretário de Estado João Costa anunciou que foi hoje formalmente nomeado um grupo de peritos e consultores que têm como missão produzir um conjunto de recomendações ao Governo sobre as estratégias a adotar para colmatar as aprendizagens que terão ficado por realizar.

### Dos estudos e propostas

Deste grupo de especialistas fazem parte elementos ligados ao estudo realizado por investigadores da *Nova School of Business and Economics* e que propõe dois tipos de medidas para recuperar as aprendizagens perdidas com o ensino remoto de



emergência: programas de tutoria às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática e escolas de verão.

De acordo com o referido estudo, estas duas medidas, que custarão cerca de 1500€ por aluno, permitirão ganhos nas aprendizagens que podem ser superiores a um ano.

As tutorias implicam duas aulas semanais de Português e Matemática, integradas no horário escolar, com a duração de 30 a 60 minutos, para pequenos grupos de 3 a 5 alunos do ensino básico, durante pelo menos 12 semanas.

Já as escolas de Verão, abrangeriam alunos do 1º e 2º ciclos e teriam uma duração de 4 semanas, combinando atividades lúdicas e de recuperação de aprendizagens, num total de 20 horas de tutoria ou 5 horas por semana.

Esta é, para já, apenas uma proposta, tendo o Secretário de Estado referido que é prematuro antecipar qualquer decisão e que o plano de recuperação a desenvolver terá em conta soluções curriculares, pedagógicas e organizacionais. Que assim seja.

### **Dos perigos e das alternativas**

Relativamente à proposta do estudo suprarreferido, não posso deixar de alertar para dois perigos e de apontar alternativas possíveis e desejáveis.

#### ***1. O perigo das soluções pronto-a-vestir de tamanho único***

Acredito pouco em estatísticas. Acredito pouco em médias e modas. Embora me sejam úteis como ponto de partida para identificar tendências que depois procuro compreender, dizem-me pouco ou nada sobre as razões que estão por detrás de diversos fenómenos educativos. Esses são, por norma, particulares e únicos, e quando quero compreendê-los verdadeiramente, tenho que o fazer dentro do seu contexto específico.

E por isso, acredito também pouco em medidas padronizadas para resolver problemas que, embora transversais, terão, obrigatoriamente, contornos muito diversos.

Numa época em que tanto se fala em diferenciar e flexibilizar, as medidas políticas tendem a continuar a ser padronizadas, baseadas em estudo estatísticos normalmente

desenraizados dos contextos onde se vivem os fenómenos e os problemas aos quais procuram dar resposta.

Alternativa: Devolver às escolas e aos territórios o poder e a responsabilidade de diagnosticar os seus problemas e propor soluções contextualizadas e adequadas. Porque certamente que nem todas as escolas, nem todos os territórios têm o mesmo retrato relativamente às aprendizagens que ficaram por realizar, pelo que nem todos precisarão da mesma receita. A única forma de desenvolver medidas realmente eficazes é dando aos profissionais da Educação a responsabilidade de desenvolver respostas adequadas às suas necessidades, em estreita articulação com a comunidade local e as autarquias, que tão importantes foram em alguns territórios na procura de respostas educativas durante o período de ensino remoto de emergência. E que o investimento previsto para a implementação da proposta acima mencionada possa ser feito nas escolas e nos territórios, mediante a apresentação de planos concretos e numa lógica de prestação de contas inteligente.

## ***2. O perigo de (continuarmos a) confundir quantidade com qualidade***

É sabido que a principal medida de combate ao insucesso nas escolas tem sido os famosos apoios educativos, que surgem para além da carga horária e nos quais se usam exatamente as mesmas estratégias que são utilizadas nas aulas e que, obviamente, não funcionam com aqueles alunos. No entanto, dando-lhes mais do mesmo, esperamos que um dia, por milagre, estes aprendam...

Também a proposta das tutorias e escolas de verão pressupõe um aumento considerável da carga letiva, o que pode, inclusivamente, ser contraproducente no que respeita à (des)motivação para as aprendizagens. Mais horas na escola tenderão a ser sentidas por alguns alunos (previsivelmente, os que mais precisarão de recuperar aprendizagens) mais como um castigo do que como algo de bom que deverão aproveitar.

Alternativa: Em vez de aumentar a carga letiva dos alunos, é fundamental apostar na alteração da tecnologia educativa a empregar, o que implica, necessariamente, uma gestão mais inteligente e integrada do currículo e das aprendizagens, feita por equipas educativas que assumam uma responsabilidade coletiva pelas aprendizagens dos alunos. A recuperação das aprendizagens não tem que passar por mais tempo com os

alunos, mas sim, por um tempo de melhor qualidade e, conseqüentemente, de mais aprendizagens.

Aguardemos pelo plano de recuperação que aí virá, esperando que este não ignore o saber das escolas, a importância dos contextos e a imperativa necessidade de alterar os modos de fazer aprender, sem cair na ilusão irrefletida de que quanto mais se ‘ensina’, mais se ‘aprende’. Basta mudar o *mais para melhor...*

## Agora



Isabel Lage

*“Depois o café esfria,  
Depois a prioridade muda,  
Depois o encanto se perde,  
Depois o cedo fica tarde,  
Depois a saudade passa,  
Depois tanta coisa muda,  
Depois os filhos crescem,  
Depois a gente envelhece,  
Depois o dia anoitece,  
Depois a vida acaba.”  
António Lobo Antunes*

Cruzei a porta de vidro entrando no enorme *hall* da minha escola. Observei-me a caminhar até que estaquei no meio do nada procurando uma referência que tardava em chegar. O edifício da escola era recente com uma entrada imensa e impessoal, rodeada de vidro e de cimento armado onde ecoavam sons que, reverberando nas superfícies refletoras, enchiam de murmúrios silenciosos o espaço ainda vazio.

Fui das primeiras a chegar. Ainda era muito cedo.

Aproximou-se de mim uma mulher com uma vassoura e uma pá. Encontrei a D. Angelina atrás da máscara verde que lhe tapava o rosto. Tinha pouco mais de um metro e meio e os seus olhos, também verdes, perdiam-se entre as camadas de pele que pareciam ter espessado nestes três meses de confinamento. O seu cabelo abria-se numa estrada branca que acabava no centro da testa prolongando-se para os lados numa forma abobadada e mais escura nas pontas. Lançou-me um olhar rasgado de boas vindas: «cá estamos novamente», «pois estamos», «chegou cedo», «pois foi», «muita saúde é o que queremos», «pois é».

Voltei a ficar sozinha naquela enorme entrada: de pé, a balançar as chaves na mão direita e, na esquerda, a carregar uma pasta pesada com cadernos e livros

meticulosamente encaixados, que poderia retirar de olhos fechados por tanto os arrumar.

Respiro fundo e ainda tudo é novo, silencioso e transparente. A luz é perfeita e cheira a lavado e a desinfetante. Este ambiente faz-me pensar na escola de forma refrescante, como se pudesse arrancar dela tudo o que, com o tempo, se foi entranhando sem que me apercebesse. Identifico este sentimento como o que temos quando entramos em casa depois de uma longa viagem e reparamos na jarra que está fora do seu sítio há meses, ou na posição do sofá nunca antes questionada, ou no tapete demasiado usado, ou ainda na parede que devia estar pintada de uma cor mais clara.

Volto ao momento e questiono-me: quantas vezes passei por aqui sem sentir esta leveza? Poderei cruzá-la outra vez amanhã e sentir o mesmo? Poderemos sentir em junho o frescor da primavera de abril?

Pudesse ao menos acorrentar aquele momento. Agarrá-lo com as duas mãos, estrangulá-lo em mim. Mas recordo-me de uma frase de Agualusa que diz que só as crianças habitam esse tempo no qual todas as coisas duram para sempre.

Regresso ao *hall* do edifício onde me encontro, inspirando, mais uma vez, o ar limpo que me envolve e desenhando a escola onde quero estar: mais flexível na organização dos professores, dos alunos e dos espaços.

Uma escola que admite os grupos tradicionais de professores e de alunos, como os departamentos curriculares e as turmas, mas que os interseta, num ambiente ecológico, com equipas educativas docentes, numa articulação com agrupamentos de alunos que se podem agregar em pequeno número num projeto ou em grande grupo de ano ou de ciclo.

Transformo as salas de aulas em salas de estar e não de passagem, confortáveis e polivalentes, constituindo espaços amplos, com cor e diversas zonas onde os alunos possam estar todos juntos a ouvir uma explicação ou em debates alargados, mas também em pequeno grupo a fazer uma atividade, ou ainda em recato individual a ler ou a trabalhar no seu PC. Imagino uma sala com fronteiras permeáveis, onde se marca o ritmo das aprendizagens mas se respeita o ritmo de cada aluno. Uma sala onde coabitam vários professores com diferentes saberes, atrevendo-se em cruzamentos curriculares, tantas vezes pensados e raramente concretizados.

Vejo agora de forma límpida uma escola fundeada no fortalecimento da solidariedade, do respeito, da efetiva assunção da sua responsabilidade individual e coletiva.

Uma solidariedade que é o contrário da indiferença. Que se revela na disponibilidade do professor para compreender, não só, as especificidades de cada aluno mas também de cada colega, numa manifestação de empatia, generosidade, genuinidade, empenho no auxílio e bem estar do outro. Um ser solidário, implicado numa responsabilidade recíproca, num sentimento de partilha e de ajuda generosa. Desta forma, a solidariedade é inclusão, diferenciação e tolerância, pois não discrimina mas respeita, legitimando o direito à diferença.

Uma solidariedade também com o próprio, permitindo-nos mergulhar em emoções, aceitar as nossas forças e as nossas fragilidades, concedendo-nos o direito ao inconformismo, ao desconforto ou a pedir ajuda sem constrangimentos.

Penso que para isso é fundamental libertar o docente de tarefas periféricas que lhe consomem energia e o desfocam das diferenças dos seus alunos.

De repente, a frescura da manhã parece querer fugir.

Ainda de pé, sozinha, no meio do *hall* de entrada da escola começo a reconhecer os objetos à minha volta e a recolocá-los em mil memórias e, com elas, chegam os ecos de caminhos tantas vezes percorridos, de ações que se impuseram, de réplicas de aulas, da homogeneização de comportamentos, da padronização dos afazeres diários, asfixiados pela pressa de cumprir as obrigações condensadas em horários apertados que condicionam a ação e limitam o pensamento.

Neste processo de naturalização das rotinas, forçado pelo excesso de deveres e pela redução do tempo para os executar, reconheço o grande obstáculo ao distanciamento que necessitamos para as questionar.

É a hora de pensar! De aceitar que o presente é condicionado pelo passado, mas é também a promessa do futuro.

Estou neste *hall* de entrada, ou não. Concentro experiências passadas e promessas futuras, pelo que me sinto espalhada no tempo, inviabilizada de me localizar, num outro calendário, na impossibilidade de se estar só, vivendo o engano persistente de um tempo que não é linear mas que ilude, fazendo-me crer que simplesmente estou ali, agora.

Faz-se novamente a calma e escorre pela fina luz da manhã o último fio de amargura que me apertava a garganta.

Penso neste regresso à escola e nas redobradas análises à atual situação do sistema educativo que têm tido como pano de fundo a gravidade da crise em geral (sanitária, social, pessoal, económica, cultural, política, etc.), ficando a sensação que estão irremediavelmente condicionadas pela complexidade da situação em que vivemos.

É certo que a escola respondeu ao pico mais agudo da crise, mas agora é hora de pensar e de agir.

Os mais otimistas e aventureiros dirão que este é um momento de disrupção, propício a mudanças paradigmáticas. Porém, as metamorfoses desejadas no nosso sistema de ensino, não acontecerão enquanto permanecer a mais pequena réstia de convicção de que o paradigma dominante, embora com dificuldade, continua a conseguir responder às questões que queremos ultrapassar. E este é precisamente um dos problemas da naturalização e da falta de reflexão que acompanha a vida das escolas.

Parafraseando Boaventura Sousa Santos, a forma como uma crise é perspectivada é determinante na conseqüente alteração epistemológica, sendo necessário, mais do que propor soluções despropositadas, enunciar corretamente os novos problemas.

Não deveremos começar por formular questões mais básicas como aquelas com que nos fomos deparando nos últimos meses, em que a maioria de nós se viu privado de bens supérfluos com que nos rodeamos na sociedade de consumo? Ou como grande parte dos nossos atos quotidianos não são tão fundamentais como imaginámos? Ou como muitas das nossas rotinas só nos atrapalham e condicionam?

Não será o tempo propício para contrariar a naturalização que tem fossilizado parte da organização das nossas escolas, das nossas atividades pedagógicas, da rigidez do nosso currículo?

Carl Jung dizia que quem olha para dentro, acorda. Agora é a hora de acordar! É a hora de não sermos obrigados a mentir a nossa dor. É a hora de sermos solidários e ousarmos criar.

A hora é agora!

Ainda me encontro nesta entrada que parece transformada num lago transparente onde flutua a expectativa, onde se reflete a manhã de abril, onde a luz ainda é clara e onde bebe a esperança.

Às vezes, não há água que baste para beber.



## No E@D temos mais dúvidas, acreditamos menos



Luís Gonçalves

“É necessário, em tempos de adversidade, procurar motivos que alimentem o entusiasmo. (...) Poucas profissões oferecem um tipo de compensações tão belas, tão profundas e tão ricas. Não é em vão que o professor trabalha com as ideias, com os sentimentos, com as atitudes, com os valores, com as expectativas, com as ilusões...”  
(Guerra, 2003, p 152)

A ideia espelhada nas frases de Miguel Santos Guerra, na obra, *No Coração da Escola - histórias sobre a Educação*, apesar de não ser de fevereiro de 2021, podia ter sido um dos principais desafios para nós educadores. Creio que terá sido essa, a principal aprendizagem que todos poderíamos/pudemos ter feito. Seria suficiente ver e ouvir os *media* para chegarmos a essa conclusão. As plataformas online já tinham sido aprendidas no primeiro confinamento, nessa altura, foi até motivo de distração, porque era novidade. Agora retomávamos o confinamento, já não havia novidades e pouco havia a descobrir.

O desafio foi olhar para os quadrados que nos apareceram nos ecrãs dos computadores e tentar ver, olhar e reparar (isto é sempre o mais complicado!).

Aprendemos a ouvir mais os alunos e em alguns casos, ajustámos o “nosso passo” ao “passo dos alunos”. Na aula presencial nem sempre é assim, pois acreditamos que os alunos aprendem tudo o que nós ensinamos. No E@D temos mais dúvidas, acreditamos menos.

Ao ouvirmos os alunos sobre o que eles pensam, ficámos mais conscientes de como eles se sentem e de como se veem neste momento único (para eles e para nós).

Nos testemunhos que pedi aos alunos surgiram alguns aspetos relacionados com os computadores, no entanto, acredito que a aprendizagem terá sido mais ao nível do coração.

Transcrevo alguns dos testemunhos:

*Aprendi por exemplo que ficar sem ver os amigos muito tempo pode ser muito mau. Mas aprendi também coisas boas, a tecnologia pode ser útil para a aprendizagem.*  
(A. L.)

*Aprendi que ficar em casa é bom, mas muito tempo é mau (M.V.)*

*Aprendi a ter mais confiança nas pessoas. (A.M)*

*Aprender durante o período de confinamento não é a mesma coisa. Eu e os meus amigos temos a tentação de ver vídeos ou mesmo não prestar atenção. Outra coisa que aprendi foi que é diferente fazer os trabalhos, os testes e até mesmo os trabalhos de grupo. O que vale é que dia 5 de Abril vamos para a escola outra vez. (T.B.)*

*Não tenho a certeza se aprendi muito, mas fico feliz por agora escrever mais depressa.*

*Não foi fácil para ninguém e disso tenho a certeza, mas se há algo que aprendi mesmo é que temos muitos privilégios (até mais que a nobreza na idade média), porque só o facto de termos um computador para termos aulas online já é incrível. Outra coisa que aprendi é que a infância só acontece uma vez, por isso tenho de aproveitar ao máximo, em cada dia, cada aula e até quando estou a lavar os dentes. E quando vou dormir penso sempre: "Que dia esgotante, amanhã vou cansar-me mais para descansar outra vez".*

*E aqui está, rotina de quarentena, só espero não me habituar a acordar mais tarde! (R.P)*

*Aprendi muita coisa entre fevereiro e março. Aprendi a concentrar-me mais dentro do contexto das aulas, pois a quantidade de objetos à nossa volta pode influenciar-nos. Aprendi a regular o cansaço, porque depois de olhar para ecrãs a maior parte do dia, fica-se cansado e temos de nos adaptar e normalizarmo-nos estando cansados, ou então, evitar isso de forma mais responsável, sendo a segunda opção a mais viável. Para acabar, aprendi a aproveitar e a dar valor ao que temos, como por exemplo ir à rua. Sair*

*de casa era uma coisa normal e que rejeitaria muitas vezes, enquanto que agora é quase interdito, eu gosto de sair quando posso. (M.F.)*

Termino com uma pequena passagem da *Exortação Apostólica Cristo Vive* (2019, p.97) do Papa Francisco, que é simultaneamente uma preocupação e um desafio para nós que somos educadores: “Tenho visto, por vezes, árvores jovens, belas, que elevam os seus ramos para o céu, procurando sempre mais e parecendo um campo de esperança. Mais adiante, depois de uma tempestade, encontrei-as caídas sem vida.” É o perigo de uma escola que não vai além dos programas e do currículo. Agarrar os nossos alunos à terra, ajudá-los a terem raízes fortes através da alegria de aprender, alimentar a curiosidade e criar-lhes vontade de serem construtores do seu próprio conhecimento, são as formas de ultrapassar os embates que vão surgindo. Acredito que foi isto que aprendemos e que é isto que faz sentido para nós que somos educadores.

Luís Gonçalves e alguns alunos do 6º D do Externato Marista de Lisboa

## O que aprendemos [poderíamos ter aprendido] durante o 2º confinamento.



Margarid@ Araújo

No dia 15 de março são dados os primeiros passos para um desconfinamento que tardava em acontecer. 50 dias passaram.... sim 50 dias, que nos permitiram refletir ou [poderíamos ter refletido], já que os ponteiros do relógio se arrastavam. É certo que se trata de um processo lento e gradual, mas não deixa de ser o tal balão de oxigénio por todos esperado.

A Primavera aproxima-se trazendo consigo o sol e a esperança. Os dias cinzentos à lareira acabaram e eu recorro, com grande resiliência aquele quinze de janeiro em que, tardou, não mais que o fim de semana, para a *stora* entrar subtilmente através da plataforma Zoom e invadir, como outrora, o espaço privado dos cachopos. Foram apenas uns segundos, somente alguns segundos, o tempo suficiente para a *stora* “matar” as saudades dos seus alunos. A mesma que, com a voz tremula, lhes manda beijinhos e deseja que todos se encontrem de plena saúde porque ***tudo vai correr bem***.

Refere-se às saudades e esforça-se, momentaneamente para não se emocionar enquanto profere algumas palavras sentidas. A *stora* quis passar a ideia de que, não são apenas os alunos que estão a reagir a este período pandémico. Na realidade é uma dualidade de afetos e relações que fazem parte do mesmo todo.

Desta vez as escolas nem são consideradas o principal foco de contágio e transmissão do vírus. Esta medida de encerramento, serviu para proteger, toda a comunidade educativa obrigando ao cumprimento de medidas de proteção individual e de restrição à circulação. Contra todas as expetativas, mas para bem social, referiu o nosso primeiro ministro *“Isto só significa que temos mesmo o dever cívico de reforçar este nosso confinamento porque, para além da saúde, para além das vidas, temos também de apressar o controlo desta situação para prejudicar o menor tempo possível*

*o processo de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças que ficarão inevitavelmente afetadas por esta interrupção das atividades letivas”.*

Será que a história se volta a repetir? Iriemos nós deixar suspensas todas as planificações que nos propusemos cumprir este período e este ano letivo, tal como ficou suspensa a atenção de todo o mundo que assiste sereno às notícias da televisão, que narram uma multiplicação do surto, colocando em cheque todas as certezas da vida humana.

A Covid 19 antecipou, de forma mágica e abrupta o que se previa num futuro a médio/ longo prazo – a escola do futuro.

Houve necessidade de se alterarem as políticas pedagógicas através de novas estratégias de ensino, que passaram por uma maior focalização na relação de proximidade entre o professor e o aluno. Sendo certo que, o corpo docente funciona como alavanca, exigiu-se também uma mudança de comportamentos e atitude dos professores para não perderem a conexão com os alunos e prosseguirem o seu desígnio e propósito em manter as suas aprendizagens.

Os professores são na realidade artífices do conhecimento e em momento algum o seu papel foi tão valorizado e elogiado por demonstrar a sua exigência e dedicação profissional que extrapola a sua caminhada de trabalho, impondo esforço intelectual, físico e emocional nunca reconhecido por todos tão afincadamente como durante este atípico período.

O mundo alterou rotinas, é certo, e não voltaremos “ao normal” porque esse... esse será um novo tempo que, Sophia de Mello Breyner Andresen entendia ser um *“tempo de solidão e de incerteza, um tempo de medo e tempo de traição, um tempo de injustiça e de vileza, e um tempo de negação”*.

- Passou, de novo, a ensinar-se para além dos muros da escola e implementaram-se novas diretrizes, e estratégias como forma de desvalorização das consequências pela suspensão de aulas presenciais e facilitar a continuidade do ensino / aprendizagens de uma forma remota, sendo perentório virtualizar o ensino, convertendo-o num sistema educativo em formas de *homeschooling*.

- Este processo de confinamento foi uma prova superada pelos professores que se desafiaram a exercer uma maior adaptação e flexibilização em relação a uma nova

modalidade de ensino, o que gerou algum sentimento de insegurança e bastante sobrecarga de trabalho.

- Procedeu-se rapidamente e de forma eficaz a uma transferência do modelo escolar convencional para o modelo de ensino remoto, e os desafios para executar as novas políticas educativas emanadas da tutela continuaram inúmeras devido à sua complexidade.

- Foi visível o esforço para proceder à distribuição de material tecnológico e acessos à internet a alunos, beneficiários da ação social escolar, no entanto o ritmo do processo de distribuição não foi eficaz nem feito em tempo oportuno.

Face a tantos desafios que se impõem, é grande a honra de ter nas mãos, a responsabilidade de preparar e incutir o espírito crítico no aluno e formá-lo para se tornar um cidadão dinâmico, dentro de uma vasta e complexa sociedade.

Os professores mais uma vez avançaram em solidariedades para com os seus alunos colocando, ao seu dispor a sua privacidade, ambiente familiar e os próprios meios tecnológicos que alternam entre a internet, telemóveis e laptops. Fizeram-no porque, se habituaram à irresponsabilidade da tutela de não cumprir com a sua parte e com os seus deveres.

Não!.... não falo no aspeto de emissão de ordens, orientações, circulares ou outro tipo material avulso. Esse, brota diariamente como giestas no monte. Falo sim, no aspeto de criar e solucionar atempadamente problemas criando meios efetivos para a atual situação com que nos deparamos de novo, deixando cada aluno por si ao sabor do vento.

- Ser professor neste momento, e nesta modalidade de ensino, faz-me pensar e rever a responsabilidade da formação na perspetiva de autonomia e reinvenção da escola como espaço de relevância da aprendizagem para que cumpra seu papel de formar estudantes a fim de interagirem com criatividade, ética e responsabilidade.

- Esta crise expôs de forma clara a fragilidade das escolas que estão inadequadas e desajustadas face às desigualdades de todo o sistema por que é regida, conjugando fatores como a equidade e a oportunidade educativa. Este período atípico veio demonstrar que pode haver métodos de substituição célere, através do uso de tecnologias e que simultaneamente não deixam de ser pobres comparando com todas as ambiências que caracterizam a escola.

- Mas nem tudo foi entrave e dificuldade, os professores apresentaram uma enorme superação, sobretudo em relação à utilização de espaços e horários, em modos de salas virtuais e que potenciou de forma efetiva e motivadora o desenrolar das tarefas propostas. O processo de ensino remoto evidenciou modelos adaptativos e inovadores e novas descobertas.

- É certo que ainda estamos longe de derrotar o inimigo e não podemos estar felizes perante o contexto social em que o país está imbuído, mas podemos alegrar-nos perante as oportunidades de avanço e crescimento que ocorreram de forma súbita e sem tempo hábil para uma ideal adaptação e diminuição receosa do uso do digital, que inclui o ensino remoto. de facto, o ensino virtual veio mesmo para ficar e ganhar força.

Embora saibamos que as aprendizagens não se realizam apenas na escola, ou mesmo nas salas de aula, a relação professor aluno, é uma parte importante e significativa desse processo.

## O que aprendemos entre fevereiro e março de 2021, tendo em vista um renovado ensino presencial?



**Sónia Soares Lopes**

A 30 de junho do ano anterior, escrevi um texto intitulado O MELHOR DOS DOIS MUNDOS, pensando no ano letivo que iria iniciar em setembro. O último parágrafo dizia assim:

*“Pensando, agora, na preparação do novo ano letivo, sabemos que será um tempo de incertezas, no entanto, temos de nos fazer valer da experiência, do conhecimento que adquirimos neste tempo diferente e procurar conjugar o melhor dos dois mundos: o melhor do regime presencial e o melhor do E@D. Refletir e analisar sobre aspetos mais organizacionais tais como os horários dos alunos, os horários dos transportes escolares, o peso das mochilas, a forma de agregar os alunos, a forma de agregar os Professores. Refletir sobre dar sentido às aprendizagens, sobre como apoiar os alunos na sua aprendizagem, sobre como utilizar os recursos digitais no processo de aprendizagem, sobre como várias disciplinas podem contribuir de forma diferente para uma aprendizagem, sobre a aprendizagem colaborativa dos alunos, sobre a aprendizagem colaborativa dos Professores, sobre a aprendizagem de todos!”*

Nesta altura, as expectativas eram muitas, mas com o início do ano letivo pouco ou nada mudou. No entanto, os professores mudaram. Os professores não eram mais os mesmos, pois a experiência do E@D foi avassaladora.

Durante este novo confinamento, os professores estiveram muito mais capazes de responder aos desafios deste regime não presencial. De uma forma geral, os professores procuraram diversificar as estratégias de ensino-aprendizagem, envolvendo, de forma ativa, os alunos neste processo. Procuraram, também, diversificar os instrumentos de avaliação, deixando de se centrar nas fichas de avaliação. Mil e uma estratégias para procurar acompanhar o aluno, saber se este estava a aprender.



Agora, que se aproxima o regresso ao regime presencial, não iremos iguais, tal como no final do ano letivo anterior. Todos. Os alunos e os professores.

Queremos levar as diferentes estratégias de ensino-aprendizagem, envolvendo ativamente os alunos. Queremos levar os diferentes instrumentos de avaliação. Queremos levar a aprendizagem invertida, os quizzes, os vídeos com perguntas, os exercícios interativos, a gamificação, os e-portefólios. Queremos levar as salas de estudo online para que os alunos possam regressar às suas casas no final do seu turno e possam ter oportunidade de esclarecer dúvidas sem estarem dependentes dos horários dos transportes. Queremos que os alunos possam participar online em clubes e projetos nas suas casas respeitando as dinâmicas familiares de acompanhamento e transporte. Queremos levar as reuniões online com os Encarregados de Educação ao fim da tarde, conjugando o horário de trabalho dos mesmos com a vida familiar dos professores. Queremos levar as reuniões online entre as diferentes equipas de docentes, possibilitando que quando o docente termine o seu horário de trabalho não tenha necessidade de aguardar muito tempo na escola por uma reunião. Queremos aproveitar as potencialidades da plataforma LMS (Sistemas de Gestão de Aprendizagem Online) escolhida pela escola. Queremos menos papéis.

E queremos estar juntos presencialmente. Queremos olhar nos olhos, sem intermédio de uma câmara. Queremos ouvir-nos sem interrupções. Queremos conviver. Queremos os intervalos. Queremos a sala de aula. Queremos melhorar a forma de apoiar os alunos com mais dificuldades, queremos melhorar a forma de apoiar os alunos que querem aprender sempre mais.

E queremos que, atempadamente, porque ainda faltam seis meses para o início do novo ano letivo, se reflita seriamente como conseguir O MELHOR DOS DOIS MUNDOS. Sejamos todos autores, criadores. Ousemos em mudar. Juntos!

Já passou uma oportunidade, não deixemos passar esta!

## A Escola ausente



Teresa Pombo<sup>15</sup>

### 1. De que é feita a Escola

O núcleo da Escola, algo que tendemos a esquecer, é a relação pedagógica. A própria etimologia da palavra “pedagogo” no-lo recorda: no processo pedagógico, o mestre conduz o discípulo através de um percurso de descoberta que é também de autoconhecimento. Na verdade, todos os outros sinónimos reforçam essa mesma relação (cf [Ciberdúvidas](#)). Trata-se, inclusive, de um processo em *continuum* como deixa entrever esse quase gerúndio de outro termo: docente, aquele que ensina.

Quando, devido à necessidade de confinamento social provocado pela Pandemia que ainda vivemos, houve necessidade de encerrar os portões do edifício Escola, temeu-se que fosse a morte dessa mesma Escola. Como poderia ser criada uma Escola diferente? Na verdade, a preocupação maior só poderia ter sido uma, manter bem forte a relação pedagógica pelos meios ao dispor. Para tal, era preciso (i) que os meios existissem e (ii) - volto a sublinhar, o mais importante - que a relação pedagógica estivesse criada. E a relação pedagógica faz sempre pressupor algo, vontade de aprender. Não falo apenas dos alunos.

### 2. De que é feita a vontade de Aprender

Mistério e fascínio. Acredito que o desejo de aprender seja inerente a todo o ser humano e que a aprendizagem provoca sempre deslumbramento. O que nem sempre se passa na Escola que temos. Do lado dos Professores porque se sentem cansados, sobrecarregados por anos de desvalorização social do seu papel (tomado por certo mas financeiramente pouco recompensador quando comparado com outras profissões que exigem não só a mesma preparação académica mas uma formação contínua

---

<sup>15</sup> Escola Básica Carlos Gargaté / PNL2027

permanentemente atualizada); do lado dos alunos, e das respectivas famílias, porque nem sempre mais conhecimento e melhor aprendizagem, e o labor que implicam, são realmente vistos como bens essenciais de primeira necessidade e absolutamente necessários a um posicionamento digno na sociedade.

Não há aprendizagem sem vontade, sem desejo, sem investimento. Quando a Escola fechou, era preciso que todos estivéssemos munidos das condições para criar no espaço que restou - o lar - as condições essenciais para que esse desejo permanecesse e favorecesse as aprendizagens. Como todos sabemos, infelizmente, nem sempre foi o caso. Poderia existir vontade de aprender sem pão para comer? com a ansiedade crescente provocada pelo desemprego dos pais? pela impossibilidade de assegurar despesas mínimas? com a doença a bater à porta porque há profissões em que o teletrabalho que protege simplesmente não é possível? Teria sido preciso que a escola já tivesse educado esses alunos para a autonomia e resiliência. O que nem sempre é feito. Ou perfeito.

### **3. De que é feito o Ensinar**

A Escola em casa transformou o contexto de aprendizagem e mostrou que, em pleno século XXI, a escola não pode ser feita de comunicação unilateral, de um Professor que fala e de um aluno que escuta. A Escola é precisamente isso, a criação de contextos diversos de aprendizagem tão ricos e adaptados quanto as necessidades dos alunos. Ensinar é organizar esses contextos de aprendizagem de forma a que, alternando momentos de trabalho autónomo com outros de trabalho colaborativo (com o Professor, com os colegas), o aluno percorra uma determinada sequência, uma viagem de que conhece as regras à partida, para a qual prepara uma bagagem, durante a qual passa por etapas e, esperamos, chega ao seu destino. Todo este percurso pode ser apoiado e facilitado pelo digital. É preciso saber.

### **4. O digital (que) transforma**

A transição digital tem vindo a ser referida como uma necessidade absoluta das escolas como se, por magia, tudo o que a comunicação digital permite pudesse entrar na sala de aula e resolver os problemas da educação, do insucesso e do abandono escolar. É certo que a Pandemia veio acelerar para alguns o conhecimento do potencial

que os dispositivos existentes, alguns já em tantos bolsos, muitas vezes banidos da sala de aula, tinham para a comunicação, para a manutenção da fundamental relação pedagógica, para a realização de aprendizagens. Todavia, é preciso não esquecer que muitos bolsos estavam, afinal, vazios e que as redes de comunicação digital, são, em muitos locais do país, inexistentes ou fracas. Ficando assente a aprendizagem nessa comunicação digital, tudo se perderia. E os problemas eram, no fim de contas, mais que as soluções milagrosas prometidas: nem os alunos, e muito menos os encarregados de educação tinham desenvolvidas as competências digitais necessárias para, naquele momento, poderem usufruir de tudo o que de bom o digital poderia trazer à educação. O problema estava lá atrás. A transição digital estava a chegar mas,... ofegante de tão atrasada.

Foram então, as situações resolvidas, os rasgos remendados, a imaginação foi o limite e a diversidade de vivências da escola por todo o país foi enorme: desde escolas que transferiram os horários da escola presencial para sessões em linha intermináveis com professores muitas vezes desorientados e alunos expectantes, a escolas que deram toda a liberdade aos seus professores que escolheram os meios para propor aos seus alunos alguns recursos e atividades, e outras ainda que, por força, de terem entre si alguns professores mais despertos para estas matérias, conseguiram propor planos de ensino a distância minimamente organizados, formações, recursos.,,, Um país a muitas velocidades. Foi a primeira vaga, entre essa e a segunda mediaram seis meses, mais coisa, menos coisa. Tempo para respirar, recuperar mas, sobretudo, avaliar e preparar.... quem o fez? as escolas, com os seus recursos e alguma ajuda, ainda assim insuficiente. Para uma completa transição digital, faltavam ainda muitos meios e se havia já alguns equipamentos para os alunos mais desfavorecidos, continuava a faltar formação organizada para os professores a quem também é preciso... favorecer. E chegamos ao fim do segundo período de EaD. Cansados, todos. Com um sentimento unânime: fizemos o melhor que pudemos.

## **5. Que transformação?**

Uma das virtudes que tem sido apontada na digitalização da escola tem sido a de poder tornar o ensino mais ativo. Prefiro sempre pensar que aquilo que deve tornar-se mais ativo é, sem sombra de dúvida, a aprendizagem. A aprendizagem só ocorre quando há desejo, vontade, assunção de uma necessidade e curiosidade. Tudo o que um aluno procura de *motu proprio*, encontra, aprende, faz, domina,... E, diga-se, e não de passagem, que a aprendizagem ativa nunca precisou do digital para o ser. A aprendizagem acontece quando se coloca o aluno no centro do seu próprio processo de aprendizagem, quando se partilha com ele as regras do jogo, os objetivos, as necessidades de investimento, se desenham os contextos, se organizam as tarefas, se assegura o *feedback*, se avalia, se repete, se progride e ao aluno cabe uma boa parte das decisões a tomar com base na orientação do Professor. O aluno não escuta apenas, fala também, não responde somente, faz as perguntas, não aceita, procura.

## **6. Não transformem a Escola, deixem que a Escola se transforme**

Por estes dias - estou a escrever na última semana de 2021 - todos os Agrupamentos de Escolas e escolas não agrupadas do país estão a preparar os seus Planos para o Desenvolvimento Digital das Escolas (PADDE), apoiados pelos Centro de Formação de Escolas da sua área geográfica e por um Embaixador digital (cfg. <https://www.dge.mec.pt/pcdd/pdde.html>) O Plano pressupõe que, depois de um momento de autoavaliação dos docentes, suportado por um questionário que tem por base o referencial DigComEdu, as escolas realizem uma auto-análise e definam um Plano que preveja não só a promoção das competências digitais dos seus docentes (formação essa que será assegurada em três níveis de complexidade por um conjunto de formadores afectos aos CFAE) como também uma gestão ordenada dos recursos tecnológicos de que dispõem, os que lhe serão atribuídos para empréstimo aos alunos e docentes, eventualmente outros que, dentro do seu parco orçamento prevejam que possam necessitar numa visão enquadrada por outros objetivos e a participação noutra tipo de projetos, nomeadamente europeus financiados pela Agência Erasmus. O plano prevê, igualmente, que seja definida uma política específica de produção e gestão de recursos educativos digitais, entre outros aspetos. Nada do que o PADDE prevê poderá ser cumprido sem um investimento sério na promoção da colaboração entre docentes. E a colaboração é, de facto, a palavra chave. Sendo um dos pilares já do [Perfil dos Alunos](#)

à Saída da Escolaridade obrigatória (uma das áreas de competência previstas é a do Relacionamento Interpessoal onde se prevê que seja o aluno capaz de adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração “e competição; trabalhar em equipa e usar diferentes meios para comunicar presencialmente e em rede; interagir com tolerância, empatia e responsabilidade e argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade” (p. 25), a colaboração não pode ser promovida entre os alunos sem que os docentes a experimente primeiro. Tal ficou bem evidente durante os primeiros meses do primeiro período de ensino remoto, onde redes de professores se criaram, espontânea e rapidamente, de modo a poder, colaborativamente, encontrar soluções adequadas às mudanças profundas nos modos de ensinar provocados pelo fecho da Escola.

A resposta que cada escola deu a si mesma nesse momento foi, como já afirmei, reveladora das diferenças de ritmos a que vivemos, tendo-se assistido a práticas bem distintas entre escolas geograficamente próximas que, num segundo momento, se terão unido procurando uniformizar práticas apesar das diferenças dos seus contextos sociais. Apesar de todas as mais recentes mudanças legislativas (algo a que a Escola esteve sempre sujeita), parece evidente que essas mudanças apenas fornecem um contexto para que cada escola com o autoconhecimento de que dispõe se transforme, se redesenhe e se pense num futuro próximo. Quem somos? de onde vimos, para onde queremos ir. O que é que os nossos docentes e alunos já sabem fazer? o que conseguem fazer com as condições que entretanto criamos? como podemos potenciar não só a uniformização como o avanço digital de toda a comunidade escolar? de que modo as transformações que pretendemos operar através do digital (na forma como nos organizamos, na forma como comunicamos, como colaboramos, ensinamos e aprendemos) irão contribuir para o sucesso das aprendizagens?

## **7. A escola na ponta dos dedos**

Sabemos que a Escola digital que se pretende que, de uma vez por todas, exista verdadeiramente a par da escola física, terá que ser aquela que conseguir proporcionar

um contexto de ensino e de aprendizagem híbrido; híbrido porque tanto funciona no espaço de sala de aula, cara a cara, como decorre num ambiente digital paralelo. Mas o ideal é que a transição entre um e outro seja uma vivência natural; que as portas da sala de aula não se fechem e que a aprendizagem possa de facto acontecer em qualquer lugar e em qualquer momento. Ora, para que tal aconteça, para que o aluno possa verdadeiramente interagir com os novos contextos de aprendizagem, possa ser autónomo, aprenda a identificar as suas necessidades, a reconhecer e a utilizar os instrumentos de que necessita para se envolver em determinadas atividades que irão conduzir ao desenvolvimento das suas competências nas várias áreas do currículo, é preciso que a escola se transforme, seja mais flexível, seja menos compartimentada e a colaboração entre áreas disciplinares aconteça de forma mais natural, de preferência, no contexto de projetos pensados pelos alunos.

#### **8. A escola da diferença**

A escola que descrevi é, sem dúvida nenhuma, uma escola da diferença; uma escola que reconhece os alunos como indivíduos e que, se procura dar as mesmas condições a todos, verdadeiramente, é porque deseja que todos se envolvam em pleno.

#### **9. A escola de um futuro que não espera**

A escola que descrevi não é uma escola que seja do futuro porque a escola não pode esperar e, na verdade, a transição digital já começou; só precisa é de ser acelerada, potenciada, refletida e implementada.

#### **10. A escola presente**

Não sabemos se vivemos em fevereiro e março de 2021 o último período de confinamento, se teremos que regressar a uma escola que não existia e que, entretanto, tentamos construir com entusiasmo mas também com dificuldades. Será, contudo, importante lembrar que as fundações estão prontas: a consciência de que é preciso incentivar a autonomia do aluno, incentivar o aprender a aprender pois a aprendizagem ao longo da vida é chave de sucesso, valorizar cada vez mais a sua competência leitora, dotarmo-nos, todos, de competências para o trabalho com as ferramentas mais atuais e, sobretudo, de competências para o decifrar das mensagens nos meios mais atuais;

lembrarmos, mais do que nunca, de que os espaços para a aprendizagem colaborativa são valiosos.